

Fernando Savater

# ***Ética para meu filho***

Martins Fontes  
São Paulo 2004

TRADUÇÃO  
MONICA STAHEL

Martins Fontes  
São Paulo 2004

Titulo original ÉTICA. PARA AMADOR

Publicado por Editorial Anel

Copyright (c) 1991, Fernando Savater

Copyright (c) 1993 Lnrana Martins Fontes Editora Ltda

São Paulo para a presente edição

1a edição

julho de 1993

3a edição abril de 2004

Tradução  
MONICA STAHEL

Preparação do original  
Vadim Valentmovtch Nikitm

Revisão gráfica  
Flora Maria de Campos Fernandes

Produção gráfica  
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do  
Livro, SP, Brasil)

Savater, Fernando

Ética para meu filho / Fernando Savater , tradução Momca Stahel - 3a ed - São  
Paulo Martins Fontes, 2004

Título original Ética para Amador

1 Ética

índices para catalogo sistemático:

1 Ética para adolescentes 170 24055

Todos os direitos desta edição para o Brasil resevados à Livraria Martins Fontes  
Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 01325-000 São Paulo SP Brasil Tel  
(11)32413677 Fax (11) 3105 6867

e-mail mfo@martmsfontes com br http iiwww martinsfontes com br

# Sumário

*Advertência antipedagógica 6*

*Prólogo 11*

Capítulo 1. O que é a ética? 17

Capítulo 2. Ordens, costumes e caprichos 33

Capítulo 3. Faça o que quiser 49

Capítulo 4. Dê a si mesmo uma vida boa 65

Capítulo 5. Vamos, acorde! 81

Capítulo 6. Surge o Grilo Sábio 95

Capítulo 7. Ponha-se no lugar do outro 115

Capítulo 8. Muito prazer 137

Capítulo 9. Eleições gerais 153

*Epílogo. Cabe a você pensar 171*

*Apêndice. Dez anos depois: diante do novo milênio 177*

***A Sara,  
por sua amorosa impaciência  
com Amador e comigo.***

*"Escuta, meu filho, disse o demônio,  
colocando sua mão sobre minha cabeça..."*

EDGAR ALLAN POE, *Silêncio.*

## *Advertência antipedagógica*

Este livro não é um manual de ética para alunos do colegial. Não contém informações sobre os autores mais notáveis e movimentos mais importantes da teoria moral ao longo da história. Não tive intenção de colocar o imperativo categórico ao alcance de todos os públicos...

Também não se trata de um receituário de respostas moralizantes aos problemas cotidianos que podemos encontrar no jornal e na rua, do aborto à objeção de consciência, passando pelo preservativo. Não creio que a ética sirva para solucionar nenhum debate, embora seu ofício seja colaborar para iniciar todos eles...

Deve-se falar em ética no ensino médio? De início, parece-me nefasto apresentar uma matéria com esse nome como alternativa à aula de doutrinação religioso. A pobre ética não veio ao mundo para dedicar-se a escorar ou a substituir catecismos... pelo menos não o deveria fazer, a esta altura do século XX. Mas não tenho nenhuma certeza de que devam ser evitadas algumas primeiras considerações gerais sobre o sentido da liberdade nem de que sejam suficientes, a esse respeito, algumas considerações deontológicas incrustadas em cada uma das demais disciplinas. A reflexão moral não é apenas um assunto especializado mais para quem deseje fazer cursos superiores de filosofia, mas é uma parte essencial de qualquer educação digna desse nome.

Este livro não é mais do que isso, apenas um livro. Pessoal e subjetivo, como a relação que une um pai a seu filho; mas por isso mesmo universal como a relação entre pai e filho, a mais comum de todas. Ele foi pensado e escrito para ser lido pelos adolescentes: provavelmente ensinará muito pouca coisa a seus professores. Seu objetivo não é fabricar cidadãos bem-pensantes (muito menos malpensados), mas estimular o desenvolvimento de livres-pensadores.

*Madri, 26 de janeiro de 1991*

## *Prólogo*

Às vezes, Amador, tenho vontade de lhe contar muitas coisas. Mas guardo-as para mim, fique tranqüilo, pois já devo aborrecê-lo com muitos discursos em meu ofício de pai, para ainda acrescentar outros suplementares fantasiado de filósofo. Compreendo que a paciência dos filhos também tem um limite. Além disso, não quero que aconteça comigo o mesmo que com um amigo meu, galego, quando certo dia estava contemplando o mar com seu garoto de cinco anos. O pirralho lhe disse, em tom sonhador: "Papai, gostaria que a mamãe, você e eu saíssemos num barquinho para passear pelo mar." Meu sentimental amigo, com um nó na garganta bem em cima do nó da gravata, respondeu: "Claro, meu filho, vamos quando você quiser!" "E quando estivermos bem longe", continuou fantasiando a terna criatura, "vou jogar os dois na água para vocês se afogarem." Do coração partido do pai brotou uma exclamação de dor: "Mas, meu filho...!" "Claro, papai. Então você não sabe que vocês pais nos aborrecem muito?" Fim da primeira lição.

Se até uma criança de cinco anos consegue perceber isso, imagino que um marmanjo de mais de quinze, como você, deva estar cansado de sabê-lo. De modo que não é minha intenção lhe dar mais motivos para o parricídio do que os usuais nas famílias bem ajustadas. Por outro lado, sempre achei aborrecidos esses pais empenhados em ser "o melhor amigo de seus filhos". Vocês, meninos, devem ter amigos da sua idade: amigos e amigas, claro. Com pais, professores e outros adultos é possível, na melhor das hipóteses, entender-se razoavelmente bem, o que já é bastante. Mas entender-se razoavelmente bem com um adulto inclui, às vezes, ter vontade de afogá-lo. Caso contrário, não é válido. Se eu tivesse quinze anos, o que já não é provável que volte a acontecer, desconfiaria de todos os adultos "simpáticos" demais, de todos os que desejassem parecer mais jovens do que eu e de todos os que me dessem razão sistematicamente. Você sabe, aqueles que sempre afirmam que "vocês jovens são maravilhosos", "sinto-me tão jovem quanto vocês" e bobagens do tipo. Olho neles! Alguma coisa devem estar querendo com tantos galanteios. Um pai ou um professor que se prezem precisam ser um pouco aborrecidos, ou não servirão para nada. De jovem basta você.

De modo que me ocorreu escrever algumas coisas que em certos momentos quis lhe contar mas não soube, ou não ousei. Quando um pai fala de um assunto filosófico, é preciso ficar olhando para ele, fazendo cara de interesse embora sonhando com o momento libertador de sair correndo para ver televisão. Mas um livro você pode ler quando dá vontade, em horas perdidas, e sem necessidade de mostrar respeito: ao virar as páginas, você pode bocejar ou rir, com toda a liberdade. Uma vez que a maior parte do que vou lhe dizer tem justamente a ver com a liberdade, é mais adequado para ser lido do que para ser ouvido como sermão. Mas, isso sim, será preciso prestar um pouco de atenção em mim (aproximadamente a metade da atenção que você dedica a aprender um novo jogo de computador) e ter um pouco de paciência, principalmente nos primeiros capítulos. Embora compreendendo que isso possa tornar as coisas bem mais difíceis, não quis poupar-lhe o esforço de pensar passo a passo nem tratá-lo como se fosse um idiota. Na minha opinião, com a qual não sei se você concorda, quando tratamos alguém como idiota é muito provável que, se ainda não o for, logo venha a sê-lo...

Do que me proponho a falar? Da minha vida e da sua, nada mais nada menos. Ou, se preferir: do que eu faço e do que você está começando a fazer. Quanto ao que eu faço, gostaria de, finalmente, responder uma pergunta que você me fez à queima-roupa há muitos anos - talvez você nem lembre - e que na hora ficou sem resposta. Você devia ter uns seis anos, e estávamos passando o verão em Torrelodones. Aquela tarde, como as outras, eu estava datilografando sem muita vontade na minha Olivetti portátil, fechado no quarto, diante da foto da cauda de uma baleia enorme, erguida e respingando sobre o mar azul. Ouvia você e seus primos brincarem na piscina; via-os correr pelo jardim. Desculpe o pieguismo confidencial: senti-me encharcado de suor e de felicidade. De repente você chegou até a janela aberta e disse: "Oi. O que você está maquinando!" Respondi qualquer bobagem, pois não era o caso de começar a explicar que estava tentando escrever um livro de ética. Você não estava nem interessado em saber o que fosse a ética nem disposto a me dar atenção durante muito mais de três minutos. Talvez só quisesse me fazer lembrar que estava ali: como se em algum momento eu pudesse esquecê-lo, então ou agora! Mas os outros já o chamavam e você saiu correndo. Continuei maquinando, e é agora, quase dez anos mais tarde, que finalmente resolvi lhe dar explicações sobre essa coisa preciosa, a ética, da qual continuo me ocupando. Alguns anos depois, e também em nosso miniparaíso de Torrelodones, você me contou um sonho que havia



tido. Será que também não lembra? Você estava num campo muito escuro, parecia de noite, e soprava um vento terrível. Você se agarrava às árvores, às pedras, mas era implacavelmente arrastado pelo furacão, como a menina de O mágico de Oz. Então, rodopiando no ar rumo ao desconhecido, você ouviu minha voz (e explicou: "Eu não o via, mas sabia que era você") dizendo: "Tenha confiança! Tenha confiança!" Você não imagina o presente que me deu contando esse maravilhoso pesadelo: nem que eu vivesse mil anos poderia lhe pagar o orgulho daquela tarde em que fiquei sabendo que minha voz era capaz de encorajá-lo. Pois bem, tudo o que vou lhe dizer nas páginas que se seguem são apenas repetições deste único conselho: tenha confiança. Não em mim, é claro, nem em qualquer sábio, mesmo que seja dos verdadeiros, nem em prefeitos, padres ou policiais. Também não em deuses ou diabos, nem em máquinas, nem em bandeiras. Tenha confiança em si mesmo, na inteligência que lhe permitirá ser melhor do que já é e no instinto de seu amor, que o abrirá para merecer boa companhia. Como você vê, este não é um romance de mistério, desses que é preciso ler até a última página para saber quem é o criminoso. Estou tão apressado que já começo revelando no prólogo a última lição.

Talvez você suspeite de que estou tentando fazer sua cabeça, e em certo sentido tem razão. Muitos povos antropófagos abrem - ou abriam - o crânio de seus inimigos para comer parte de seu cérebro, pretendendo assim apropriar-se de sua sabedoria, de seus mitos, de sua coragem.

Neste livro, estou lhe dando para comer um pouco da minha própria cabeça e também aproveito para comer um pouco da sua. Não sei se você poderá tirar muito alimento do meu miolo: talvez apenas uns pedaços da experiência de um príncipe que nem tudo aprendeu nos livros. Quanto a mim, quero apropriar-me, mordiscando, de uma boa porção do tesouro que você tem de sobra: juventude intacta. Bom apetite para nós dois!

## ***Capítulo I***

### *O que é a ética?*

Há ciências que estudamos por simples interesse de saber coisas novas; outras, para adquirir uma habilidade que nos permita fazer ou utilizar alguma coisa; a maioria, para conseguir um trabalho e ganhar a vida com ele. Se não sentirmos curiosidade nem necessidade de realizar esses estudos, poderemos prescindir deles tranqüilamente. Há uma infinidade de conhecimentos muito interessantes mas sem os quais podemos nos arranjar muito bem para viver. Eu, por exemplo, lamento muito não ter nem idéia de astrofísica ou de marcenaria, que dão tanta satisfação a outras pessoas, embora essa ignorância nunca me tenha impedido de ir sobrevivendo até hoje. E você, se não me engano, conhece as regras do futebol mas é bem fraco em beisebol. Não tem maior importância, você desfruta os campeonatos mundiais, dispensa olímpicamente a liga americana e todo o mundo sai satisfeito.

O que eu quero dizer é que certas coisas a pessoa pode aprender ou não, conforme sua vontade. Como ninguém é capaz de saber tudo, o remédio é escolher e aceitar com humildade o muito que ignoramos. É possível viver sem saber astrofísica, marcenaria, futebol e até mesmo sem saber ler e escrever: vive-se pior, decerto, mas vive-se. No entanto, há outras coisas que é preciso saber porque, por assim dizer, são fundamentais para nossa vida. É preciso saber, por exemplo, que saltar de um balcão do sexto andar não é bom para a saúde; ou que uma dieta de pregos (perdoem-me os faquires!) e ácido prússico não nos permitirá chegar à velhice. Também não é aconselhável ignorar que, se dermos um safanão no vizinho cada vez que cruzarmos com ele, mais cedo ou mais tarde haverá conseqüências muito desagradáveis. Pequenezas desse tipo são importantes. Podemos viver de muitos modos, mas há modos que não nos deixam viver.

Em resumo, entre todos os saberes possíveis existe pelo menos um imprescindível: o de que certas coisas nos convêm e outras não. Certos alimentos não nos convêm, assim como certos comportamentos e certas atitudes. Quero dizer, é claro, que não nos convêm se desejamos continuar vivendo. Se alguém quiser arrebentar-se o quanto antes, beber lixívia poderá

ser muito adequado, ou também cercar-se do maior número possível de inimigos. Mas, de momento, vamos supor que preferimos viver, deixando de lado, por enquanto, os respeitáveis gostos do suicida. Assim, há coisas que nos convêm, e o que nos convém costumamos dizer que é "bom", pois nos cai bem; outras, em compensação, não nos convém, caem-nos muito mal, e o que não nos convém dizemos que é "mau". Saber o que nos convém, ou seja, distinguir entre o bom e o mau, é um conhecimento que todos nós tentamos adquirir - todos, sem exceção - pela compensação que nos traz.

Como afirmei antes, há coisas boas e más para a saúde: é necessário saber o que devemos comer, ou que o fogo às vezes aquece e outras vezes queima, ou ainda que a água pode matar a sede e também nos afogar. No entanto, às vezes as coisas não são tão simples: certas drogas, por exemplo, aumentam nossa energia ou produzem sensações agradáveis, mas seu abuso contínuo pode ser nocivo. Em alguns aspectos são boas, mas em outros são más: elas nos convêm

e ao mesmo tempo não nos convém. No terreno das relações humanas, essas ambigüidades ocorrem com maior freqüência ainda. A mentira é, em geral, algo mau, porque destrói a confiança na palavra - e todos nós precisamos falar para viver em sociedade - e provoca inimizade entre as pessoas; mas às vezes pode parecer útil ou benéfico mentir para obter alguma vantagem, ou até para fazer um favor a alguém. Por exemplo, é melhor dizer ao doente de câncer incurável a verdade sobre seu estado, ou deve-se enganá-lo para que ele viva suas últimas horas sem angústia? A mentira não nos convém, é má, mas às vezes parece acabar sendo boa. Procurar briga com os outros, como já dissemos, em geral é inconveniente, mas devemos consentir que violentem uma garota diante de nós sem interferir, sob pretexto de não nos metermos em confusão? Por outro lado, quem sempre diz a verdade - doa a quem doer - costuma colher a antipatia de todo o mundo; e quem interfere ao estilo Indiana Jones para salvar a garota agredida tem maior probabilidade de arrebentar a cabeça do que quem segue para casa assobiando. O que é mau às vezes parece ser mais ou menos bom e o que é bom tem, em certas ocasiões, aparência de mau. Haja confusão!

Saber viver não é tão fácil, pois é preciso lidar com diversos critérios opostos.

Em matemática ou geografia, há sábios e ignorantes, mas os sábios estão quase

sempre de acordo quanto ao fundamental. No viver, por outro lado, as opiniões estão longe de ser unânimes. Se alguém prefere levar uma vida emocionante, pode dedicar-se aos carros de Fórmula 1 ou ao alpinismo; mas quem preferir uma vida segura e tranqüila fará melhor em buscar as aventuras no videoclipe da esquina. Alguns garantem que o mais nobre é viver para os outros, mas há pessoas que acham que o mais útil é conseguir que os outros vivam para elas. Segundo certas opiniões, o que conta é ganhar dinheiro e nada mais, ao passo que outros afirmam que o dinheiro sem saúde, tempo livre, afeto sincero ou serenidade nada vale. Médicos respeitáveis mostram que renunciar ao fumo e ao álcool é um meio seguro de prolongar a vida, e os fumantes e bêbados respondem que com essas privações sua vida logo se tornaria muito mais frouxa. E assim por diante.

À primeira vista, a única coisa com que todos nós concordamos é que não concordamos com todos. Mas observe que também essas opiniões diferentes coincidem em outro ponto, ou seja, nossa vida é, pelo menos em parte, resultado daquilo que queremos. Se nossa vida fosse algo inteiramente determinado e fatal, irremediável, todas estas considerações não teriam o menor sentido. Ninguém discute sobre se as pedras devem cair para baixo ou para cima: elas caem para baixo e ponto final. Os castores fazem diques nos rios e as abelhas favos de alvéolos hexagonais: não há castores que tentem fazer alvéolos de favo nem abelhas que se dediquem à engenharia hidráulica. Em seu meio natural, cada animal parece saber perfeitamente o que é bom e o que é mau para ele, sem discussões ou dúvidas. Não há animais maus nem bons na natureza, embora talvez a mosca considere má a aranha que tece sua teia e a devora. Mas para a aranha isso é inevitável...

Vou lhe contar um caso dramático. Você conhece as térmitas, aquelas formigas brancas que, na África, constroem formigueiros impressionantes, de vários metros de altura e duros feito pedra. Como o corpo das térmitas é mole, por não ter a couraça de quitina que protege outros insetos, o formigueiro tem a função de uma grande carapaça coletiva que as defende contra certas formigas inimigas mais bem armadas do que elas. Mas às vezes um desses formigueiros desmorona por causa de uma inundação ou de algum elefante (os elefantes gostam de se coçar esfregando os flancos contra os termiteiros - o

que fazer?). Logo as térmitas-operárias põem-se a trabalhar para reconstruir depressa a fortaleza danificada. E as grandes formigas inimigas lançam-se ao ataque. As térmitas-soldados saem para defender sua tribo, tentando deter as inimigas. Como não podem competir com elas nem em tamanho nem em armamentos, dependuram-se nas atacantes tentando frear sua marcha, e vão sendo despedaçadas pelas mandíbulas das inimigas. As operárias trabalham celeremente para voltar a fechar o termiteiro ruído... mas fecham-no deixando fora as pobres e heróicas térmitas-soldados, que sacrificam suas vidas pela segurança das outras. Será que elas não merecem pelo menos uma medalha? Não é justo dizer que são valentes!

Muda o cenário, mas não o tema. Na *Ilíada*, Homero conta a história de Heitor, o melhor guerreiro de Tróia, que, fora das muralhas de sua cidade, espera obstinadamente por Aquiles, o enfurecido herói dos aqueus, mesmo sabendo que este é mais forte e provavelmente irá matá-lo. Heitor faz isso para cumprir seu dever, que consiste em defender sua família e seus concidadãos do terrível atacante. Ninguém duvida de que Heitor é um herói, um autêntico valente. Mas não será Heitor heróico e valente do mesmo modo que as térmitas-soldados, cuja gesta milhões de vezes repetida nenhum Homero preocupou-se em contar? Heitor, afinal, não faz a mesma coisa que qualquer uma das térmitas anônimas? Por que seu valor nos parece mais autêntico e mais difícil do que o dos insetos? Qual é a diferença entre um caso e outro?

Simplesmente, a diferença está em que as térmitas-soldados lutam e morrem porque têm de fazê-lo, inevitavelmente (como a aranha que come a mosca). Heitor, por outro lado, sai para enfrentar Aquiles porque quer. As térmitas-soldados não podem desertar, nem se rebelar, nem se esquivar para que outras tomem seu lugar: estão programadas necessariamente pela natureza para cumprirem sua missão heróica. O caso de Heitor é diferente. Poderia dizer que está doente ou que não tem vontade de enfrentar alguém mais forte do que ele. Talvez seus concidadãos o chamem de covarde e o considerem descarado, ou talvez lhe perguntem se tem outro plano para deter Aquiles, mas é indubitável que ele tem a possibilidade de negar-se a ser herói. Por maior que seja a pressão dos outros sobre ele, sempre poderá escapar do que se supõe que deva fazer: não está programado para ser herói, nenhum homem está. Daí o mérito de seu

gesto e o fato de Homero contar sua história com épica emoção. Ao contrário das térmitas, dizemos que Heitor é livre, e por isso admiramos seu valor.

Chegamos assim à palavra fundamental de toda essa confusão: liberdade. Os animais (sem falar nos minerais ou nas plantas) não têm outro remédio senão ser como são e fazer o que estão naturalmente programados para fazer. Não se pode repreendê-los ou aplaudi-los pelo que fazem, pois não sabem comportar-se de outro modo. Essa disposição obrigatória poupa-lhes, sem dúvida, muita dor de cabeça. Em certa medida, decerto, nós, seres humanos, também somos programados pela natureza. Somos feitos para beber água, e não lixívia, e, apesar de todas as nossas precauções, mais cedo ou mais tarde devemos morrer. E, de maneira menos imperiosa mas bem parecida, nosso programa cultural é determinante: nosso pensamento é condicionado pela linguagem que lhe dá forma (uma linguagem que nos é imposta de fora e que não inventamos para nosso uso pessoal) e somos educados dentro de certas tradições, hábitos, formas de comportamento, lendas...; em resumo, desde o berço nos são inculcadas certas fidelidades e não outras. Tudo isso pesa muito e faz com que sejamos bastante previsíveis. Voltemos ao exemplo de Heitor, de quem acabamos de falar. Sua programação natural fazia com que Heitor sentisse necessidade de proteção, abrigo e colaboração, benefícios que, bem ou mal, encontrava em

sua cidade de Tróia. Também era muito natural que considerasse com afeto sua mulher Andrômaca - que lhe proporcionava companhia aprazível - e seu filhinho, por quem sentia laços de apego biológico. Culturalmente, sentia-se parte de Tróia e compartilhava com os troianos a língua, os costumes e as tradições. Além disso, desde pequeno fora educado para ser um bom guerreiro a serviço de sua cidade, e lhe disseram que a covardia era algo aversivo, indigno de um homem. Se traísse os seus, Heitor sabia que seria desprezado e, de um modo ou de outro, castigado. De maneira que também estava bastante programado para agir como fez, não é mesmo? E no entanto... No entanto Heitor poderia ter dito: que vá tudo às favas! Poderia ter escapado de Tróia no meio da noite disfarçado de mulher, ou ter-se fingido de doente ou louco para não combater, ou ter-se ajoelhado diante de Aquiles oferecendo-lhe seus serviços como guia para invadir Tróia por seu lado mais vulnerável; também poderia ter-se entregado à bebida ou inventado uma nova religião que dissesse que não devemos lutar contra os inimigos mas oferecer a outra face quando nos esbofeteiam. Você me dirá que todos esses comportamentos teriam sido

extraordinários, em vista de quem era Heitor e da educação que recebera. Mas é preciso reconhecer que não são hipóteses impossíveis, ao passo que um castor que fabrique favos ou uma térmita desertora não são algo extraordinário, mas

estritamente impossível. Com os homens nunca é possível ter certeza absoluta, ao passo que com os animais ou com outros seres naturais sim. Por mais que sejamos programados biológica ou culturalmente, nós, seres humanos, sempre podemos, ao final, optar por algo que não esteja no programa (pelo menos que não esteja totalmente). Podemos dizer "sim" ou "não", quero ou não quero. Por mais que nos vejamos acudados pelas circunstâncias, nunca temos apenas um caminho a seguir, mas vários. Quando falo de liberdade, é a isso que estou me referindo: ao que nos diferencia das térmitas e das marés, de tudo o que se move de modo necessário e inevitável. É certo que não podemos fazer qualquer coisa que queiramos, mas também é certo que não somos obrigados a querer fazer uma única coisa. Aqui convém fazer dois esclarecimentos a respeito da liberdade:

Primeiro: Não somos livres para escolher o que nos acontece (termos nascido num determinado dia, de determinados pais, num determinado país, termos um câncer ou sermos atropelados por um carro, sermos feios ou bonitos, os aqueus se empenharem em conquistar nossa cidade, etc.), mas livres para responder ao que nos acontece de um ou outro modo (obedecer ou nos rebelar, ser prudentes ou temerários, vingativos ou resignados, vestir-nos na moda ou nos fantasiar de urso das cavernas, defender Tróia ou fugir, etc.).

Segundo: Sermos livres para tentar algo não significa consegui-lo infalivelmente. A liberdade (que consiste em escolher dentro do possível) não é o mesmo que a onipotência (que seria conseguir sempre o que se quer, mesmo parecendo impossível). Por isso, quanto maior for nossa capacidade de ação, melhores resultados poderemos obter de nossa liberdade. Sou livre para querer subir o monte Everest, mas, em vista do meu estado físico miserável e de meu preparo nulo para o alpinismo, é praticamente impossível que eu consiga meu objetivo. Em compensação, sou livre para ler ou não ler, mas, como aprendi a ler quando pequeno, não será muito difícil fazê-lo se assim eu decidir. Há coisas que dependem da minha vontade (e isso é ser livre), mas nem tudo depende de minha vontade (senão eu seria onipotente), pois no mundo há muitas outras vontades e muitas outras necessidades que não controlo conforme meu gosto. Se eu não conhecer a mim mesmo e ao mundo em que vivo, minha

liberdade às vezes irá esbarrar com o necessário. Mas - isso é importante - nem por isso deixarei de ser livre... mesmo que me queime.

Na realidade, existem muitas forças que limitam nossa liberdade, desde terremotos e doenças até tiranos. Mas nossa liberdade também é uma força no mundo, nossa força. No entanto, se você conversar com as pessoas, verá que a maioria tem muito mais consciência do que limita sua liberdade do que da própria liberdade. Muita gente lhe dirá: "Liberdade? Mas de que liberdade você está falando? Como

podemos ser livres se nos fazem a cabeça através da televisão, se os governantes nos enganam e nos manipulam, se os terroristas nos ameaçam, se as drogas nos escravizam e se, além de tudo, não tenho dinheiro para comprar uma moto, que é o que eu desejaria?" Se você prestar um pouco de atenção, verá que aqueles que falam assim parecem estar se queixando mas, na verdade,

estão muito satisfeitos por saber que não são livres. No fundo, eles pensam: "Ufa! Que peso tiramos de cima de nós! Como não somos livres, não podemos ter a culpa de nada que nos aconteça..." Mas tenho certeza de que ninguém - ninguém - acredita de verdade que não é livre, ninguém aceita tranquilamente que funciona como um mecanismo inexorável de relógio ou como uma térmita. Podemos achar que optar livremente por certas coisas em certas circunstâncias é muito difícil (entrar numa casa em chamas para salvar uma criança, por exemplo, ou enfrentar um tirano com firmeza) e que é melhor dizer que não há liberdade para não reconhecermos que preferimos livremente o mais fácil, ou seja, esperar os bombeiros ou lambe as botas de quem está pisando em nosso pescoço. Mas em nossas entranhas alguma coisa insiste em dizer: "Se você quisesse..." Quando alguém insistir em negar que nós, seres humanos, somos livres, aconselho-o a aplicar a essa pessoa a prova do filósofo romano. Na

Antiguidade, um filósofo romano discutia com um amigo que negava a liberdade humana e afirmava que todos os homens não têm outro remédio senão fazer o que fazem. O filósofo pegou sua bengala e começou a golpear o amigo com toda a força. "Pare, chega, não me bata mais!", dizia o outro. E o filósofo, sem parar de espancá-lo, continuou argumentando: "Você não está dizendo que não sou livre e que não posso evitar fazer o que faço? Pois então não gaste saliva pedindome para parar: sou automático." Enquanto o amigo não reconheceu que o filósofo podia livremente deixar de golpeá-lo, o filósofo não suspendeu as bengaladas. A prova é boa, mas você só deve utilizá-la em caso



extremo e sempre com amigos que não pratiquem artes marciais...

Resumindo: ao contrário de outros seres, animados ou inanimados, nós homens podemos inventar e escolher, em parte, nossa forma de vida. Podemos optar pelo que nos parece bom, ou seja, conveniente para nós, em oposição ao que nos parece mau e inconveniente. Como podemos inventar e escolher, podemos nos enganar, o que não acontece com os castores, as abelhas e as térmitas. De modo que parece prudente atentarmos bem para o que fazemos, procurando adquirir um certo saber-viver que nos permita acertar. Esse saber-viver, ou arte de viver, se você preferir, é o que se chama de ética. E é disso que continuaremos falando nas páginas seguintes deste livro, se você tiver paciência.

Vá dando uma lida...

"E se agora, deixando no chão o abaulado escudo e o forte capacete, e apoiada a lança  
contra o muro, saísse ao encontro do inexorável Aquiles, dizendo a ele que  
permitiria que os  
atridas levassem Helena e as riquezas que Alexandre trouxe a Ilíon nas côncavas  
naves, que  
foi o que deu origem à guerra, e lhe oferecesse para repartir com os aqueus a  
metade do que  
a cidade contém e mais tarde tomasse o juramento dos troianos de que, sem  
nada ocultar,  
formariam dois lotes com todos os bens existentes dentro da formosa cidade?...  
Mas por que  
em tais coisas me faz pensar o coração?" (Homero, Ilíada)

' 'A liberdade não é uma filosofia e nem sequer uma idéia: é um movimento da  
consciência  
que nos leva, em certos momentos, a pronunciar dois monossílabos: Sim ou  
Não. Em sua  
brevidade instantânea, como à luz do relâmpago, desenha-se o signo  
contraditório da  
natureza humana." (Octavio Paz, A outra voz)

"A vida do homem não pode 'ser vivida' repetindo os padrões de sua espécie; é ele mesmo  
- cada um - quem deve viver. O homem é o único animal que pode se enfastiar, que pode  
se desgostar, que pode sentir-se expulso do paraíso." (Erich Fromm, Ética e psicanálise)

## Capítulo 2

### *Ordens, costumes e caprichos*

Lembro brevemente onde paramos. Está claro que há coisas que nos convêm e outras que não nos convêm para viver, mas nem sempre está claro quais são as coisas que nos convêm. Embora não possamos escolher o que nos acontece, podemos, por outro lado, escolher o que fazer diante do que nos acontece. Modéstia à parte, nosso caso se parece mais com o de Heitor do que com o das beneméritas térmitas... Quando vamos fazer algo, nós o fazemos porque preferimos fazer isso a fazer outra coisa, ou porque preferimos fazê-lo a não o fazer. Então sempre fazemos o que queremos? Ora, nem tanto. Às vezes as circunstâncias nos obrigam a escolher entre duas possibilidades que não escolhemos: digamos que há ocasiões em que escolhemos embora preferíssemos não precisar escolher.

Um dos primeiros filósofos a se ocupar dessas questões, Aristóteles, imaginou o seguinte exemplo. Um barco está levando uma carga importante de um porto a outro.

No meio do trajeto, é surpreendido por uma tremenda tempestade. Parece que a única maneira de salvar o barco e a tripulação é jogar na água o carregamento, que além de importante é pesado. O capitão do navio se coloca o seguinte problema: "Devo jogar a mercadoria ou me arriscar a enfrentar o temporal com ela no porão, esperando que o tempo melhore ou que a embarcação resista?" Sem dúvida, se ele jogar a carga será por preferir fazer isso a enfrentar o risco, mas seria injusto dizer simplesmente que ele quer jogá-la. O que o capitão quer de fato é chegar ao porto com seu barco, sua tripulação e sua mercadoria: isso é o que mais lhe convém. No entanto, dadas as circunstâncias tempestuosas, prefere salvar sua vida e a da tripulação a salvar a carga, por mais preciosa que seja. Oxalá a maldita tempestade não se tivesse desencadeado! Mas ele não pode escolher a tempestade, pois é uma coisa que lhe é imposta, que lhe acontece, queira ou não; por outro lado, o que ele pode escolher é o comportamento a ser adotado diante do perigo que o ameaça. Se o capitão jogar o carregamento na água, irá fazê-lo porque quer... e ao mesmo tempo sem querer. Quer viver, salvar-se e salvar os homens que dependem dele, salvar seu

barco; mas não quer ficar sem a carga e o lucro que ela representa, por isso irá desfazer-se dela muito a contragosto. Sem dúvida, preferiria não se ver diante da situação de precisar escolher entre a perda de seus bens e a perda de sua vida. No entanto, não há outro remédio e é preciso decidir: ele escolherá o que quer mais, o que julga mais conveniente. Poderíamos dizer que ele é livre porque não há outro remédio, livre para optar em circunstâncias que não escolheu padecer.

Quase sempre que, em ocasiões difíceis ou importantes, refletimos sobre o que vamos fazer, vemo-nos numa situação parecida com a do capitão de navio mencionado por Aristóteles. Mas, é claro, nem sempre as coisas se colocam de maneira tão adversa. Às vezes as circunstâncias são menos aflitivas, e, se estou insistindo em lhe dar apenas exemplos que envolvem turbulências, pode rebelar-se contra eles, como fez aquele aprendiz de aviador. Seu professor de vôo perguntou-lhe: "Você está num avião, desencadeia-se uma tempestade e seu motor fica inutilizado. O que você faz?" O aluno respondeu: "Continuo com o outro motor." "Tudo bem", disse o professor, "mas vem outra tempestade e inutiliza também esse motor. Como é que você se arruma?" "Pois continuo com o outro motor." "Esse também é destruído por outra tempestade. E então?" "Pois continuo com o outro motor." "Ora, vamos", zangou-se o professor, "posso saber de onde é que você foi arranjar tantos motores?" E o aluno, imperturbável: "No mesmo lugar onde o senhor arranjou tantas tempestades." Não, vamos deixar de lado o tormento das tormentas. Vamos ver o que acontece com tempo bom.

Em geral, as pessoas não passam a vida só pensando no que convém ou não convém fazer. Felizmente, não costumamos ser tão acuados pela vida como o capitão do bendito barquinho do qual falamos. Se quisermos ser sinceros, deveremos reconhecer que realizamos a maioria dos nossos atos quase automaticamente, sem dar muitas voltas em torno do assunto. Lembre-se comigo, por favor, do que você fez esta manhã. O despertador tocou indecorosamente cedo, e você, em vez de arrebatá-lo contra a parede, como teria vontade de fazer, desligou o alarme. Ainda ficou por um momento debaixo das cobertas, tentando aproveitar os últimos e preciosos minutos de comodidade horizontal. Depois achou que estava ficando tarde, e o ônibus para o colégio não espera, de modo que você se levantou com santa resignação. Sei que você não gosta muito de escovar os dentes, mas como insisto tanto para que o faça, você compareceu, entre bocejos, ao encontro com a escova e a

pasta. Tomou banho quase sem saber o que estava fazendo, pois é uma coisa que já faz parte da rotina de todas as manhãs. Depois tomou café com leite e comeu a habitual torrada com manteiga. Então foi para a árdua rua. Ao caminhar para o ponto de ônibus recordando mentalmente os problemas de matemática - hoje não era dia de prova? -, você ia chutando distraidamente uma lata vazia de coca-cola. Mais tarde o ônibus, o colégio, etc.

Francamente, não creio que você tenha realizado cada um desses atos depois de angustiantes meditações: "Levanto ou não levanto? Tomo ou não tomo banho? Tomar café da manhã ou não tomar café da manhã, eis a questão!" A aflição do pobre capitão de navio que estava quase soçobrando, tentando decidir com toda a pressa se jogava a carga fora ou não, se parece pouco com suas sonolentas decisões desta manhã. Você agiu de maneira quase instintiva, sem se colocar muitos problemas. No fundo é o mais cômodo e o mais eficaz, não é mesmo? Às vezes estender-nos muito a respeito do que fazemos acaba por nos paralisar. É como ao andar: se a pessoa começa a olhar para os pés e dizer "agora o direito, depois o esquerdo, etc.", o mais certo é que leve um tropeção ou acabe parando. Mas eu gostaria que agora, retrospectivamente, você se perguntasse o que não se perguntou de manhã, ou seja: por que fiz o que fiz? por que aquele gesto e não o contrário ou talvez outro qualquer?

Suponho que essa indagação o deixe um pouco indignado. Ora! Por que ser obrigado a levantar às sete e meia, escovar os dentes e ir para o colégio? E eu ainda pergunto? Pois justamente porque eu insisto em que você o faça e o repreendo de mil maneiras, com ameaças e promessas, para obrigá-lo! Se você continuasse na cama, iria levar no mínimo uma bronca! Claro que alguns dos gestos mencionados, como tomar banho ou tomar café, você realiza sem se lembrar de mim, pois são coisas que sempre fazemos ao levantar e que todo o mundo repete. Assim também vestir calça em vez de ir de cueca, por mais que faça calor... Quanto a tomar o ônibus, bem, para chegar a tempo não há outro remédio, pois o colégio é longe para ir a pé e não sou tão generoso a ponto de lhe pagar um táxi de ida e volta todos os dias. E quanto a ir chutando a lata? Pois isso você faz porque faz, porque dá vontade.

Vamos então detalhar a série de diferentes motivos que você tem para seus comportamentos matutinos. Você sabe o que é um "motivo", no sentido que a palavra recebe nesse contexto: é a razão que se tem, ou pelo menos que se acredita ter, para fazer alguma coisa, a explicação mais aceitável de nossa

conduta quando refletimos um pouco sobre ela. Em suma: a melhor resposta que nos ocorre à pergunta ' 'por que estou fazendo isso?'. Pois bem, um dos tipos de motivação que você reconhece é eu mandá-lo fazer tal ou tal coisa. Chamaremos esses motivos de ordens. Em outras ocasiões, o motivo é você estar habituado a fazer sempre o mesmo gesto e já o repetir quase sem pensar, ou também ver que à sua volta todo o mundo habitualmente se comporta assim: a esse conjunto de motivos chamaremos costumes. Em outros casos - os chutes na lata, por exemplo -, o motivo parece ser a ausência de motivo, simplesmente a vontade de fazer. Você concorda em chamarmos de caprichos

as razões desses comportamentos? Deixo de lado os motivos mais cruamente funcionais, ou seja, os que nos induzem aos gestos que fazemos como instrumento puro e direto para conseguir alguma coisa: descer a escada para chegar à rua em vez de pular a janela, tomar o ônibus para ir ao colégio, usar uma xícara para tomar café com leite, etc.

Vamos nos limitar a examinar os três primeiros tipos de motivos, ou seja, as ordens, os costumes e os caprichos. Cada um desses motivos inclina nossa conduta numa direção ou na outra, explica mais ou menos nossa preferência por fazer o que fazemos às outras muitas coisas que poderíamos fazer. A primeira pergunta que me ocorre a respeito deles é: de que modo e com que força cada um nos obriga a agir? Pois nem todos têm o mesmo peso em cada ocasião. Você se levantar para ir ao colégio é mais obrigatório do que escovar os dentes ou tomar banho, e creio que muito mais do que chutar a lata de coca-cola; por outro lado, vestir calça ou pelo menos cueca, por mais que faça calor, é tão obrigatório quanto ir ao colégio, não é? Estou querendo dizer que cada tipo de motivo tem seu próprio peso e condiciona a seu modo. A força das ordens, por exemplo, provém do medo que você possa ter das minhas terríveis represálias caso não me obedeça; mas também, suponho, do afeto e da confiança que tem em mim e que o faz pensar que aquilo que eu mando é para protegê-lo e melhorá-lo ou, como se costuma dizer, numa expressão que o faz torcer o nariz, é

para seu bem. Também, certamente, porque você espera algum tipo de recompensa se cumprir tudo devidamente: pagamento, presentes, etc. Os costumes, por outro lado, provêm antes da comodidade de seguir a rotina em determinadas ocasiões e também do interesse em não contrariar os outros, ou seja, da pressão dos outros. Também nos costumes há algo de obediência a certos tipos de ordens: pense, por exemplo, nas modas. A quantidade de

jaquetas, tênis, distintivos, etc., que você tem de vestir porque é o costume entre seus amigos e você não quer destoar!

As ordens e os costumes têm uma coisa em comum: parecem vir az f ora, impondo-se sem pedir permissão. Por outro lado, os caprichos vêm de dentro, brotam espontaneamente sem ninguém mandar e sem acreditarmos, em princípio, estar imitando alguém. Imagino que se eu lhe perguntar se você se sente mais livre ao cumprir ordens, ao seguir o costume ou ao satisfazer seu capricho, você dirá que se sente mais livre ao satisfazer um capricho, pois é uma coisa mais sua e não depende de ninguém que não seja você. Claro que é difícil saber, mas também é possível que o assim chamado capricho lhe agrade porque você o esteja imitando de alguém, ou talvez porque brote de uma ordem, mas ao contrário, por vontade de se opor, vontade que não teria sido despertada se antes não houvesse a ordem à qual você está desobedecendo...

Enfim, por enquanto vamos parar por aqui, por hoje chega de confusão.

Mas, antes de terminar, vamos lembrar como despedida aquele barco grego no meio da tempestade, ao qual se referiu Aristóteles. Já que começamos entre ondas e trovões, vamos terminar da mesma forma, para o capítulo tornar-se uma capicua. Quando o deixamos, o capitão do barco estava decidindo se jogava ou não a carga ao mar para evitar o naufrágio. Sem dúvida, ele tem ordens para levar as mercadorias até o porto, o costume não é exatamente jogá-las no mar e pouco lhe adiantaria seguir seus caprichos diante das dificuldades em que se encontra. Será que ele seguirá suas ordens, ainda que sob o risco de perder a vida e a de toda a tripulação? Será que ele tem mais medo da cólera de seus patrões do que da própria fúria do mar? Em circunstâncias normais, pode ser que baste fazer o que nos mandam, mas às vezes o mais prudente é perguntarse até que ponto é aconselhável obedecer... Afinal, o capitão não é como as térmitas, obrigadas a dar uma de camicase, queiram ou não, porque não lhes resta outra saída senão "obedecer" aos impulsos de sua natureza.

E, se na sua situação as ordens não bastam, o costume menos ainda. O costume

serve para o corrente, para a rotina de todos os dias. Francamente, uma tempestade em alto-mar não é ocasião para seguir a rotina! Você mesmo veste religiosamente calça e cueca todas as manhãs, mas,

se no caso de um incêndio não desse tempo para isso, não se sentiria muito culpado. Durante o grande terremoto do México de alguns anos atrás, um amigo meu viu desmoronar diante de seus olhos um edifício muito alto; correu para prestar ajuda e tentou retirar uma das vítimas, que resistia inexplicavelmente a sair do meio dos escombros e acabou confessando: "É que estou sem nada..." Prêmio especial do júri à defesa intempestiva da tanga! Tanto conformismo diante do costume vigente é um pouco mórbido, não é mesmo? Podemos supor que nosso capitão grego fosse um homem prático e que a rotina de conservar a carga não fosse suficiente para determinar seu comportamento em caso de perigo. Nem para jogá-la, é claro, por mais que na maioria dos casos fosse habitual livrar-se dela. Quando a situação é realmente séria, é preciso inventar, e não simplesmente limitar-se a seguir a moda ou o hábito...

Também não parece que seja ocasião propícia para entregar-se aos caprichos. Se dissessem que o capitão do barco jogou a carga não por considerar que fosse prudente, mas por capricho (ou que a conservou no porão pelo mesmo motivo), o que você pensaria? Respondo por você: que ele estava meio louco. Arriscar a fortuna ou a vida sem outro motivo que não o capricho tem muito de loucura, e, se a extravagância compromete a fortuna ou a vida do próximo, merece ser qualificada de maneira ainda mais dura. Como um desajuizado irresponsável como esse poderia ter chegado a comandar um barco? Em momentos turbulentos, a pessoa sã deixa de lado quase todos os pequenos caprichos e só lhe fica o desejo intenso de acertar a linha de conduta mais conveniente, ou seja, mais racional.

Trata-se então de um simples problema funcional, de encontrar o melhor meio para chegar sãos e salvos ao porto? Vamos supor que o capitão chegue à conclusão de que, para salvar-se, basta jogar um certo peso ao mar, seja em mercadorias seja em tripulação. Ele poderia então tentar convencer os marinheiros a jogarem na água os quatro ou cinco mais inúteis dentre eles, e deste modo teriam boa oportunidade de conservar os ganhos do frete. De um ponto de vista funcional, talvez essa fosse a melhor solução para salvar a pele e também garantir os lucros... No entanto, nessa decisão há alguma coisa que me repugna, e creio que a você também. Será porque me deram a ordem de que não devemos fazer essas coisas, ou porque não tenho o costume de fazê-las, ou



ainda porque não tenho vontade - pois sou muito caprichoso - de me comportar dessa maneira?

Desculpe por deixá-lo num suspense digno de Hitchcock, mas não vou lhe dizer, para terminar, o que o nosso atormentado capitão acabou decidindo. Oxalá ele acertasse e tivesse bons ventos até voltar para casa! A verdade é que, quando penso nele, percebo que todos nós estamos no mesmo barco... Por enquanto, ficaremos com as perguntas que fizemos, esperando que ventos favoráveis nos levem até o próximo capítulo, onde voltaremos a encontrá-las e tentaremos começar a respondê-las.

Vá dando uma lida...

"Tanto a virtude como o vício estão em nosso poder. Com efeito, sempre que está em nosso poder o fazer, também o está o não fazer, e sempre que está em nosso poder o não, também o está o sim; de modo que, se está em nosso poder o realizar quando é belo, também o estará quando é vergonhoso, e, se está em nosso poder o não realizar quando é belo, também o estará, do mesmo modo, não realizar quando é vergonhoso."  
(Aristóteles, *Ética*  
para Nicômaco)

"Na arte de viver, o homem é ao mesmo tempo o artista e o objeto de sua arte, é o escultor e o mármore, o médico e o paciente." (Erich Fromm, *Ética e psicanálise*)

"Só dispomos de quatro princípios da moral:

"1) O filosófico: faça o bem pelo próprio bem, por respeito à lei.

"2) O religioso: faça-o porque é vontade de Deus, por amor a Deus.

"3) O humano: faça-o porque seu bem-estar o requer, por amor-próprio.

"4) O político: faça-o porque o requer a sociedade da qual você faz parte, por amor à sociedade e por consideração a você." (Lichtenberg, Aforismos)

"Não temos de nos preocupar em viver longos anos, mas em vivê-los satisfatoriamente;  
porque viver longo tempo depende do destino, viver satisfatoriamente depende da tua alma. A vida é longa quando é plena; e se faz plena quando a alma recuperou a posse de seu próprio bem e transferiu para si o domínio de si mesma." (Sêneca, Cartas a Lucílio)

## Capítulo 3

*Faça o que quiser*

Dizíamos que fazemos a maioria das coisas porque alguém manda (os pais quando somos jovens, os superiores ou as leis quando somos adultos), porque se costuma fazer assim (às vezes a rotina nos é imposta pelos outros através de seu exemplo ou sua pressão - medo do ridículo, da censura, de mexericos, desejo de aceitação no grupo... - e outras vezes nós mesmos a criamos), porque são um meio para conseguirmos o que queremos (como tomar o ônibus para ir ao colégio) ou simplesmente porque nos dá na veneta, ou pelo capricho de fazê-las assim, sem mais nem menos. Acontece que, em ocasiões importantes ou quando levamos realmente a sério o que vamos fazer, todas essas motivações correntes acabam sendo insatisfatórias, ou seja, não contam muito.

Quando alguém tem de sair para expor a pele junto às muralhas de Tróia desafiando o ataque

51

de Aquiles, como fez Heitor; ou quando é preciso decidir entre jogar a carga de um barco ao mar para salvar a tripulação ou jogar alguns membros da tripulação para salvar a carga; ou... em casos semelhantes, embora não tão dramáticos (um exemplo simples: devo votar no político que considero melhor para a maioria do país, embora vá prejudicar meus interesses pessoais aumentando os impostos, ou no que me permitirá enriquecer mais e os outros que se danem?), nem ordens nem costumes são suficientes, e não são questões de capricho. O comandante nazista do campo de concentração acusado de uma matança de judeus tenta se desculpar dizendo que "cumpru ordens", mas essa justificativa não me convence. Em certos países é costume não alugar apartamento para negros, por causa da cor de sua pele, ou para homossexuais, por causa de sua preferência amorosa; no entanto, por mais que essa discriminação seja habitual, para mim continua sendo inaceitável. O capricho

de ir passar uns dias na praia é muito compreensível, mas, se alguém é responsável por um bebê e o deixa sem cuidados durante um fim de semana, esse capricho já não é simpático mas criminoso. Nestes casos, você não é da mesma opinião que eu?

Tudo isso tem a ver com a questão da liberdade, que é o assunto de que a ética se ocupa propriamente, conforme creio já ter dito. Liberdade é poder dizer "sim" ou "não", digam o que disserem meus chefes ou os outros; isso me con-

52

vêm e eu o quero, aquilo não me convém e portanto não o quero. Liberdade é cjecidir, mas também, não esqueça, darmos conta de que estamos decidindo, o extremo oposto de deixar-nos levar, como decerto você compreenderá. Para não se deixar levar, o único meio é pensar pelo menos duas vezes no que se vai fazer; sim, duas vezes, sinto muito, por mais que lhe dê dor de cabeça... A primeira vez que pensamos o motivo de nossa ação, a resposta à pergunta "por que estou fazendo isso?" é do tipo daquela que estudamos acima: estou fazendo porque me mandaram, porque é costume, porque estou com vontade. Mas, ao pensarmos pela segunda vez, tudo muda de figura. Estou fazendo isso porque me mandaram, mas... porque estou obedecendo?, por medo de castigo?, porque espero um prêmio?, então não estou como que escravizado por quem me mandou? Se estou obedecendo porque as ordens vêm de alguém que sabe mais

do que eu, não seria aconselhável eu tentar me informar o suficiente para decidir por mim mesmo? E se me mandarem fazer coisas que não acho convenientes, como quando ordenaram ao comandante nazista que eliminasse os judeus do campo de concentração? Por acaso não poderá ser algo "mau" - ou seja, não conveniente para mim -, embora estejam me ordenando, ou "bom" e conveniente, embora ninguém me ordene?

O mesmo acontece com respeito aos costumes. Se eu não pensar no que faço mais de uma

53

vez, talvez me baste a resposta de que estou agindo assim "porque é costume". Mas por que diabos tenho de fazer sempre o que se costuma fazer (ou o que costume fazer)? Nem que eu fosse escravo dos que me cercam, por mais que sejam meus amigos, ou do que fiz ontem, anteontem ou no mês passado! Se vivo cercado de gente que tem o costume de discriminar os negros, e se não acho isso certo de jeito algum, por que devo imitá-los? Se me acostumei a pedir dinheiro emprestado e não devolver, mas cada vez tenho mais vergonha de fazê-lo, por que não mudar de comportamento e começar, a partir de agora, a ser mais correto? Por acaso um costume não pode ser pouco conveniente para mim, por mais acostumado que eu esteja? Quando me interrogo pela segunda vez sobre meus caprichos, o resultado é parecido. Muitas vezes tenho vontade de fazer coisas que logo se voltam contra mim, das quais depois me arrependo. Em assuntos sem importância o capricho pode ser aceitável, mas, quando se trata de coisas mais sérias, deixar-me levar por ele, sem refletir sobre se é um capricho conveniente ou inconveniente, pode ser muito pouco aconselhável, até perigoso: o capricho de sempre atravessar os semáforos no vermelho pode até ser divertido uma ou duas vezes, mas será que vou conseguir viver muito se continuar a fazê-lo dia após dia?

Em resumo: pode haver ordens, costumes e caprichos que sejam motivos adequados para

54

agir, mas em outros casos não há por que ser assim. Seria um pouco de idiotice querer opor-se a todas as ordens e a todos os costumes, como também a todos os caprichos, pois às vezes poderão ser convenientes ou agradáveis. Mas nunca uma ação é boa só por ser uma ordem, um costume ou um capricho. Para saber se alguma coisa é de fato conveniente para mim ou não, terei de examinar o que faço mais a fundo, raciocinando por mim mesmo. Ninguém pode ser livre em meu lugar, ou seja, ninguém pode me dispensar de escolher e de buscar por mim mesmo. Quando se é uma criança pequena, imatura, com pouco conhecimento da vida e da realidade, a obediência, a rotina ou o caprichozinho são suficientes. Mas é porque ainda dependemos de alguém, estamos nas mãos de outro que cuida de nós. Depois é preciso tornar-se adulto, ou seja, capaz de inventar, de certo modo, a própria vida, e não simplesmente de viver a vida inventada pelos outros. Naturalmente, não podemos inventar totalmente, pois

não vivemos sozinhos e muitas coisas nos são impostas, queiramos ou não (lembre-se de que o pobre capitão não escolheu passar por uma tempestade em alto-mar, nem Aquiles pediu permissão a Heitor para atacar Tróia...). Mas, entre as ordens que nos são dadas, entre os costumes que nos cercam ou que criamos, entre os caprichos que nos assaltam, teremos de aprender a escolher por nós mesmos. A única maneira de sermos homens e não cor-

55

deiros (com perdão dos cordeiros) é pensar duas vezes no que fazemos. E, a rigor, até três ou quatro vezes em determinadas ocasiões.

A palavra "moral" tem a ver, etimologicamente, com os costumes, pois é exatamente isso que significa o termo latino *mores*, e também com as ordens, pois a maioria dos preceitos morais soam como "você deve fazer isso" ou "nem pense em fazer aquilo". No entanto, há ordens e costumes - como já vimos - que podem ser maus, ou seja, imorais, por mais ordenados e "acostumados" que se apresentem. Se quisermos nos aprofundar de verdade na moral, se quisermos aprender seriamente a empregar bem a liberdade que temos (e é justamente nesse aprendizado que consiste a "moral" ou "ética" de que estamos falando aqui), é melhor deixarmos de lado ordens, costumes e caprichos. A primeira coisa que é preciso deixar claro é que a ética de um homem livre nada tem a ver com os castigos nem com os prêmios distribuídos pela autoridade, seja ela autoridade humana ou divina, neste caso tanto faz. Quem não faz mais do que fugir do castigo e buscar a recompensa conferida por outros, segundo normas estabelecidas por eles, não é melhor do que um pobre escravo. Para uma criança, talvez bastem o bastão e a cenoura como guias de sua conduta; mas para alguém já crescidinho é bem mais triste continuar com essa mentalidade. É preciso orientar-se de outro modo. Aqui vai um esclarecimento terminológico. Embora eu

56

vá utilizar as palavras "moral" e "ética" como equivalentes, de um ponto de vista técnico (desculpe-me estar mais professoral do que de hábito) elas não têm significado idêntico. "Moral" é o conjunto de comportamentos e normas

que você, eu e algumas das pessoas que nos cercam costumamos aceitar como válidos; "ética" é a reflexão sobre por que os consideramos válidos e a comparação com outras "morais" de pessoas diferentes. Mas, enfim, aqui continuarei utilizando as duas palavras indistintamente, sempre como arte de viver. A academia que me perdoe... Lembre-se de que as palavras "bom" e "mau" não se aplicam apenas a comportamentos morais, nem apenas a pessoas.

Dizemos, por exemplo, que Maradona ou Butragueno são jogadores de futebol muito bons, sem que esse adjetivo tenha alguma coisa a ver com sua tendência a ajudar o próximo fora do estádio ou sua inclinação a sempre dizer a verdade. São bons enquanto jogadores de futebol e como jogadores de futebol, sem entrarmos em averiguações sobre sua vida privada. Também podemos dizer que uma moto é muito boa sem que isso implique que ela seja a Santa Teresa das motos: estamos querendo dizer que ela funciona esplendidamente e tem todas as vantagens que se podem esperar de uma moto. No que se refere a jogadores de futebol e a motos, o "bom" - ou seja, o que convém - está muito claro. Se eu lhe perguntar, com certeza você vai me explicar muito bem quais são

57

os requisitos necessários para que alguma coisa mereça ser qualificada como superior no campo de futebol ou na estrada. Pergunto então: por que não tentamos definir do mesmo modo o que é necessário para ser um homem bom? Isso não resolveria todos os problemas que estamos levantando há tantas páginas?

No entanto, não é tão fácil. Com respeito aos bons jogadores de futebol, às boas motos, aos bons cavalos de corrida, etc., geralmente existe uma concordância entre a maioria das pessoas; mas, quando se trata de determinar se alguém é bom ou mau em geral, como ser humano, as opiniões variam muito. Aí está, por exemplo, o caso da Purita: em casa, a mãe a considera o suprasumo da bondade, porque ela é obediente e bem comportada, mas na classe todo o mundo a detesta, porque é fofoqueira e briguenta. Certamente para seus superiores o oficial nazista que matava judeus nas câmaras de gás em

Auschwitz era bom e comportava-se devidamente, mas a opinião dos judeus sobre ele devia ser diferente. Às vezes chamar alguém de "bom" não indica nada de bom, a ponto de ser comum dizerem-se coisas como "Fulano é muito bom, coitado!" O poeta espanhol Antônio Machado tinha consciência dessa ambigüidade e, em sua autobiografia poética, escreveu: "Sou, no bom sentido da palavra, bom..." Queria dizer que, em muitos casos, chamar alguém de "bom" indica docilidade, tendência a não se opor e a não causar pro-

58

blemas, prestar-se a mudar os discos enquanto os outros dançam, e coisas do tipo.

Para alguns, ser bom significará ser resignado e paciente, mas outros considerarão boa a pessoa empreendedora, original, que não se acovarda na hora de dizer o que pensa, mesmo que possa incomodar alguém. Em países como a África do Sul, por exemplo, alguns considerarão bom o negro que não reclama e se conforma com o apartheid, ao passo que outros só chamarão assim os que seguem Nelson Mandela. Sabe por que não é fácil dizer quando um ser humano é "bom" e quando não é? Porque não sabemos para que servem os seres humanos. Um jogador de futebol serve para jogar futebol de modo a ajudar seu time a ganhar e marcar gols contra o time adversário; uma moto serve para nos transportar de maneira veloz, estável, resistente... Sabemos quando um especialista em alguma coisa ou quando um instrumento funciona bem devidamente, porque temos idéia do serviço que devem prestar, do que se espera deles. Mas ao tomarmos o ser humano em geral a coisa se complica: de nós, seres humanos, às vezes se reclama resignação e outras vezes rebeldia, às vezes iniciativa e outras vezes obediência, às vezes generosidade e outras previsão do futuro, etc. Não é fácil nem mesmo determinar uma virtude qualquer: um jogador de futebol marcar um gol no time adversário sem cometer falta sempre é bom, mas dizer a verdade pode não ser. Você consideraria "bom" quem

59



por crueldade dissesse ao moribundo que ele vai morrer ou quem revelasse o esconderijo da vítima ao assassino que quer matá-la? Os ofícios e os instrumentos respondem a normas de utilidade bastante claras, estabelecidas de fora: se são cumpridas, tanto melhor; se não são, tanto pior, e acabou-se. Não se pede outra coisa. Ninguém exige que um jogador de futebol - para ser bom jogador, não bom ser humano - seja caridoso ou verdadeiro; ninguém pede que urna moto, para ser uma boa moto, sirva para pregar pregos. Mas, quando consideramos o ser humano em geral, as coisas não são tão claras, pois não há um regulamento único para ser um bom ser humano, e nem o homem é instrumento para conseguir nada.

É possível ser um bom homem (e uma boa mulher, é claro) de muitas maneiras, e as opiniões que julgam os comportamentos geralmente variam conforme as circunstâncias. Por isso às vezes dizemos que Fulano ou Sicrana são bons "a seu modo". Admitimos assim que há muitas formas de sê-lo e que a questão depende do âmbito em que cada um se move. Como você vê, não é fácil determinar de fora quem é bom e quem é mau, quem faz o que convém e quem não faz. Seria preciso estudar não apenas todas as circunstâncias de cada caso, mas até as intenções que movem cada um. Pois poderia acontecer que alguém pretendesse fazer alguma coisa má e, por acaso, acabasse obtendo um resultado aparente-

60

mente bom. E não chamaríamos "bom" alguém que fizesse algo bom por mero acaso, não é mesmo? Também é verdade o contrário: com a melhor intenção do mundo alguém poderia provocar um desastre e ser considerado um monstro, sem ter culpa. Acho que por esse caminho tiraremos pouca coisa a limpo, sinto muito.

Mas, se já dissemos que nem ordens, nem costumes, e nem caprichos são suficientes para nos guiar quanto à ética, e agora se conclui que não há um regulamento claro que nos ensine a ser um homem bom e a funcionar sempre como tal, como iremos nos arranjar? Minha resposta certamente o surpreenderá, e talvez até o escandalize. Um divertido escritor francês do século .XVI, François Rabelais, contou em um dos primeiros romances

européus as aventuras do gigante Gargantua e de seu filho Pantagruel. Eu poderia lhe dizer muitas coisas sobre esse livro, mas prefiro que mais cedo ou mais tarde você resolva lê-lo. Só direi que num certo momento Gargantua decide fundar uma ordem mais ou menos religiosa e instalá-la numa abadia, a abadia de Thélème, sobre cuja porta está escrito este único preceito: "Faça o que quiser." E todos os habitantes dessa casa santa não fazem absolutamente nada mais do que isso, o que querem. O que você acharia se agora eu lhe dissesse que na porta da ética bem entendida está escrita justamente essa frase: "Faça o que quiser! É capaz de você se indignar comigo: ora, pois sim que é moral a

61

conclusão a que chegamos!, imagine o que aconteceria se todo o mundo fizesse simplesmente tudo o que quisesse!, foi para isso que perdemos tanto tempo e gastamos tanto cérebro? Espere, espere, não se aborreça. Dê-me mais uma oportunidade: faça o favor de passar ao próximo capítulo...

Vá dando uma lida...

"Toda a sua vida era empregada não conforme leis, regras ou estatutos, mas segundo sua vontade e livre arbítrio. Levantavam-se da cama quando bem lhes parecia, e bebiam, comiam, trabalhavam e dormiam quando sentiam desejo de fazê-lo. Ninguém os despertava, nem os obrigava a beber, ou comer, nem a nada.

"Assim dispusera Gargantua. Sua única regra era a frase:

FAÇA O QUE QUIZER,

porque as pessoas livres, bem nascidas e bem educadas, quando tratam com pessoas honradas, têm por natureza um instinto e um ímpeto que sempre as leva a feitos virtuosos e

as afasta do vício, o que chamam de honra. Mas, quando essas mesmas  
pessoas por vil  
sujeição e imposição vêem-se reprimidas e constrangidas, desviam-se do nobre  
pendor, pelo  
qual livremente tendiam à virtude, para se rebelar e romper o jugo da servidão,  
pois sempre  
tendemos a buscar o proibido e a cobiçar o que nos é negado." (François  
Rabelais,  
Gargantua e Pantagrue)

"A ética humanista, em contraste com a ética autoritária, pode distinguir-se dela  
por um  
critério formal e

62

outro material. Formalmente baseia-se no princípio de que só o homem por si  
mesmo pode  
determinar o critério de virtude e pecado, e não uma autoridade que o  
transcenda.  
Materialmente baseia-se no princípio de que 'bom' é o que é bom para o homem  
e 'mau' o  
que lhe é nocivo, sendo o bem-estar do homem o único critério de valor ético.""  
(Erich  
Fromm, Ética e psicanálise)

"Mas, embora a razão baste, quando perfeitamente desenvolvida e  
aperfeiçoada, para nos  
instruir sobre as tendências danosas ou úteis das qualidades e das ações, ela  
não basta, por si  
mesma, para produzir a censura ou a aprovação moral. A utilidade não é mais  
do que a  
tendência para um certo fim; se o fim nos fosse totalmente indiferente,  
sentiríamos a mesma  
indiferença pelos meios. É preciso necessariamente que um sentimento se  
manifeste aqui,

para fazer-nos preferir as tendências úteis às tendências daninhas. Esse sentimento não pode ser mais do que uma simpatia pela felicidade dos homens ou um eco de sua desgraça, uma vez que estes são os diferentes fins que a virtude e o vício tendem a promover. Assim, portanto, a razão nos instrui acerca das diversas tendências das ações e a humanidade faz uma distinção a favor das tendências úteis e benéficas." (David Hume, *Investigação sobre os princípios da moral*).

63

## **Capítulo 4**

Dê a si mesmo uma vida boa

O que estou pretendendo lhe dizer ao colocar um "faça o que quiser" como lema fundamental da ética em cuja direção caminhamos Tateando? Pois simplesmente (embora eu tema que depois acabe não sendo tão simples) que é preciso dispensar ordens e costumes, prêmios e castigos, em suma, tudo o que queira dirigi-lo de fora, e que você deve estabelecer todo esse assunto a partir de si mesmo, do foro íntimo de sua vontade. Não pergunte a ninguém o que você deve fazer de sua vida: pergunte-o a si mesmo. Se você deseja saber em que pode empregar melhor a sua liberdade, não a perca colocando-se já de início a serviço de outro ou de outros, por mais que sejam bons, sábios e respeitáveis: sobre o uso da sua liberdade, interroque... a própria liberdade.

Claro, como você é um garoto esperto, pode ser que já esteja percebendo que aqui há uma certa contradição. Ao lhe dizer "faça o que qui-

67

ser" parece que, de todo modo, estou lhe dando uma ordem, "faça isso e não aquilo", embora a ordem seja agir livremente. Que ordem mais complicada, quando a examinamos de perto! Ao cumpri-la, você estará desobedecendo a ela (pois não estará fazendo o que quer, mas o que eu quero e estou mandando);

ao

desobedecer a ela, você a estará cumprindo (pois estará fazendo o que quer e não o que estou mandando... mas é exatamente isso que estou mandando!). Acredite, não estou querendo colocá-lo diante de uma charada como as que aparecem na seção de passatempos dos jornais. Embora esteja tentando lhe dizer tudo isto sorrindo, para não nos aborrecermos mais do que o necessário, o assunto é sério: não se trata de passar o tempo, mas de vivê-lo bem. A aparente contradição que encerra esse "faça o que quiser" é apenas um reflexo do problema essencial da própria liberdade, ou seja, não somos livres para não sermos livres, pois é inevitável que sejamos livres. E se você me disser que chega, que você está farto e não quer continuar sendo livre? E se você resolver entregar-se como escravo a quem fizer a melhor oferta ou jurar que obedecerá para todo o sempre a este ou àquele tirano? Pois você o fará porque quer, estará fazendo uso da sua liberdade e, mesmo obedecendo a outro ou deixando-

se levar pela massa, continuará agindo conforme sua preferência: não estará renunciando a escolher, mas estará escolhendo não escolher por si mesmo. Por isso um filó-

68

sofo francês do nosso século, Jean-Paul Sartre, disse que 'estamos condenados à liberdade'. Para essa condenação não há indulto possível...

Assim, meu 'faça o que quiser' é apenas uma forma de dizer que você deve levar a sério o problema da sua liberdade, o fato de que ninguém pode dispensá-lo da responsabilidade criadora de escolher seu caminho. Não se pergunte morbidamente se "vale a pena" todo esse alarde em torno da liberdade, pois queira ou não você é livre, queira ou não você tem de querer. Mesmo ao dizer que não quer saber nada desses assuntos tão enfadonhos e que

eu o deixe em paz, você também estará querendo... querendo não saber de

nada, querendo que o deixem em paz, embora sob pena de se embotar um pouco. São as coisas do querer, amigo meu, como diz a canção! Mas não devemos confundir o "faça o que quiser" com os caprichos de que falamos antes. Uma coisa é você fazer o que quiser, e outra bem diferente é fazer "a primeira coisa que der vontade". Não estou dizendo que em certas ocasiões não possa ser suficiente a pura e simples vontade de alguma coisa: quando você escolhe comer num restaurante, por exemplo. Já que felizmente você tem um bom estômago e não se preocupa em engordar, vamos lá, peça o que tiver vontade... Mas, cuidado, pois às vezes a vontade nos faz perder em vez de ganhar. A propósito, um exemplo.

Não sei se você leu muito a Bíblia. Ela está cheia de coisas interessantes, e não é preciso ser

69

muito religioso - você sabe que eu sou muito pouco - para apreciá-las. No primeiro de seus livros, o Gênesis, conta-se a história de Esaú e Jacó, filhos de Isaac. Eles eram irmãos gêmeos, mas Esaú havia saído primeiro do ventre da mãe, o que lhe conferia o direito de primogenitura: ser primogênito naquele tempo não era coisa sem importância, pois significava estar destinado a herdar todas as posses e privilégios do pai. Esaú gostava de caçar e se aventurar, ao passo que Jacó preferia ficar em casa, preparando de vez em quando algumas delícias culinárias. Certo dia Esaú voltou do campo cansado e faminto. Jacó havia preparado um succulento cozido de lentilhas, e o irmão, assim que sentiu o aroma, ficou com água na boca. Com muita vontade de comer o guisado, pediu a Jacó que lhe oferecesse um prato. O irmão cozinheiro concordou, dizendo no entanto que não seria de graça, mas em troca do direito de primogenitura. Esaú pensou: "Agora o que eu quero são as lentilhas. A questão da herança do meu pai será daqui a muito tempo. Pode até ser que eu morra antes dele!" E aceitou trocar seus futuros direitos de primogênito pelas saborosas lentilhas do presente. Aquelas lentilhas deviam ter um cheiro delicioso! Não é preciso dizer que mais tarde, de barriga cheia, arrependeu-se do negócio que havia feito, o que provocou muitos problemas entre os irmãos (com o devido respeito, sempre tive a impressão de que Jacó era um espertalhão). Mas,

se você quer saber o fim da história, leia o Gênesis. Para o que interessa exemplificar aqui, basta o que lhe contei.

Como o vejo um pouco rebelde, não me surpreenderia que você tentasse virar essa história contra o que venho dizendo: "Você não estava me recomendando a tal maravilha do 'faça o que quiser'? Pois aí está: Esaú queria o guisado, empenhou-se em obtê-lo e acabou ficando sem herança. Grande êxito!" Sim, é claro, mas... será que as lentilhas eram o que Esaú queria de verdade, ou simplesmente o que desejava naquele momento? Afinal, ser o primogênito era, na época, uma coisa muito rentável, ao passo que as lentilhas, já viu: quem quiser pega... É lógico pensar que no fundo Esaú queria era a primogenitura, um direito destinado a melhorar muito sua vida num prazo mais ou menos breve. Claro que também estava com vontade de comer guisado, mas, se tivesse se dado ao trabalho de pensar um pouco, teria constatado que esse segundo desejo podia esperar por algum tempo, não estragando suas possibilidades de conseguir o fundamental. Às vezes os homens querem coisas contraditórias que entram em conflito umas com as outras. É importante ser capaz de estabelecer prioridades e de impor uma certa hierarquia entre aquilo de que tenho vontade imediatamente e o que quero no fundo, a longo prazo. Esaú que o diga...

Na história bíblica há um detalhe importante. O que determina que Esaú escolha o guisado

presente e renuncie à herança futura é a sombra da morte ou, se você preferir, o desânimo produzido pela brevidade da vida. "Como sei que vou morrer de qualquer maneira, e quem sabe antes de meu pai... por que me incomodar pensando no que me convém? Agora quero lentilhas e amanhã estarei morto, portanto venham as lentilhas e acabou-se!" É como se a certeza da morte levasse Esaú a pensar que a vida não vale a pena, que tudo dá na mesma. Mas o que faz com que tudo dê na mesma não é a vida, mas a morte. Veja bem: por medo da morte, Esaú decide viver como se estivesse morto e tudo desse na

mesma. A vida é feita de tempo, nosso presente é cheio de recordações e esperanças, mas Esaú vive como se para ele já não houvesse outra realidade que não o aroma de lentilhas que lhe chega naquela horinha ao nariz, sem ontem nem amanhã. Mais ainda: nossa vida é feita de relações com os outros - somos pais, filhos, irmãos, amigos ou inimigos, herdeiros ou herdados, etc. -, mas Esaú decide que as lentilhas (que são uma coisa, não uma pessoa) contam mais para ele do que esses vínculos com os outros que o fazem ser quem é. Agora uma pergunta: Esaú realmente cumpre o que quer, ou será que a morte como que o hipnotiza, paralisando e estragando seu querer?

Deixemos Esaú com seus caprichos culinários e seus problemas de família. Voltemos ao seu caso, que é o que nos interessa aqui. Se eu lhe

72

disser que faça o que quiser, a primeira coisa que parece oportuno fazer é pensar detida e profundamente no que você quer. Sem dúvida, há muitas coisas de que você tem vontade, muitas vezes contraditórias, como acontece com todo o mundo: você quer ter uma moto mas não quer arrebentar a cabeça na estrada; quer ter amigos mas sem perder sua independência; quer ter dinheiro mas não quer passar por cima do próximo para obtê-lo; quer saber coisas e por isso compreende que é preciso estudar, mas também quer se divertir; quer que eu não lhe faça sermão e o deixe viver sossegado mas também que eu esteja pronto para ajudá-lo quando necessário, etc. Em suma, se você fosse resumir tudo isso e colocar em palavras sinceramente tudo o que no fundo você deseja, diria: "Escute, pai, o que eu quero é dar-me uma vida boa." Bravo! Prêmio para o cavaleiro ! É exatamente isso que eu queria lhe aconselhar: ao dizer "faça o que quiser", o que no fundo eu pretendia recomendar é que você ousasse dar-se uma vida boa. E, perdão, não ligue para os tristes nem para os beatos: a ética não é mais do que a tentativa racional de averiguar como viver melhor. Se vale a pena interessar-se pela ética é porque gostamos da vida boa. Só quem nasceu para escravo ou quem tem tanto medo da morte a ponto de achar que tudo dá na mesma dedica-se às lentilhas e vive de qualquer jeito...

Você quer dar-se uma vida boa: ótimo. Mas também quer que essa vida boa não sej a a vida boa



de uma couve-flor ou de um besouro, com todo o meu respeito por essas duas espécies, mas uma vida boa humana. É isso que lhe corresponde, creio eu. Tenho certeza de que você não renunciaria a isso por nada do mundo. Ser humano, já dissemos antes, consiste principalmente em ter relações com os outros seres humanos. Se você pudesse ter muito dinheiro, uma casa mais suntuosa do que um palácio das mil e uma noites, as melhores roupas, os mais deliciosos alimentos (muitas lentilhas!), os mais sofisticados aparelhos, mas tudo isso ao preço de nunca mais ver ou ser visto por qualquer ser humano, você ficaria contente? Quanto tempo conseguiria viver assim sem ficar louco! Não é a maior das loucuras querer as coisas às custas da relação com as pessoas? Ora, se justamente a graça de todas essas coisas está em permitirem - ou parecerem permitir - que você se relacione mais favoravelmente com os outros! Por meio do dinheiro espera-se poder deslumbrar ou comprar os outros; as roupas são para lhes agradar ou para que nos invejem; assim também a boa casa, os melhores vinhos, etc. Sem falar nos aparelhos: o vídeo e a televisão são para vê-los melhor, o CD para ouvi-los melhor, e assim por diante. Muito poucas coisas mantêm sua graça na solidão; e, se a solidão é completa e definitiva, todas as coisas tornam-se irremediavelmente amargas. A vida boa humana é vida boa entre seres humanos, caso contrário pode até ser vida, mas não será nem boa nem humana. Está começando a ver onde quero chegar?

As coisas podem ser bonitas e úteis, os animais (pelo menos alguns) podem ser simpáticos, mas nós, homens, queremos ser humanos, e não ferramentas ou bichos. Também queremos ser tratados como humanos, pois essa história de humanidade depende em boa medida do que fazemos uns com os outros. Explicando: o pêssego nasce pêssego, o leopardo já vem ao mundo como leopardo, mas o homem não nasce já totalmente homem, e nunca chega a sê-lo sem a ajuda dos outros. Por quê? Porque o homem não é apenas uma realidade biológica, natural (como os pêssegos ou os leopardos), mas é também uma realidade cultural. Não há humanidade sem aprendizagem cultural e, para começar, sem a base de qualquer cultura (e portanto fundamento de nossa humanidade): a linguagem. O mundo em que nós, seres humanos, vivemos é

um mundo lingüístico, uma realidade de símbolos e leis sem a qual seríamos incapazes não só de nos comunicar uns com os outros como também de captar o significado do que nos cerca. Mas ninguém pode aprender sozinho a falar (como poderia aprender sozinho a comer ou a urinar - perdão), pois a linguagem não é uma função natural e biológica do homem (embora tenha sua base em nossa condição biológica, é claro), mas uma criação cultural que herdamos e aprendemos de outros homens.

Por isso, falar com alguém e escutá-lo é tratá-lo como uma pessoa, pelo menos começar

75

a lhe dar um tratamento humano. É só um primeiro passo, sem dúvida, pois a cultura dentro da qual nós nos humanizamos uns aos outros parte da linguagem, mas não é simplesmente linguagem. Há outras formas de demonstrar que nos reconhecemos como humanos, ou seja, estilos de respeito e de considerações humanizadoras que temos uns para com os outros. Todos nós queremos ser tratados assim, senão protestamos. Por isso as moças se queixam quando são tratadas como mulher es-"objeto", ou seja, simples enfeites ou instrumentos; e por isso para insultar alguém o chamamos de "animal!", como que para adverti-lo de que está rompendo o trato entre os homens e, se continuar assim, poderá ser pago na mesma moeda. Acho que o mais importante de tudo isso é o seguinte: a humanização (ou seja, o que nos torna humanos, o que queremos ser) é um processo recíproco (como a própria linguagem, percebe?). Para que os outros possam fazer-me humano, tenho de os fazer humanos; se para mim todas as pessoas são como coisas ou animais, também eu não serei mais do que

uma coisa ou um animal. Por isso, dar-se uma vida boa não pode ser muito diferente, afinal, de dar uma vida boa. Pense um pouco nisso, por favor.

Mais adiante voltaremos a essa questão. Agora, para concluir este capítulo de modo mais leve, proponho irmos ao cinema. Se você quiser, podemos assistir a um filme lindíssimo, dirigido

76

e interpretado por Orson Welles: Cidadão Kane. Vou resumi-la rapidamente: Kane é um multimilionário que, com poucos escrúpulos, reuniu em seu palácio de Xanadu uma enorme coleção de todas as coisas bonitas e caras do mundo. Ele tem de tudo, sem dúvida, e usa todas as pessoas que o cercam para seus fins, como simples instrumentos de sua ambição. No final da vida, perambula sozinho pelos salões de sua mansão, cheios de espelhos que lhe devolvem mil vezes sua própria imagem de solitário: só sua imagem lhe faz companhia. Ele morre murmurando uma palavra: "Rosebud!" Um jornalista tenta adivinhar o significado daquele último gemido, mas não consegue. Na realidade, "Rosebud" é o nome escrito num trenó com o qual Kane brincava quando criança, na época em que ainda vivia cercado de afeto e devolvendo afeto aos que o cercavam. Todas as suas riquezas e todo o poder acumulado sobre os outros não puderam comprar-lhe nada melhor do que aquela lembrança infantil. Aquele trenó, símbolo de doces relações humanas, era na verdade o que Kane queria, a vida boa que havia sacrificado para conseguir milhões de coisas que na realidade não serviam para nada. E no entanto a maioria das pessoas o invejava... Venha, vamos ao cinema. Amanhã continuaremos.

77

Vá dando uma lida...

' 'E Jacó fez um cozido; e voltando Esaú do campo, cansado, disse a Jacó:  
Rogo-te que me  
dês para comer desse guisado vermelho, pois estou muito cansado.

"E Jacó respondeu: Vende-me neste dia tua primogenitura.

' 'Então disse Esaú: Eis que vou morrer; de que me servirá então a primogenitura?

"E disse Jacó: Jura-mo neste dia. E lhe jurou, e vendeu a Jacó sua primogenitura.

' 'Então Jacó deu a Esaú pão e do guisado das lentilhas; e ele comeu e bebeu,  
levantou-se e  
se foi. Assim desprezou Esaú a primogenitura." (Gênesis, XXV, 27 a 34)

"Talvez o homem seja mau por esperar morrer durante toda a vida: e assim  
morre mil vezes  
na morte dos outros e das coisas.

"Pois todo animal consciente de estar em perigo de morte torna-se louco. Louco  
medroso,  
louco astuto, louco malvado, louco que foge, louco servil, louco furioso, louco  
odiento,  
louco embrulhão, louco assassino." (Tony Duvert, Abecedário malévolo)

"Um homem livre em nada pensa menos do que na morte, e sua sabedoria não  
é uma  
meditação sobre a morte, mas sobre a vida." (Spinoza, Ética)

"Homem livre é aquele que quer sem a arrogância do arbitrário. Crê na  
realidade, ou seja,  
no laço real que une a dualidade real do Eu e do Tu. Crê no Destino e crê que o  
destino o  
necessita... Pois o que tem de acontecer não acontecerá se ele não estiver  
resolvido a querer  
o que é capaz de querer." (Martin Buber, Eu e tu)

78

"Ser capaz de prestar atenção a si mesmo é pré-requisito para ter a capacidade  
de prestar  
atenção aos outros; sentir-se bem consigo mesmo é a condição necessária para  
relacionar-se  
com os outros." (Erich Fromm, Ética e psicanálise)

79

## Capítulo 5

Vamos, acorde!

Breve resumo do que foi escrito antes. O caçador Esaú, convencido de que para os poucos dias de vida que se têm tudo dá na mesma, segue o conselho de sua barriga e renuncia ao direito de primogenitura por um bom prato de lentilhas (pelo menos nisso Jacó foi generoso e deixou-o repetir duas vezes). O cidadão Kane, por sua vez, dedicou-se durante muitos anos a vender a todas as pessoas para poder comprar todas as coisas; no final de sua vida, reconhece que, se pudesse, trocava seu armazém cheio de coisas caríssimas pela única coisa humilde - um velho trenó - que lhe lembrava uma certa pessoa: ele mesmo, antes de se dedicar à compra-e-venda, quando preferia amar e ser amado a possuir e dominar.

Tanto Esaú como Kane estavam convencidos de que faziam o que queriam, mas nenhum deles parece ter conseguido dar-se uma vida boa. No entanto, se alguém lhes perguntasse o que de-

83

sejavam de fato, teriam respondido o mesmo que você (ou que eu, é claro): "Quero dar-me uma vida boa." Conclusão: o que queremos está muito claro (dar-nos uma vida boa), mas o que não está tão claro é em que consiste essa "vida boa". Querer uma vida boa não é um querer qualquer, como quando alguém quer lentilhas, quadros, eletrodomésticos ou dinheiro. Todos esses querereres são, por assim dizer, simples, ligados a um único aspecto da realidade: não têm perspectiva de conjunto. Não há nada de mau em querer lentilhas quando se tem fome, sem dúvida; mas no mundo há outras coisas, outras relações, fidelidades devidas ao passado e esperanças suscitadas pelo futuro, sei lá, muito mais, tudo o que você puder imaginar. Em resumo, nem só de lentilhas vive o homem. Para conseguir suas lentilhas, Esaú sacrificou muitos aspectos importantes de sua vida, simplificou-a mais do que devia. Agiu, como eu já disse, sob o peso da iminência da morte. A morte é uma grande

simplificadora: quando estamos a ponto de esticar as canelas poucas coisas importam (a medicina que pode nos salvar, o ar que consente em nos encher os pulmões uma vez mais...). A vida, por outro lado, é sempre complexidade e quase sempre complicações. Se refugamos todas as complicações e buscamos a grande simplicidade (que venham as lentilhas!) não julgue que queiramos viver mais e melhor, mas morrer de uma vez. E dissemos que o que realmente desejamos é a vida boa, não

84

a morte imediata. De modo que Esaú não nos serve como professor.

Também Kane, a seu modo, simplificava a questão. Diferentemente de Esaú, não era esbanjador, mas acumulador e ambicioso. O que ele queria era poder para manipular os homens e dinheiro para comprar coisas, muitas coisas bonitas e certamente úteis. Veja bem, nada tenho contra tentar conseguir dinheiro nem contra o gosto pelas coisas bonitas ou úteis. Não confio nessa gente que diz que não se interessa por dinheiro e que afirma não necessitar de nada. Pode ser que eu seja feito de barro muito mal cozido, mas não acho graça nenhuma em ficar sem um tostão, e, se amanhã os ladrões arrombassem minha casa e levassem meus livros (receio que não poderiam levar muito mais do que isso), para mim seria uma catástrofe. No entanto, o desejo de ter cada vez mais (dinheiro, coisas...) também não me parece totalmente sadio. A verdade é que as coisas que temos também nos têm: o que possuímos nos possui. Explico. Certo dia, um sábio budista dizia a seu discípulo exatamente o que estou dizendo a você e o discípulo olhava para ele com a mesma cara estranha ("esse cara endoidou") com que talvez você esteja lendo esta página. Então o sábio perguntou ao discípulo: "Do que é que você mais gosta nesta sala?" O aluno esperto apontou para uma taça de ouro e marfim, que devia custar uma nota. "Pois bem, pegue-a", disse o sábio; e o rapaz, sem esperar segunda ordem,

85

agarrou firmemente a joinha com a mão direita. "Não a solte de jeito nenhum, ouviu bem?", observou o professor, com uma certa rudeza; e depois acrescentou: "Não há nenhuma outra coisa de que você também goste?" O

discípulo admitiu que a bolsa cheia de dinheiro sonante que estava sobre a mesa também não lhe causava repugnância. "Pois então pegue-a!", estimulou-o o outro. E o rapaz empunhou fervorosamente a bolsa com a mão esquerda. "E agora?", ele perguntou ao professor com certo nervosismo. E o sábio respondeu: "Agora se coce!" Não havia jeito, é claro. No entanto, alguém pode ter necessidade de se coçar quando está com coceira em alguma parte do corpo... ou até da alma! Com as mãos ocupadas, não conseguimos nos coçar à vontade e nem fazer muitos outros gestos. O que mantemos agarrado também nos agarra a seu modo... ou seja, é melhor ter cuidado para não se exceder. De certa forma, foi isso que aconteceu com Kane: tinha as mãos e a alma tão ocupadas com suas posses que de repente sentiu uma estranha coceira e não soube com o que se coçar. A vida é mais complicada do que Kane supunha, pois as mãos não servem apenas para pegar, mas também para se coçar ou para acariciar. Mas o equívoco fundamental desse personagem, se é que o equívoco não é meu, foi outro. Obcecado por conseguir coisas e dinheiro, tratou as pessoas como se também fossem coisas. Considerava que nisso consistia ter poder sobre elas.

86

Grave simplificação: a maior complexidade da vida é justamente essa, o fato de as pessoas não serem coisas. A princípio não encontrou dificuldade: as coisas se compram e se vendem, e Kane comprou e vendeu pessoas também. Naquele momento não lhe pareceu que houvesse grande diferença. Nós usamos as coisas enquanto nos servem, e depois as jogamos fora. Kane fez o mesmo com as pessoas que o cercavam e tudo parecia correr bem. Assim como possuía as coisas, Kane propôs-se a possuir pessoas, a dominá-las e manipulá-las a seu gosto. Assim se comportou com suas amantes, com seus amigos, com seus empregados, com seus adversários políticos, com todos os bichos viventes. Sem dúvida causou muitos danos aos outros, mas o pior, de seu ponto de vista (o ponto de vista de alguém que supomos que quisesse dar-se uma "vida boa", bem entendido) é que desgostou seriamente a si mesmo. Tentarei esclarecer isso, pois acho que é da maior importância.

Não se iluda: de uma coisa - mesmo que seja a melhor coisa do mundo - só se podem tirar... coisas. Ninguém é capaz de dar o que não tem, não é mesmo?

E nada pode dar mais do que é. As lentilhas são úteis para saciar a fome, mas não ajudam a aprender francês, por exemplo; o dinheiro, por sua vez, serve para quase tudo, e no entanto não pode comprar uma verdadeira amizade (com dinheiro é possível conseguir servilismo, companhia de aproveitadores ou sexo

87

mercenário, nada mais). Digamos que um vídeo possa emprestar uma peça a outro vídeo, mas não pode dar-lhe um beijo... Se os seres humanos fossem simples coisas, o que as coisas podem dar nos bastaria. Mas aí está a complicação de que falei: como não somos simples coisas, necessitamos de 'coisas' que as coisas não têm. Quando tratamos os outros como coisas, como fazia Kane, o que recebemos deles também são coisas: quando espremidos, eles soltam dinheiro, nos servem (como se fossem instrumentos mecânicos), saem, entram, esfregam-se em nós ou sorriem quando apertamos o botão adequado... Mas dessa maneira nunca nos darão aqueles dons mais sutis que só

as pessoas podem oferecer. Assim não conseguiremos nem amizade, nem respeito e muito menos amor. Nenhuma coisa (e nenhum animal, pois a diferença entre sua condição e a nossa é grande demais) pode nos dar esse tipo de amizade, respeito, amor... em suma, a cumplicidade fundamental que só se dá entre iguais, e que só pode ser oferecida a você, a mim ou a Kane, que somos pessoas, por outras pessoas que sejam tratadas por nós como tais. A questão do tratamento é importante, pois já dissemos que os humanos se humanizam uns aos outros. Ao tratar as pessoas como pessoas e não como coisas (ou seja, ao levar em conta o que elas querem, ou aquilo de que necessitam, e não apenas o que posso tirar delas), estou possibilitando que elas me devolvam o que só uma pessoa pode dar a outra.

Kane esqueceu esse pequeno detalhe e de repente (mas tarde demais) deu-se conta de que tinha deixado totalmente de lado aquilo que só outra pessoa pode dar: afeto sincero, carinho espontâneo ou simples companhia inteligente. Como Kane nunca pareceu importar-se com nada a não ser dinheiro, ninguém se importava com nada de Kane a não ser seu dinheiro. E o grande homem sabia, além disso, que era por sua culpa. Às vezes podemos tratar os outros como pessoas e só receber coices, traições ou abusos. Concordo. Mas pelo menos



contamos com o respeito de uma pessoa, nem que seja apenas uma: nós mesmos. Não transformando os outros em coisas, defendemos pelo menos nosso direito de não ser coisa para os outros. Tentamos fazer com que o mundo das pessoas - esse mundo em que algumas pessoas tratam outras como tais, o único em que de fato se pode viver bem - seja possível. Suponho que o desespero do cidadão Kane no final de sua vida não fosse simplesmente por ele ter perdido o terno conjunto de relações humanas que tivera na infância, mas por se ter empenhado em perdê-las e por ter dedicado a vida inteira a estragá-las. Não é que não pudesse tê-las, mas deu-se\*conta de que nem mesmo as merecia...

Mas você me dirá que o multimilionário Kane certamente era invejado por muita gente. Com certeza muitos pensavam: "Esse sim é que sabe viver!" Bem, e daí? Acorde de uma vez, criatura! Os outros, de fora, podem nos invejar sem

89

saber que exatamente naquele momento estamos morrendo de câncer. Você preferirá dar um gosto aos outros a satisfazer a si mesmo? Kane conseguiu tudo o que tinha ouvido dizer que faz uma pessoa feliz: dinheiro, poder, influência, servidão... E acabou descobrindo que, dissessem o que dissessem, lhe faltava o fundamental: o afeto autêntico, o respeito autêntico e também o autêntico amor de pessoas livres, pessoas que ele tratasse como pessoas e não como coisas. Talvez você me diga que esse Kane era meio esquisito, como geralmente o são os protagonistas de filmes. Muita gente teria se sentido mais do que satisfeita vivendo naquele palácio e com aqueles luxos: a maioria das pessoas, você me dirá com cinismo, não teria nem se lembrado do trenó "Rosebud". Vai ver que Kane estava meio doido... pois sentir-se infeliz com todas as coisas que ele tinha! E eu lhe digo que deve deixar as pessoas em paz e só pensar em si mesmo. A vida boa que você quer é como a de Kane? Você se conforma com o prato de lentilhas de Esaú?

Não tenha pressa em responder. Exatamente o que a ética tenta averiguar é em que consiste no fundo, para além do que nos dizem ou do que vemos nos anúncios da televisão, essa ditosa vida boa que gostaríamos de ter. A esta altura sabemos que nenhuma vida boa pode prescindir das coisas (precisamos

de lentilhas, que têm muito ferro), mas menos ainda podemos prescindir das pessoas. Devemos manipular as coisas como coi-

90

sãs e tratar as pessoas como pessoas: desse modo as coisas nos ajudarão em muitos aspectos, e as pessoas em um aspecto fundamental, que nenhuma coisa pode suprir, o de sermos humanos. Será loucura minha ou do cidadão Kane? Talvez sermos humanos não seja importante, pois, queiramos ou não, nós o somos irremediavelmente... Mas é possível ser humano-coisa ou humano-humano, humano preocupado apenas em ganhar as coisas da vida - todas as coisas, quanto mais coisas melhor - e humano dedicado a desfrutar a humanidade vivida entre as pessoas! Por favor, não se deprecie.

Admito que muitos, à primeira vista, não dão muita importância ao que estou dizendo. Serão confiáveis? Serão os mais espertos ou simplesmente os que dão menos atenção ao assunto mais importante, à sua vida? Alguém pode ser esperto nos negócios ou na política e um solene asno para coisas mais sérias, como a questão de viver bem ou não. Kane era imensamente esperto no que dizia respeito a dinheiro e à manipulação das pessoas, mas no final percebeu que se enganara quanto ao fundamental. Errou onde mais lhe conviria acertar. Repito uma palavra que me parece fundamental para este assunto: atenção. Não estou me referindo à atenção da coruja, que não fala mas observa muito (segundo a velha anedota, você sabe), mas à disposição de refletir sobre o que fazemos e a tentar definir o melhor possível o sentido da "vida boa" que queremos vi-

91

ver. Sem simplificações cômodas mas perigosas, procurando compreender toda a complexidade deste assunto do viver (refiro-me a viver humanamente), mais complicado do que parece.

Creio que a primeira e indispensável condição ética é estar decidido a não viver de qualquer modo, estar convencido de que nem tudo dá na mesma, ainda que cedo ou tarde devamos morrer. Ao falar de "moral", as pessoas geralmente se

referem às ordens e costumes que se tem o hábito de respeitar, pelo menos aparentemente e às vezes sem saber muito bem por quê. Mas talvez a verdadeira chave esteja não em submeter-se a um código ou em se opor ao estabelecido (que também é submeter-se a um código, mas ao avesso), mas em tentar compreender. Compreender por que certos comportamentos nos convêm e outros não, compreender para que serve a vida e o que pode torná-la "boa" para nós, seres humanos. Antes de tudo, é preciso não se contentar em ser tido como bom, em ficar bem diante dos outros, e ser aprovado... Para isso, sem dúvida, será preciso não só colocar-se como coruja ou assumir a submissa obediência de um robô, mas também falar com os outros e escutá-los. Mas o esforço de tomar a decisão cada um precisa fazer por si: ninguém pode ser livre por você.

Por enquanto, deixo duas questões para você ir ruminando. A primeira é esta: por que o que é mau é mau? E a segunda é ainda mais bonita: em que consiste tratar as pessoas como pessoas?

92

Se você continua tendo paciência comigo, tentaremos começar a responder nos dois próximos capítulos.

Vá dando uma lida...

"É a debilidade do homem que o faz sociável; são nossas misérias comuns que inclinam nossos corações à humanidade; se não fôssemos homens, não teríamos nenhum dever. Todo apego é um sinal de insuficiência: se cada um de nós não tivesse qualquer necessidade dos outros, nem sequer pensaria em unir-se a eles. Assim, de nossa própria deficiência nasce nossa frágil felicidade. Um ser verdadeiramente feliz é um ser solitário: só Deus goza de uma felicidade absoluta; mas quem de nós tem idéia de coisa semelhante? Se alguém

imperfeito pudesse bastar a si mesmo, de que gozaria, segundo nós? Estaria só, seria infeliz.

Não concebo que alguém que não tenha necessidade de nada possa amar alguma coisa: e

não concebo que alguém que não ame possa ser feliz." (Jean-Jacques Rousseau, Emílio)

"Com efeito, quanto àqueles cuja atarefada pobreza usurpou o nome de riqueza, eles têm

sua riqueza como nós dizemos que temos febre, ao passo que é ela que nos tem em seu

poder." (Sêneca, Cartas a Lucílio)

"Como a razão nada exige que seja contrário à natureza, exige, por conseguinte, que cada

um ame a si mesmo, busque sua utilidade própria - o que realmente lhe seja útil -, deseje

tudo aquilo que leve realmente o homem a uma perfeição maior e, em termos absolutos, que

cada um se esforce tanto quanto estiver a seu alcance pa-

93

ra conservar seu ser. (...)• E, assim, nada é mais útil ao homem do que o homem; quero

dizer que os homens nada podem desejar que seja melhor para a conservação de seu ser do

que concordarem todos em todas as coisas, de sorte que as almas de todos formem como

que uma só alma, e seus corpos como que um só corpo, esforçando-se todos ao mesmo

tempo, o quanto possam, para conservar seu ser, e buscando todos juntos a utilidade

comum, donde se segue que os homens que se orientam pela razão, ou seja, os homens que

buscam sua utilidade sob a orientação da razão, nada desejam para si que não desejem para os outros homens e, por isso, são justos, dignos de confiança e honestos." (Spinoza, Ética)

94

## **Capítulo 6**

Surge o Grilo Sábio

Sabe qual é a única obrigação que temos nesta vida? Não sermos imbecis. Você não vai acreditar, mas a palavra imbecil é mais substancial do que parece. Ela vem do latim, baculus, que significa "bastão", "bengala": o imbecil é aquele que precisa de bengala para caminhar. Que os mancos e os velhinhos não se ofendam, pois a bengala a que nos referimos não é aquela usada legitimamente para dar apoio a um corpo alquebrado por algum acidente ou pela idade. O imbecil pode ser dos mais ágeis e dar saltos como uma gazela olímpica, não se trata disso. O imbecil não é manco dos pés, mas do pensamento: fracote e manquitola é seu espírito, mesmo que o corpo seja capaz de magníficas cambalhotas. Há imbecis de vários modelos, a escolher:

d) O que acredita que não quer nada, o que diz que para ele tudo dá na mesma, o que vive num perpétuo bocejo ou em permanente cochilo, embora de olhos abertos e sem roncar.

97

b) O que acredita que quer tudo, a primeira coisa que aparece e também o seu contrário: andar e parar, dançar e ficar sentado, mastigar alho e dar beijos sublimes, tudo ao mesmo tempo.

c) O que não sabe o que quer e nem se dá ao trabalho de averiguar. Imita os quereres de seus vizinhos ou opõe-se a eles sem razão, tudo o que ele faz é

ditado pela opinião da maioria dos que o cercam: é conformista sem reflexão ou rebelde sem causa.

d) O que sabe que quer e sabe o que quer e, mais ou menos, sabe por que o quer, mas quer frouxamente, com medo ou com pouca força. No fim acaba sempre fazendo o que não quer e deixando o que quer para amanhã, para ver se  
então terá mais energia.

é) O que quer com força e ferocidade, de maneira bárbara, mas enganou-se sobre o que é a realidade, se desorienta e acaba confundindo a vida boa com aquilo que o excita.

Todos esses tipos de imbecilidade precisam de bengala, ou seja, têm necessidade de se apoiar em coisas de fora, alheias, que nada têm a ver com a liberdade e a reflexão propriamente ditas. Sinto dizer-lhe que os imbecis geralmente acabam mal, acredite no que for a opinião comum. Ao afirmar que "acabam mal" não quero dizer que eles terminem na prisão ou fulminados por um raio (isso só costuma acontecer nos filmes), mas que em geral acabam prejudicando a si mesmos

98

e nunca conseguem viver a vida boa que você e eu tanto desejamos. E também sinto ser obrigado a informar que sintomas de imbecilidade geralmente quase todos nós temos; eu, pelo menos, volta e meia os encontro em mim, oxalá você descubra em si coisa melhor... Conclusão: alerta! em guarda! a imbecilidade está à espreita e não perdoa!

Por favor, não confunda a imbecilidade de que estou falando com o que freqüentemente chamamos de ser "imbecil", ou seja, ser ignorante, saber poucas coisas, não entender de trigonometria ou ser incapaz de aprender o subjuntivo do verbo francês aimer. Alguém pode ser imbecil em matemática (mea culpa!) e não o ser em moral, ou seja, em vida boa. Também o contrário acontece: há verdadeiros lince para negócios que são cretinos perfeitos em questões de ética. Com certeza o mundo está cheio de prêmios Nobel,

espetíssimos em seu campo, mas que caminham aos tropeções e bengaladas na questão que nos preocupa aqui. Sem dúvida, para evitar a imbecilidade em qualquer campo é preciso prestar atenção, como já dissemos no capítulo anterior, e fazer todo o esforço possível para aprender. Esses requisitos coincidem para a física, a arqueologia e a ética. Mas o ramo de viver bem não é o mesmo que o de saber quanto são dois mais dois. Saber quanto são dois mais dois é uma coisa preciosa, sem dúvida, mas não é essa sabedoria que pode livrar o imbecil moral do grande

99

tombo. Na verdade, agora que estou pensando... quanto são dois mais dois?

O contrário de ser moralmente imbecil é ter consciência. Mas a consciência não se ganha no bingo nem cai do céu. Decerto é preciso reconhecer que certas pessoas têm, desde pequenas, um melhor "ouvido" ético do que outras e um "bom-gosto" moral espontâneo, mas esse "ouvido" e esse "bom-gosto" podem se afirmar e se desenvolver com a prática (tal como o ouvido musical e o bom-gosto estético). E quando alguém é absolutamente desprovido desse "ouvido" ou desse "bom-gosto" para questões do viver bem? Rapaz, nesse caso não vejo muito remédio. Podemos dar muitas razões estéticas, baseadas na história, na harmonia de formas e de cores, ou o que mais se desejar, para justificar que um quadro de Velázquez tenha maior mérito artístico do que uma ilustração das Tartarugas Ninja. Mas, se depois de muita explicação alguém dissesse que prefere a ilustração a As meninas, eu não saberia como fazer para tirá-lo de seu erro. Do mesmo modo, se alguém não vê maldade em matar uma criança a marteladas para lhe roubar a chupeta, receio que fiquemos roucos antes de conseguir convencê-lo...

Bem, admito que para chegar a ter consciência são necessárias algumas qualidades inatas, como para apreciar a música ou se deleitar com a arte. Suponho que também certos requisitos sociais e económicos possam ajudar, pois não se po-

100

de exigir que alguém que foi privado desde o berço do humanamente necessário tenha, para compreender a questão da vida boa, a mesma facilidade daqueles que tiveram melhor sorte. Se ninguém nos trata humanamente, não é de surpreender que nos tomemos animalizados... Mas, uma vez concedido esse mínimo, acredito que o resto depende da atenção e do esforço de cada um. Em que consiste essa consciência que irá nos curar da imbecilidade moral? Fundamentalmente nas seguintes disposições:

- a) Saber que nem tudo dá na mesma, pois queremos realmente viver e, além disso, viver bem, humanamente bem.
- b) Estar dispostos a atentar para se o que estamos fazendo corresponde ao que de fato queremos ou não.
- c) Com base na prática, irmos desenvolvendo o bom-gosto moral, de modo que haja certas coisas que espontaneamente nos repugne fazer (por exemplo, que tenhamos "nojo" de mentir, tal como em geral temos nojo de urinar na sopeira da qual vamos nos servir logo depois...).
- d) Renunciar a buscar pactos que dissimulem que somos livres e portanto razoavelmente responsáveis pelas consequências de nossos atos.

Como você deverá perceber, nessas disposições não invoco outro motivo que não o proveito próprio para preferir isto àquilo, a consciência à imbecilidade. Por que o que chamamos de "mau" é mau? Por que nos impede de viver a

101

vida boa que queremos? Então é preciso evitar o que é mau por uma espécie de egoísmo! Exatamente. Em geral a palavra "egoísta" tem má reputação. Chamamos de "egoísta" quem só pensa em si mesmo e não se preocupa com os outros, a ponto de prejudicá-los tranqüilamente se com isso conseguir algum benefício. Nesse sentido diríamos que o cidadão Kane era um "egoísta", e também Calígula, aquele imperador romano capaz de cometer qualquer crime



para satisfazer ao menor de seus caprichos. Esses personagens e outros parecidos em geral são chamados egoístas (inclusive monstruosamente egoístas), e sem dúvida não se distinguem pela maravilha de sua consciência ética nem por seu empenho em evitar fazer o mal...

Concordo, mas será que os assim chamados "egoístas" são tão egoístas quanto parecem? Quem é o verdadeiro egoísta? Ou seja, quem pode ser egoísta sem ser imbecil? A resposta me parece óbvia: quem quer o melhor para si mesmo. E o que é o melhor? Pois é o que chamamos de "vida boa". Kane deu a si mesmo uma vida boa? Ao acreditarmos no que Orson Welles nos conta, não parece. Empenhou-se em tratar as pessoas como se fossem coisas e, dessa maneira, ficou sem as compensações humanamente mais desejáveis da vida, como o carinho sincero dos outros ou sua amizade desinteressada. Calígula, então, nem se fala. Que vida se infligiu o pobre rapaz! Os únicos sentimentos sinceros que conse-

102

guiu despertar em seus próximos foram o terror e o ódio. É preciso ser imbecil, moralmente imbecil, para supor que seja melhor viver rodeado de pânico e crueldade do que de amor e gratidão! Para concluir, o desregrado Calígula foi morto por seus próprios guardas, claro: desprezível egoísta, estava acabado se o que quis foi dar-se uma vida boa com base em malefícios! Se de fato tivesse pensado em si mesmo (ou seja, se tivesse tido consciência) teria percebido que para viver bem nós, seres humanos, necessitamos de algo que só os outros seres humanos podem nos dar, quando o ganhamos, mas que é impossível roubar através da força ou de enganos. Quando é roubado, esse algo (respeito, amizade, amor) perde todo o sabor e, a longo prazo, transformase em veneno. Os "egoístas" do tipo de Kane ou Calígula parecem os participantes dos programas de auditório, que querem conseguir o primeiro prêmio mas fazem escolhas que não os levam a ganhar nada...

Só deveríamos chamar de egoísta conseqüente aquele que sabe de verdade o que lhe convém para viver bem e se esforça para consegui-lo. Aquele que se farta de tudo o que não lhe convém (ódio, caprichos criminosos, lentilhas compradas a preço de lágrimas, etc.) no fundo gostaria de ser egoísta mas não sabe. Pertence ao grupo dos imbecis, e deveríamos receitar-lhe um pouco de

consciência para que amasse mais a si mesmo. Pois o pobrezinho (mesmo que seja um

103

pobrezinho milionário ou um pobrezinho imperador) acredita amar a si mesmo mas é tão pouco atento ao que de fato lhe convém, que acaba se comportando como se fosse seu pior inimigo. Isso é reconhecido por um famoso vilão da literatura universal, o Ricardo III de Shakespeare, na tragédia que tem seu nome por título. Para tornar-se rei, o conde de Gloucester (que finalmente será coroado como Ricardo III) elimina todos os parentes varões que se interpõem entre ele e o trono, incluindo até crianças. Gloucester nasceu muito esperto, mas deformado, o que representou um sofrimento constante para seu amor-próprio; ele supõe que o poder real compensará de certo modo sua corcunda e sua perna manca, inspirando o respeito que não consegue por seu aspecto físico. No fundo, Gloucester quer ser amado, sente-se isolado por sua malformação e acredita que o afeto possa ser imposto aos outros... à força, por meio do poder! Ele fracassa, é claro: consegue o trono, mas não inspira nenhum carinho, apenas horror e depois ódio. O pior de tudo é que ele, que havia cometido todos os seus crimes por amor-próprio desesperado, sente agora horror e ódio por si mesmo: além de não ganhar nenhum novo amigo, perdeu o único amor que julgava seguro! É então que pronuncia o espantoso e profético diagnóstico de seu caso clínico: "Lançar-me-ei com sombrio desespero contra minha alma e acabarei transformado em inimigo de mim mesmo."

104

Por que Gloucester acaba se tornando "inimigo de si mesmo"? Por acaso não conseguiu o que queria, o trono? Sim, mas ao preço de estragar sua verdadeira possibilidade de ser amado e respeitado por seus outros companheiros humanos. Um trono não confere automaticamente nem amor nem respeito verdadeiros: só garante adulação, temor e servilismo, sobretudo quando conseguido por meio de malefícios, como no caso de Ricardo III. Em vez de compensar de algum modo sua deformação física, Gloucester também se deforma por dentro. Não tinha culpa de sua corcunda nem de sua manqueira, por isso não havia razão para se envergonhar dessas infelizes casualidades;

deveriam ter vergonha os que caçoaram dele ou o desprezaram por causa delas.

Por fora os outros o viam deformado, mas por dentro ele podia saber-se inteligente, generoso e digno de afeto. Se amasse a si mesmo de verdade, poderia ter tentado exteriorizar por meio de sua conduta seu interior limpo e correto, seu verdadeiro eu. Ao contrário, seus crimes o transformam a seus próprios olhos (quando se olha por dentro, onde a única testemunha é ele) em um monstro mais repugnante do que qualquer deformado físico. Por quê? Porque por suas corcundas e manqueiras morais o responsável é ele mesmo, ao passo que as outras são azares da natureza. A coroa manchada de traição e de sangue não o torna mais amável, e pior ainda: agora sabe que é menos digno de amor do que nun-

105

ca, e mesmo ele já não se ama. Chamaremos de "egoísta" alguém que fere tanto a si mesmo? No parágrafo anterior utilizei algumas palavras severas, que talvez não tenham escapado a você (se escaparam, azar): palavras como "culpa" ou "responsável". Soam como o que habitualmente está relacionado com a consciência, não é mesmo? Essa coisa do Grilo Sábio, etc. Só faltou eu mencionar o mais "feio" desses termos: remorso. Sem dúvida, o que amargura a existência de Gloucester e não o deixa desfrutar o trono nem o poder são antes de tudo os remorsos de sua consciência. E agora pergunto: sabe de onde vêm os remorsos? Você me dirá que, em alguns casos, vêm do medo que pode merecer - neste mundo ou em outro, depois da morte, se é que existe - nosso mau comportamento. Mas suponhamos que Gloucester não tenha medo da vingança justiceira dos homens e não acredite que haja algum Deus disposto a condená-lo ao fogo eterno por seus malefícios. E mesmo assim continua atormentado pelos remorsos... Veja: alguém pode lamentar ter procedido mal mesmo estando razoavelmente certo de que não sofrerá represálias por parte de nada nem de ninguém. É que, ao agirmos mal e nos darmos conta disso, compreendemos que já estamos sendo castigados, que lesamos a nós mesmos - pouco ou muito - voluntariamente. Não há pior castigo do que perceber que por nossos atos estamos boicotando o que na verdade queremos ser...

106

De onde vêm os remorsos? Para mim está muito claro: de nossa liberdade. Se não fôssemos livres, não nos poderíamos sentir culpados (nem orgulhosos, é claro) de nada e evitaríamos os remorsos. Por isso, quando sabemos que fizemos algo vergonhoso procuramos afirmar que não tivemos outro remédio senão agir assim, que não pudemos escolher: "cumpri ordens de meus superiores", "vi que todo o mundo fazia a mesma coisa", "perdi a cabeça", "é mais forte do que eu", "não percebi o que estava fazendo", etc. Do mesmo modo, quando o pote de geléia que estava em cima do armário cai e quebra, a criança pequena grita chorosa: "Não fui eu!" Grita exatamente porque sabe que foi ela; se não fosse assim, nem se daria ao trabalho de dizer nada, ou talvez até risse e pronto. Em compensação, ao fazer um desenho muito bonito essa mesma criança irá proclamar: "Fiz sozinho, ninguém me ajudou!" Do mesmo modo, ao crescermos, queremos sempre ser livres para nos atribuir o mérito do que realizamos, mas preferimos confessarnos "escravos das circunstâncias" quando nossos atos não são exatamente gloriosos.

Vamos deixar de lado o chato do Grilo: a verdade é que sempre tive tão pouca simpatia por ele quanto por aquele outro inseto detestável, a formiga da fábula, aquela grossa que deixa a cigarra sem comida e sem abrigo no inverno, só para lhe dar uma lição. Na verdade a questão é levar a liberdade a sério, ou seja, de maneira res-

107

ponsável. O que é sério na liberdade é o fato de ela ter efeitos indubitáveis, que depois de produzidos não podem ser apagados conforme as conveniências. Sou livre para comer ou não comer o pastel que está à minha frente; mas, se resolver comê-lo, já não serei livre para tê-lo à minha frente ou não. Dou outro exemplo, este de Aristóteles (aquele velho grego do barco na tempestade): se tenho uma pedra na mão, sou livre para segurá-la ou jogá-la, mas se a jogar longe já não poderei ordenar que ela volte para continuar tendo-a na mão. E se com ela eu rachar a cabeça de alguém... já viu. O que é sério na liberdade é o fato de cada ato livre meu limitar minhas possibilidades ao escolher e realizar uma delas. E não vale a artimanha de esperar para ver se o resultado é bom ou mau antes de assumir se sou ou não o responsável. Talvez eu possa enganar o

observador de fora, como pretende a criança que diz "não fui eu!", mas nunca poderei enganar totalmente a mim mesmo. Pergunte a Gloucester... ou ao Pinóquio!

Portanto, o que chamamos de "remorso" não é mais do que a insatisfação que sentimos quanto a nós mesmos ao empregarmos mal a liberdade, ou seja, quando a utilizamos contrariamente ao que de fato queremos como seres humanos. E ser responsável é saber-se autenticamente livre, para bem ou para mal: enfrentar as conseqüências do que fizemos, emendar o mal que possa ser emendado e aproveitar ao máximo

108

o que é bom. Diferentemente da criança malcriada e covarde, o responsável está sempre disposto a responder por seus atos: "Sim, fui eu!" O mundo que nos cerca, se você reparar bem, está cheio de ofertas para descarregar o sujeito do peso de sua responsabilidade. A culpa pelo mal que acontece parece ser das circunstâncias, da sociedade em que vivemos, do sistema capitalista, do meu caráter (é que eu sou assim!), do fato de não me terem educado bem (ou de ter sido mimado demais), dos anúncios da televisão, das tentações que se oferecem

nas vitrines, dos exemplos irresistíveis e perniciosos... Acabo de usar a palavra-chave dessas justificativas: irresistível. Todos os que querem se isentar de sua responsabilidade acreditam no irresistível, naquilo que escraviza irremediavelmente, seja propaganda, droga, apetite, suborno, ameaça, maneira de ser... o que for. Quando aparece o irresistível, pronto!, a pessoa deixa de ser livre e se transforma em marionete a quem não se deve pedir prestação de contas. Os partidários do autoritarismo acreditam firmemente no irresistível e sustentam que é necessário proibir tudo o que possa ser avassalador: quando a polícia tiver acabado com todas as tentações, já não haverá delitos nem pecados! Também não haverá liberdade, claro, mas quem quer tem de pagar... Além disso, que grande alívio saber que, se ainda restar alguma tentação solta por aí, a responsabilidade pelo que acontecer será de quem não a proibiu a tempo e não de quem cedeu a ela!

109

E se eu lhe dissesse que o "irresistível" não passa de uma superstição, inventada por aqueles que têm medo da liberdade? Que todas as instituições e teorias que nos oferecem desculpas para a responsabilidade não nos querem ver

mais satisfeitos mas saber-nos mais escravos? Que aquele que espera todo o mundo ser como se deve para ele mesmo começar a se comportar devidamente nasceu para ser mentecapto, velhaco ou as duas coisas, o que também costuma acontecer? Que por mais proibições que nos sejam impostas e por mais policiais que nos vigiem, sempre poderemos proceder mal - ou seja, contra nós mesmos - se quisermos! Pois estou lhe dizendo, com toda a convicção do mundo.

Um grande poeta e narrador argentino, Jorge Luis Borges, faz no início de um de seus contos a seguinte reflexão sobre um antepassado seu: "Couberam a ele,

como a todos os homens, maus tempos para viver." Com efeito, ninguém nunca viveu tempos totalmente favoráveis, em que fosse fácil ser homem e levar uma vida boa. Sempre houve violência, roubo, covardia, imbecilidade (moral e da outra), mentiras aceitas como verdades por serem agradáveis de ouvir...

Ninguém recebe de presente a boa vida humana e ninguém consegue o que lhe convém sem coragem e sem esforço: por isso, virtude deriva etimologicamente de vir, a força viril do guerreiro que se impõe no combate contra a maioria. Está achando ruim? Pois peça o livro de reclamações.

110

A única coisa que posso garantir é que nunca se viveu no paraíso e que a decisão de viver bem cada um deve tomar a respeito de si mesmo, dia após dia, sem esperar que as estatísticas lhe sejam favoráveis ou que o resto do universo lhe peça por favor.

A essência da liberdade, se é que lhe interessa saber, não consiste apenas em ter a galhardia ou a honradez de assumir os próprios erros sem ficar procurando desculpas a torto e a direito. O indivíduo responsável é consciente do que sua liberdade tem de real. Emprego "real" no duplo sentido, de "autêntico" ou "verdadeiro" e também de "próprio de um rei", aquele que toma decisões sem

que nenhum superior lhe dê ordens. Responsabilidade é saber que cada um de meus atos vai me construindo, vai me definindo, vai me inventando. Ao escolher o que quero fazer vou me transformando pouco a pouco. Todas as decisões deixam marca em mim mesmo antes de deixá-la no mundo que me cerca. E, é claro, uma vez que minha liberdade seja utilizada para ir me fazendo um rosto, já não posso me queixar ou me assustar com o que vejo quando me olho no espelho... Se a cada vez eu proceder bem, terei mais dificuldade em proceder mal (e vice-versa, infelizmente). Por isso o ideal é ir contraindo o vício... de viver bem. Quando o protagonista do filme de faroeste tem oportunidade de atirar no vilão pelas costas e diz "Não posso fazer isso", todos nós entendemos o que ele quer

111

dizer. Atirar ele poderia, só que não tem esse hábito. Por isso mesmo é o "bom" da história! Quer continuar sendo fiel ao sujeito que escolheu ser, ao sujeito que fabricou livremente tempos atrás.

Desculpe se este capítulo acabou ficando muito longo, mas é que me entusiasmei um pouco e, além disso, tenho tanta coisa para lhe dizer! Vamos encerrá-lo por aqui e reunir forças, porque amanhã proponho-me a falar sobre o que é tratar as pessoas como pessoas, ou seja, com realismo ou, se você preferir: com bondade.

Vá dando uma lida...

"Ó, covarde consciência, como me afliges!... A luz irradia resplendores azulados!... É hora da meia-noite mortal!... Um suor frio encharca minhas carnes trémulas!... Como! Tenho medo de mim mesmo?... Aqui não há ninguém... Ricardo ama Ricardo... É isso; eu sou eu... Há aqui algum assassino?... Não... Sim!... Eu!... Fugamos, então!... Como! De mim mesmo?... Excelente razão!... Por quê?... Do medo da vingança! Como! De mim mesmo

contra mim mesmo? Ai! Eu me amo! Por quê? Pelo escasso bem que fiz a mim mesmo? Ah,  
não! Ai de mim!... Antes deveria odiar-me pelas infames ações que cometi! Sou um miserável! Mas minto: isso não é verdade... Louco, fala bem de ti! Louco, não te adules!  
Minha consciência tem milhares de línguas, e cada língua repete sua história particular, e cada história me condena como um miserável! O perjúrio, o perjúrio no mais alto grau! O assassinato, o horrendo assassinato até o mais feroz extre-

112

mo! Todos os crimes diversos, todos cometidos sob todas as formas, acodem para me acusar, gritando todos: Culpado! Culpado!... Desesperar-me-ei! Não há criatura humana que me ame! Se eu morrer, nenhuma alma terá pena de mim!... E por que haveria de ter? Se eu mesmo não tive piedade de mim!" (William Shakespeare, A tragédia de Ricardo III)

í t t \TZ,.

'Não faças aos outros o que não queres que te façam' é um dos princípios mais fundamentais da ética. Mas é igualmente justificada a afirmação: tudo o que fazes aos outros fazes também a ti mesmo." (Erich Fromm, Ética e psicanálise)

"Todos, ao favorecerem os outros, favorecem a si mesmos; e não me refiro ao fato de que o socorrido quererá socorrer e o defendido proteger, ou de que o bom exemplo retorna, descrevendo um círculo, àquele que o dá - como os maus exemplos recaem sobre seus



autores... - mas a que o valor de toda virtude tem raízes nela mesma, uma vez que não é praticada com vistas ao prêmio: a recompensa da ação virtuosa é tê-la realizado." (Sêneca, Cartas a Lucílid)

113

## **Capítulo 7**

Ponha-se no lugar do outro

Robinson Crusoé passeia por uma das praias da ilha à qual foi confinado por uma inoportuna tempestade seguida de naufrágio. Leva seu papagaio ao ombro e protege-se do sol graças à sombrinha fabricada com folhas de palmeira, que o faz sentir orgulho, com razão, de sua habilidade. Ele acha que, em vista das circunstâncias, até que não se arranjou mal. Agora tem um refúgio para se proteger contra as inclemências do tempo e os ataques dos animais selvagens, sabe onde conseguir alimento e bebida, tem roupas para se abrigar, que ele mesmo fez com elementos naturais da ilha, os dóceis serviços de um pequeno rebanho de cabras, etc. Enfim, acha que sabe arranjar-se para levar mais ou menos sua vida boa de náufrago solitário. Robinson continua passeando, e está tão contente consigo mesmo, que por um momento parece não sentir falta de nada. De repente, detém-se com um sobressalto.

117

Ali, na areia branca, desenha-se uma marca que irá revolucionar toda a sua pacífica existência: uma pegada humana.

De quem será? Amigo ou inimigo? Talvez um inimigo que possa se tornar amigo? Homem ou mulher? Como se entenderá com ele, ou ela? Como irá tratá-lo! Robinson já está acostumado a se fazer perguntas desde que chegou à

ilha e a resolver os problemas do modo mais engenhoso possível: o que vou comer? onde vou me abrigar? como posso proteger-me do sol? Mas agora a situação não é a mesma, pois não se trata de lidar com acontecimentos naturais, como a fome ou a chuva, nem com animais selvagens, mas com um outro ser humano, ou seja, com outro Robinson ou com outros Robinsons e Robinsonas. Diante dos elementos ou dos animais, Robinson pôde comportar-se sem atender a nada além de sua necessidade de sobrevivência. Tratava-se de ver se podia com eles ou se eles podiam com ele, sem mais complicações. Mas diante de seres humanos a coisa já não é tão simples. Ele deve sobreviver, sem dúvida, mas não de qualquer modo. Se Robinson transformou-se num animal como os outros que perambulam pela selva, por causa de sua solidão e sua desventura, sua única preocupação será saber se o desconhecido dono da pegada é um inimigo a ser eliminado ou uma presa a ser devorada. Mas se quer continuar sendo homem... Então já não estará lidando com uma presa ou um simples inimigo,

118

mas com um rival ou um possível companheiro; de todo modo, com um semelhante.

Enquanto está só, Robinson enfrenta questões técnicas, mecânicas, higiênicas, inclusive científicas, se é que você me entende. A questão é salvar a vida num meio hostil e desconhecido. Mas quando ele encontra a pegada de Sexta-Feira na areia da praia, começam seus problemas éticos. Já não se trata apenas de sobreviver, como um animal selvagem ou uma alcachofra, perdido na natureza; agora precisa começar a viver humanamente, ou seja, com outros ou contra outros homens, mas entre homens. O que faz a vida ser "humana" é o transcorrer em companhia de seres humanos, falando com eles, pactuando e mentindo, sendo respeitado ou traído, amando, fazendo projetos e recordando o passado, desafiando-se, organizando juntos as coisas comuns, jogando, trocando símbolos... A ética não se ocupa em saber como se alimentar melhor, qual a maneira mais recomendável de se proteger do frio ou o que fazer para atravessar um rio sem se afogar, todas questões muito importantes, sem dúvida, para a sobrevivência em determinadas circunstâncias; o que interessa à ética, o que constitui sua especialidade, é como viver bem a vida humana, a vida que transcorre entre humanos. Se não soubermos como nos arranjar para sobreviver

em meio aos perigos naturais, perderemos a vida, o que sem dúvida será um grande dano; mas, se não tivermos nem idéia de

119

ética, perderemos ou prejudicaremos o humano de nossa vida, o que, francamente, também não tem graça nenhuma.

Eu disse antes que a pegada na areia anunciou a Robinson a proximidade comprometedora de um semelhante. Mas, vejamos: até que ponto Sexta-Feira era semelhante a Robinson? De um lado, um europeu do século XVII, possuidor dos conhecimentos científicos mais avançados de sua época, educado na religião cristã, familiarizado com os mitos homéricos e com a imprensa; de outro, um selvagem canibal dos mares do Sul, sem outra cultura além da tradição oral de sua tribo, crente numa religião politeísta e ignorando a existência das grandes cidades da época, como Londres e Amsterdã. Neles, tudo era diferente: cor da pele, gostos culinários, entretenimentos... Certamente nem seus sonhos noturnos tinham algo em comum. No entanto, apesar de tantas

diferenças, também havia entre eles características fundamentais parecidas, semelhanças essenciais que Robinson não compartilhava com nenhum animal, com nenhuma árvore ou manancial da ilha. Para começar, ambos falavam, embora suas línguas fossem muito diferentes. O mundo, para eles, era feito de símbolos e de relações entre símbolos, e não de simples coisas sem nome. Tanto Robinson como Sexta-Feira eram capazes de atribuir valor aos comportamentos, de saber que podemos fazer algumas coisas que são "boas" e outras que, ao contrário, são

120

"más". À primeira vista, o que os dois consideravam "bom" e "mau" também não era igual, pois seus valores concretos provinham de culturas muito distantes: sem buscar muito longe, o canibalismo era um costume razoável e aceito por Sexta-Feira, ao passo que despertava o mais profundo horror em Robinson - assim como em você, suponho, por mais comilão que você seja. Apesar disso, havia uma coincidência entre os dois na medida em que

supunham critérios destinados a justificar o que é aceitável e o que é aversivo. Embora partissem de posições muito distantes numa discussão, podiam chegar a discutir e compreender o que estavam discutindo. Já é bem mais do que em geral se faz com um tubarão ou com uma avalanche de rochas, não é mesmo?

Você me dirá que tudo isso está muito bem mas que, na verdade, por mais semelhantes que sejam os homens, não está claro de antemão qual a melhor maneira de se comportar com relação a eles. Se a pegada que Robinson encontrou na areia pertencer a um membro de uma tribo de canibais que pretende comê-lo refogado, sua atitude diante do desconhecido não será a mesma que se fosse a pegada do grumete de um navio que chegasse para resgatá-lo. Justamente pelo fato de se parecerem muito comigo, os outros homens são mais perigosos para mim do que qualquer animal feroz ou terremoto. Não há pior inimigo do que um inimigo inteligente, capaz de fazer pla-

121

ética, perderemos ou prejudicaremos o humano de nossa vida, o que, francamente, também não tem graça nenhuma.

Eu disse antes que a pegada na areia anunciou a Robinson a proximidade comprometedora de um semelhante. Mas, vejamos: até que ponto Sexta-Feira era semelhante a Robinson? De um lado, um europeu do século XVII, possuidor dos conhecimentos científicos mais avançados de sua época, educado na religião cristã, familiarizado com os mitos homéricos e com a imprensa; de outro, um selvagem canibal dos mares do Sul, sem outra cultura além da tradição oral de sua tribo, crente numa religião politeísta e ignorando a existência das grandes cidades da época, como Londres e Amsterdã. Neles, tudo era diferente: cor da pele, gostos culinários, entretenimentos... Certamente nem seus sonhos noturnos tinham algo em comum. No entanto, apesar de tantas

diferenças, também havia entre eles características fundamentais parecidas, semelhanças essenciais que Robinson não compartilhava com nenhum animal, com nenhuma árvore ou manancial da ilha. Para começar, ambos falavam, embora suas línguas fossem muito diferentes. O mundo, para eles, era feito de símbolos e de relações entre símbolos, e não de simples coisas sem nome. Tanto Robinson como Sexta-Feira eram capazes de atribuir valor aos

comportamentos, de saber que podemos fazer algumas coisas que são "boas" e outras que, ao contrário, são

120

"más". À primeira vista, o que os dois consideravam "bom" e "mau" também não era igual, pois seus valores concretos provinham de culturas muito distantes: sem buscar muito longe, o canibalismo era um costume razoável e aceito por Sexta-Feira, ao passo que despertava o mais profundo horror em Robinson - assim como em você, suponho, por mais comilão que você seja. Apesar disso, havia uma coincidência entre os dois na medida em que supunham critérios destinados a justificar o que é aceitável e o que é aversivo. Embora partissem de posições muito distantes numa discussão, podiam chegar a discutir e compreender o que estavam discutindo. Já é bem mais do que em geral se faz com um tubarão ou com uma avalanche de rochas, não é mesmo?

Você me dirá que tudo isso está muito bem mas que, na verdade, por mais semelhantes que sejam os homens, não está claro de antemão qual a melhor maneira de se comportar com relação a eles. Se a pegada que Robinson encontrou na areia pertencer a um membro de uma tribo de canibais que pretende comê-lo refogado, sua atitude diante do desconhecido não será a mesma que se fosse a pegada do grumete de um navio que chegasse para resgatá-lo. Justamente pelo fato de se parecerem muito comigo, os outros homens são mais perigosos para mim do que qualquer animal feroz ou terremoto. Não há pior inimigo do que um inimigo inteligente, capaz de fazer pla-

121

nos minuciosos, de montar armadilhas ou de me enganar de mil maneiras. Talvez então o melhor seja tomar a dianteira e ser o primeiro a tratá-los, através de violências ou emboscadas, como se já fossem de fato os inimigos que poderiam vir a ser... No entanto, essa atitude não é tão prudente como pode parecer à primeira vista: ao me comportar como inimigo para com meus semelhantes, sem dúvida estarei aumentando as possibilidades de que eles se transformem irremediavelmente em meus inimigos também; além disso, perderei

a ocasião de ganhar sua amizade ou de conservá-la, se em princípio estiverem dispostos a oferecê-la a mim.

Veja este outro comportamento possível diante de nossos perigosos semelhantes. Marco Aurélio foi imperador de Roma, além de filósofo, o que é raro, pois em geral os governantes interessam-se pouco por quaisquer questões que não sejam indiscutivelmente práticas. Esse imperador gostava de anotar uma espécie de conversas que tinha consigo mesmo, dando-se conselhos ou até

se dando algumas broncas. Frequentemente registrava coisas deste tipo (estou recorrendo à memória, não ao livro, de modo que não se preocupe com o texto ao pé da letra): "Hoje, ao se levantar, pense que ao longo do dia irá encontrar-se com algum mentiroso, com algum ladrão, com algum adúltero, com algum assassino. Lembre-se de que deverá tratá-los como homens, pois são tão humanos quanto você e, portanto, são-lhe tão

122

imprescindíveis quanto a mandíbula inferior para a superior." Para Marco Aurélio, o mais importante com respeito aos homens não é sua conduta me parecer conveniente ou não, mas o fato de que - enquanto humanos - eles me convêm, e isso nunca deixarei esquecer ao tratar com eles. Por piores que sejam, sua humanidade coincide com a minha e a reforça. Sem eles talvez eu pudesse viver, mas não viver humanamente. Embora eu tenha um dente postiço e dois ou três cariados, sempre é mais conveniente, na hora de comer, contar com um maxilar inferior que ajude o superior...

Essa própria semelhança quanto à inteligência, à capacidade de calcular e projetar, às paixões e aos medos, isso que torna os homens tão perigosos para mim, quando querem sê-lo, tornaos também extremamente úteis. Quando um ser humano combina bem comigo, nada poderá combinar melhor. Vejamos, o que você conhece que seja melhor do que ser amado! Quando alguém quer dinheiro, ou poder, ou prestígio... por acaso não deseja essas riquezas para poder comprar a metade do que recebemos de graça quando somos amados? E quem pode me amar de verdade senão um outro ser como eu, que me ame enquanto ser humano... e apesar disso? Nenhum bicho, por mais carinhoso que seja, pode me dar tanto quanto outro ser humano, mesmo que seja um ser

humano meio antipático. É certo que, em todo caso, devo tratar os homens com cuida-

123

do. Mas esse "cuidado" não pode consistir antes de tudo em suspeita ou prevenção, mas na consideração que se tem ao lidar com as coisas frágeis, as coisas mais frágeis de todas... por não serem simples coisas. Como o vínculo de respeito e amizade para com os outros humanos é o mais precioso do mundo para mim, que também sou humano, quando me vejo diante deles devo ter o maior interesse em resguardá-lo e até em mimá-lo, se é que você me entende. Nem na hora de salvar a pele é aconselhável que eu esqueça completamente essa prioridade.

Marco Aurélio, que era imperador e filósofo mas não era imbecil, sabia muito bem o que você também sabe: há gente que rouba, que mente e que mata. Naturalmente, ele não supunha que em nome de nos dar bem com o próximo devêssemos favorecer essas condutas. Mas tinha muito claras duas coisas que acho muito importantes:

Primeira: quem rouba, mente, trai, viola, mata ou abusa de algum modo de alguém nem por isso deixa de ser humano. Aqui a linguagem é enganosa, pois, ao atribuir um rótulo infamante ("esse é um ladrão", "aquela é uma mentirosa", "aquele outro é um criminoso"), acabamos esquecendo um pouco que se trata sempre de seres humanos que, sem deixar de sê-lo, comportam-se de maneira pouco recomendável. E quem "chegou" a ser detestável, como continua sendo humano, ainda pode voltar a se transformar

124

na pessoa mais conveniente para nós, na mais imprescindível...

Segunda: uma das características principais de todos nós, seres humanos, é nossa capacidade de imitação. A maior parte de nosso comportamento e de nossos gostos é copiada dos outros. Por isso somos tão educáveis e vamos constantemente aprendendo os sucessos conquistados por outras pessoas em

tempos passados ou latitudes distantes. Em tudo o que chamamos de "civilização", "cultura", etc. há um pouco de invenção e muito de imitação. Se não fôssemos tão copiadores, cada homem teria sempre de começar tudo do zero. Por isso é tão importante o exemplo que damos a nossos congêneres sociais: é quase certo que, na maioria dos casos, os outros nos tratarão tal como são tratados. Se distribuirmos inimizade a torto e a direito, mesmo que dissimuladamente, não é provável que recebamos em troca nada melhor do que mais inimizade. Bem sei que, por melhor que seja o nosso exemplo, os outros sempre têm diante de si demasiados maus exemplos para imitar. Por que nos incomodarmos, então, e renunciarmos às vantagens imediatas que os canalhas desfrutam com tanta freqüência? Marco Aurélio responderia: "Você acha prudente aumentar o número já tão grande dos maus, daqueles de quem se pode esperar muito pouco de realmente positivo, e desanimar a minoria dos melhores, que em compensação tanto podem fazer por sua boa vida? Não é mais lógico-

125

co semear o que você tem intenção de colher em vez do oposto, mesmo sabendo que a discórdia pode estragar sua colheita? Você prefere comportar-se voluntariamente como tantos loucos soltos por aí, a defender e mostrar as vantagens do juízo?"

Mas vamos examinar um pouco mais de perto o que fazem aqueles que chamamos de "maus", ou seja, aqueles que tratam os outros seres humanos como inimigos em vez de procurar sua amizade. Você deve lembrar-se do filme Frankenstein, interpretado por aquele afetuoso monstro dos monstros que foi Boris Karloff. Tentamos vê-lo juntos na televisão quando você era bem pequeno, mas fui obrigado a desligar quando você me disse, com elegante franqueza: "Acho que está começando a me dar medo demais." Bem, pois no romance de Mary W. Shelley, no qual se baseia o filme, a criatura feita de retalhos de cadáveres confessa a seu arrependido inventor: "Sou mau porque sou infeliz." Tenho a impressão de que a maioria dos supostos "maus" que estão pelo mundo poderiam dizer o mesmo, se fossem sinceros. Se eles se comportam de maneira hostil e impiedosa para com seus semelhantes, é porque



sentem medo, ou solidão, ou porque carecem de coisas necessárias que muitos outros têm: infelicidade, como você deve estar percebendo. Ou por padecerem da maior infelicidade de todas, a de serem tratados pela maioria sem amor nem respeito, tal como acontecia com a po-

126

bre criatura do doutor Frankenstein, pela qual só um cego e uma menina quiseram mostrar amizade. Não conheço ninguém que seja mau por felicidade ou que martirize o próximo em sinal de alegria. No entanto, há muitas pessoas que, para estarem contentes, precisam não tomar conhecimento dos sofrimentos que abundam à sua volta, de alguns dos quais são cúmplices. Mas a ignorância, ainda que esteja satisfeita consigo mesma, também é uma forma de infelicidade...

Ora, se quanto mais feliz e alegre alguém se sente, menos tem vontade de ser mau, não será prudente tentar fomentar o mais possível a felicidade dos outros, em vez de fazê-los infelizes, e portanto propensos ao mal? Quem colabora para a infelicidade alheia ou nada faz para remediá-la... na verdade a está buscando para si mesmo. Não venha se queixar, depois, de que haja tantos maus soltos pelo mundo! A curto prazo, tratar os semelhantes como inimigos (ou como vítimas) pode parecer vantajoso. O mundo está cheio de "espertinhos" ou de canalhas descarados que se consideram extremamente astutos quando tiram proveito da boa intenção dos outros, ou até de suas desventuras. Francamente, não os acho tão "espertos" como aparentam acreditar. A maior vantagem que podemos obter de nossos semelhantes não é a posse de mais coisas (ou o domínio sobre mais pessoas tratadas como coisas ou como instrumentos), mas a cumplicidade e o afeto de mais seres livres. Ou seja, a ampliação

127

I

e o reforço de minha humanidade. "E para que serve isso?", perguntará o espertinho, acreditando alcançar o auge da astúcia. E você poderá responder: "Não serve para nada do que você está pensando. Só os servos servem, e já lhe

disse que estamos falando de seres livres." O problema é que o canalha não sabe que a liberdade não serve e não gosta de ser servida, mas tenta se contagiar. O coitado tem mentalidade de escravo... por mais que se considere "rico" em coisas!

Depois o canalha suspira, já trêmulo e reduzido a simples espertinho: "Se eu não me aproveitar dos outros, com certeza serão os outros que se aproveitarão de mim!" É uma questão de ratos-escravos e leões-livres, com as devidas reverências para as duas espécies zoológicas que mais considero. Primeira diferença entre quem nasceu para rato e quem nasceu para leão: o rato pergunta

"o que acontecerá comigo?", e o leão, "o que farei?". Segunda diferença: o rato quer obrigar os outros a gostarem dele para assim ser capaz de gostar de si mesmo, e o leão gosta de si mesmo e por isso é capaz de gostar dos outros. Terceira: o rato está disposto a fazer o que for contra os outros para prevenir o que os outros possam fazer contra ele, ao passo que o leão considera que faz a favor de si mesmo tudo o que faz a favor dos outros. Ser rato ou ser leão, eis a questão! Para o leão está muito claro - "tenebrosamente claro", como diria o poeta Antônio Machado - que, ao tentar prejudicar meu

semelhante, o primeiro prejudicado serei justamente eu mesmo... e naquilo que tenho de mais valioso, de menos servil.

Chegamos finalmente ao momento de tentar responder a uma pergunta cuja resposta direta (indiretamente e com rodeios há muitas páginas não falamos de outra coisa) já adiamos por muito tempo: em que consiste tratar as pessoas como pessoas, ou seja, humanamente? Resposta: consiste em tentar colocar-se em seu lugar. Entender alguém como semelhante implica sobretudo a possibilidade de compreendê-lo a partir de dentro, de adotar por um momento seu próprio ponto de vista. É algo que só posso pretender de maneira muito romântica e muito duvidosa com um morcego ou um gerânio, mas que, em compensação, impõe-se com os seres capazes, como eu, de manejar símbolos. Afinal, sempre que falamos com alguém, o que fazemos é estabelecer um terreno no qual quem agora é "eu" sabe que se transformará em "você", e viceversa. Se não admitíssemos que existe algo fundamentalmente igual entre nós (a possibilidade de ser para o outro o que o outro é para mim) não poderíamos trocar nem uma palavra. Onde há troca, também há

reconhecimento de que de certo modo pertencemos a quem está diante de nós  
e

quem está diante de nós nos pertence... E isso mesmo que eu seja jovem e o  
outro velho, que eu seja homem e o outro mulher, mesmo que eu seja branco e  
o outro negro, que eu seja bobo

128

129

e o outro esperto, mesmo que eu esteja são e o outro doente, que eu seja rico e  
o outro pobre. "Sou humano" - disse um antigo poeta latino

- "e nada do que é humano pode parecer-me alheio." Ou seja, ter consciência  
de minha humanidade consiste em dar-me conta de que, apesar de todas as  
diferenças muito reais entre os indivíduos, também estou de certo modo dentro  
de cada um de meus semelhantes. Para começar, como palavra...

E não é só para poder falar com eles, é claro. Pôr-se no lugar do outro é mais  
do que o começo de toda comunicação simbólica com ele: trata-se de levar em  
conta seus direitos. Quando não há direitos, é preciso compreender suas  
razões. Pois isso é algo a que qualquer homem tem direito frente aos outros  
homens, mesmo que seja o pior de todos: tem direito - direito humano

- a que alguém tente colocar-se em seu lugar e compreender o que ele faz e o  
que sente. Mesmo que seja para condená-lo em nome de leis que toda  
sociedade deve admitir. Em suma, pôr-se no lugar do outro é levá-lo a sério,  
considerá-lo tão plenamente real como você mesmo. Lembra-se do nosso velho  
amigo cidadão Kane? Ou de Gloucester? Levaram a si mesmos tão a sério,  
tanto levaram em conta seus desejos e ambições, que agiram como se os outros  
não fossem de verdade, como se fossem simples bonecos ou fantasmas.  
Aproveitavam-se deles quando sua colaboração lhes convinha, desprezavam-  
nos ou

130

matavam-nos quando já não lhes eram úteis. Não fizeram o menor esforço para pôr-se em seu lugar, para relativizar seu interesse próprio a fim de levar em conta também o interesse alheio. Você bem sabe o que aconteceu com os dois.

Não estou dizendo que haja algum mal em você ter seus próprios interesses, nem que você deva renunciar a eles sempre para dar prioridade aos do seu vizinho. Os seus interesses, decerto, são tão respeitáveis quanto os dele, e o resto é conversa. Mas atente para a própria palavra "interesse": ela vem do latim *inter esse*, o que está entre vários, o que coloca vários em relação. Ao falar em "relativizar" seu interesse, quero dizer que esse interesse não é algo exclusivamente seu, como se você vivesse sozinho num mundo de fantasmas, mas é algo que coloca você em contato com outras realidades, tão "de verdade" quanto você mesmo. De modo que todos os interesses que você possa ter são relativos (conforme outros interesses, conforme as circunstâncias, conforme leis e costumes da sociedade em que você vive), com exceção de um interesse, o único interesse absoluto: o interesse de ser humano entre os humanos, de dar e receber o tratamento de humanidade sem o qual não pode haver "vida boa". Por mais que alguma coisa possa lhe interessar, se você observar bem nada pode ser tão interessante quanto a capacidade de se colocar em lugar daqueles com quem seu interesse está relacionado. Ao se colocar em seu lugar, você de-

131

vê ser capaz não só de atender às razões deles como também de participar de algum modo de suas paixões e sentimentos, de suas dores, anseios e prazeres. Trata-se de sentir simpatia pelo outro (ou, se você preferir, compaixão, pois as duas palavras têm etimologias semelhantes, uma derivando do grego e a outra do latim), ou seja, ser capaz de experimentar, de certa maneira, em uníssono com o outro, não o deixar totalmente só em seu pensar e em seu querer. Reconhecer que somos feitos da mesma massa, ao mesmo tempo *idéia*, *paixão* e *carne*. Ou como disse Shakespeare, com mais beleza e profundidade: todos nós, humanos, somos feitos da substância com que se tecem os sonhos. Perceba-se que estamos dando conta desse parentesco.

Levar o outro a sério, ou seja, ser capaz de se colocar em seu lugar para aceitar

praticamente que ele é tão real quanto você mesmo não significa que sempre você seja obrigado a lhe dar razão no que ele reclama ou faz. Também não significa que você - por considerá-lo tão real quanto você mesmo e semelhante a você - seja obrigado a se comportar como se ambos fossem idênticos. O dramaturgo e humorista Bernard Shaw costumava dizer: "Nem sempre faça aos outros o que você deseja que lhe façam: eles podem ter gostos diferentes." Sem dúvida, nós homens somos semelhantes, sem dúvida seria maravilhoso se chégássemos a ser iguais (quanto a oportunidades ao nascer e, depois, diante das

leis), mas decerto não somos nem temos por que nos empenhar em ser idênticos. Seria um aborrecimento e uma tortura generalizada! Colocar-se no lugar do outro é fazer um esforço de objetividade para ver as coisas como ele as vê, não afastar o outro para você ocupar seu lugar... Ou seja, ele deve continuar sendo ele e você deve continuar sendo você. O primeiro dos direitos humanos é o direito a não sermos fotocópias de nossos vizinhos, a sermos mais ou menos excepcionais. E não há direito que obrigue alguém a deixar de ser "excepcional" por bem, a não ser que sua "excepcionalidade" consista em prejudicar o próximo direta e claramente...

Acabo de empregar a palavra "direito" e parece-me que já a utilizei um pouco antes. Sabe por quê? Porque grande parte da difícil arte de se colocar no lugar do próximo tem a ver com o que desde tempos muito antigos se chama justiça. Mas aqui não estou me referindo apenas ao que a justiça tem de instituição pública (ou seja, leis estabelecidas, juizes, advogados, etc.), mas à virtude da justiça, ou seja, à habilidade e ao esforço que cada um de nós deve fazer - se quisermos viver bem - para entender o que nossos semelhantes podem esperar de nós. As leis e os juizes tentam determinar obrigatoriamente o mínimo que as pessoas têm direito de exigir daqueles com quem convivem em sociedade, mas tratase de um mínimo e nada mais. Muitas vezes, por mais legal que seja, por mais que se respeitem os

132

133

códigos e que ninguém possa nos multar ou prender, nosso comportamento continua, no fundo, sendo injusto. Toda lei escrita não é mais do que uma abreviatura, uma simplificação - freqüentemente imperfeita - do que seu semelhante pode esperar concretamente de você, não do Estado ou de seus juizes. A vida é complexa e sutil demais, as pessoas são diferentes demais, as situações são variadas demais, freqüentemente íntimas demais, para que tudo caiba nos livros de jurisprudência. Assim como ninguém pode ser livre por você, ninguém poderá ser justo por você, se você não se der conta de que deve sê-lo para viver bem. Para entender totalmente o que o outro pode esperar de você não há outra maneira senão amá-lo um pouco, mesmo que seja amá-lo apenas porque também é humano... e nenhuma lei pode instituir esse amor pequeno, mas muito importante. Quem vive bem deve ser capaz de uma justiça simpática, ou de uma compaixão justa.

Pronto, saiu outro capítulo muito longo! Mas tenho a desculpa de que este é o capítulo mais importante de todos. Nestas últimas páginas tentei dizer o fundamental da ética da qual lhe quero falar. Se você já não estiver farto, ousaria pedir-lhe que o lesse outra vez antes de prosseguir. Mas se estiver muito cansado... bem, ponho-me no seu lugar!

134

Vá dando uma lida...

"Certo dia, por volta do meio-dia, quando ia visitar minha canoa, surpreendeu-me de uma maneira estranha descobrir na areia a pegada recente de um pé descalço. Parei de repente, como que atingido por um raio ou como se tivesse visto alguma aparição. Escutei, olhei ao meu redor, mas nada vi, nada ouvi..." (Daniel Defoe, Aventuras de Robinson Crusoé)

"Toda vida verdadeira é encontro." (Martin Buber, Eu e tu)

"Unido a seus semelhantes pelo mais forte de todos os vínculos, o de um destino comum, o

homem livre descobre que sempre o acompanha uma nova visão que projeta  
sobre toda  
tarefa cotidiana a luz do amor. A vida do homem é uma longa caminhada através  
da noite,  
cercado de inimigos invisíveis, torturado pelo cansaço e pela dor, na direção de  
uma meta  
que poucos podem alcançar e onde ninguém pode deter-se por muito tempo.  
Um atrás do  
outro, à medida que avançam nossos camaradas se afastam de nossa vista,  
apanhados pelas  
ordens silenciosas da morte onipotente. Muito breve é o lapso durante o qual  
podemos  
ajudá-los, em que se decide sua felicidade ou sua miséria. Oxalá nos caiba  
derramar luz solar  
em seu caminho, iluminar suas penas com o bálsamo da simpatia, dar-lhes a  
pura alegria de  
um afeto que nunca se cansa, fortalecer seu ânimo que desfalece, inspirar-lhes  
fé em horas  
de desesperança." (Bertrand Russel, Misticismo e lógica)

"Nunca houve adepto da virtude e inimigo do prazer tão triste e tão rígido para  
pregar as  
vigílias, os trabalhos e as austeridades sem ordenar, ao mesmo tempo, a  
dedicação com  
todas as forças ao alívio da pobreza e da misé-

135

ria dos outros. Todos estimam que inclusive é preciso glorificar, a título de  
humanidade, o  
fato de o homem ser para o homem salvação e consolo, uma vez que é  
essencialmente  
'humano' - e nenhuma virtude é tão própria ao homem como esta - suavizar o  
mais  
possível as penas dos outros, fazer desaparecer a tristeza, devolver a alegria de  
viver, ou

seja: o prazer." (Thomas More, Utopia)

## **Capítulo 8**

Muito prazer

136

Imagine se você fosse informado de que seu amigo Fulano ou sua amiga Sicrana foram presos por "conduta imoral" na via pública. Pode ter certeza de que sua "imoralidade" não teria consistido em desrespeitar o sinal vermelho ou contar a alguém uma mentira deslavada na rua, nem em roubar uma carteira aproveitando a agitação urbana. O mais provável é que o atrevido do Fulano estivesse se dedicando a apalpar com grosseiro deleite as melhores coroas que cruzassem seu caminho ou que a descabeçada da Sicrana, depois de alguns copos, estivesse empenhada em mostrar aos transeuntes que sua anatomia nada

deixa a desejar à de Sabrina ou Marta Sanchez. E, se alguma pessoa das assim chamadas "respeitáveis" (como se as demais não o fossem!) anuncia em tom severo que tal ou tal filme é imoral, você já sabe que ela não está se referindo ao fato de aparecerem vários assassinatos na tela ou

139

de os personagens ganharem dinheiro por meios pouco lícitos, mas... bem, você já sabe o que ela quer dizer.

Quando as pessoas falam em "moral", e sobretudo em "imoralidade", oitenta por cento das vezes - e com certeza estou subestimando esse número - o sermão trata de alguma coisa referente a sexo. Tanto que alguns acham que a moral se dedica antes de tudo a julgar o que as pessoas fazem com seus genitais. O absurdo não poderia ser maior, e suponho que, por menor atenção que tenha dado ao que acabo de dizer até agora, você não concorda com isso. No sexo, em si, não há nada mais "imoral" do que na alimentação ou nos



passeios pelo campo; claro que alguém pode comportar-se imoralmente no sexo (utilizando-o para prejudicar outra pessoa, por exemplo), assim como há quem coma a ração do vizinho ou aproveite seus passeios para planejar atentados terroristas. Como a relação sexual pode chegar a estabelecer vínculos muito poderosos e complicações afetivas muito delicadas entre as pessoas, é lógico que se levem em conta especialmente as considerações devidas aos semelhantes nesses casos. Quanto ao mais, no entanto, quero dizer simplesmente que naquilo que dá prazer a dois e não prejudica a nenhum não há nada de mau. O que de fato é "mau" é as pessoas acharem que haja algo de mau em ter prazer... Acontece que não só nós temos um corpo, como se costuma dizer (quase com resignação), como somos

i; i i

um corpo, e sem sua satisfação e bem-estar não há vida boa. Quem se envergonha das capacidades de prazer de seu corpo é tão bobo quanto quem se envergonha de ter aprendido a tabuada de multiplicação.

Uma das funções indubitavelmente importantes do sexo é a procriação. Ora, dizer isso logo a você, que é meu filho! E é uma consequência que não pode ser tomada levianamente, pois com certeza impõe obrigações éticas: se você não lembra, releia o que lhe disse antes sobre a responsabilidade como o reverso inevitável da liberdade. Mas a experiência sexual não pode limitar-se simplesmente à função procriadora. Nos seres humanos, os dispositivos naturais para garantir a perpetuação da espécie sempre têm outras dimensões que a biologia não parece ter previsto. A eles acrescentam-se símbolos e refinamentos, invenções preciosas dessa liberdade sem a qual os homens não seriam homens. É paradoxal aqueles que vêem algo de "mau" ou pelo menos de "ilícito" no sexo dizerem que se dedicar a ele com entusiasmo excessivo animaliza o homem. A verdade é que são justamente os animais que só utilizam o sexo para procriar, assim como só utilizam a comida para se alimentar ou o exercício físico para conservar a saúde; os seres humanos, por outro lado, inventaram o erotismo, a gastronomia e o atletismo. O sexo é um mecanismo de reprodução para os homens, como também para os cervos e os besugos; mas nos

140

141

homens produz muitos outros efeitos, por exemplo a poesia lírica e a instituição matrimonial, que nem os cervos nem os besugos conhecem (não sei se para infelicidade ou felicidade deles). Quanto mais se separa o sexo da simples procriação, menos animal e mais humano ele se torna. Claro que isso tem conseqüências boas e más, como sempre acontece quando a liberdade está em jogo... Mas desse problema venho falando quase desde a primeira página deste discurso.

O que se esconde em toda essa obsessão sobre a "imoralidade" sexual não é nem mais nem menos do que um dos mais velhos temores sociais do homem: o medo do prazer. O prazer sexual é tão cercado de tantas suspeitas e cautelas justamente por se destacar entre os mais intensos e vivos que se podem sentir. Por que o prazer assusta? Suponho que seja por nos agradar demais. Ao longo dos séculos, as sociedades sempre tentaram evitar que seus membros dessem deleite ao corpo a toda hora, esquecendo o trabalho, a previsão do futuro e a defesa do grupo: a verdade é que nunca nos sentimos tão satisfeitos e de bem com a vida como quando gozamos, mas se nos esquecermos de todo o resto poderemos não durar muito. A existência humana foi, em todos os tempos e momentos, um jogo perigoso, e isso vale para as primeiras tribos que se agruparam junto ao fogo há milhares de anos e para nós que hoje somos obrigados a atravessar a rua para comprar jornal. O prazer às vezes nos

142

distrai mais do que convém, o que pode acabar sendo fatal. Por isso os prazeres sempre foram objeto de tabus e restrições, cuidadosamente racionados, permitidos apenas em certas datas, etc.: trata-se de precauções sociais (que às vezes perduram mesmo quando já não são necessárias) para que ninguém se distraia demais do perigo de viver.

Por outro lado, há pessoas que só desfrutam, sem deixar desfrutar. Têm tanto

medo de que o prazer lhes seja irresistível, angustiam-se tanto pensando no que poderá acontecer se algum dia derem gosto de verdade ao corpo, que se tornam caluniadores profissionais do prazer. Dizem que o sexo é isso, a comida e a bebida são aquilo, a diversão é aquilo outro, e que não há por que rir e festejar num mundo tão triste, etc. Não faça caso. Tudo pode chegar a ser inconveniente ou servir para fazer o mal, mas nada é mau só pelo fato de gostarmos de fazê-lo. Aos caluniadores profissionais do prazer chamamos "puritanos". Sabe quem é puritano? Quem garante que o sinal de que alguma coisa é boa é o fato de não gostarmos de fazê-la. Quem afirma que sempre tem mais mérito sofrer do que gozar (quando na realidade pode ser mais meritório gozar bem do que sofrer mal). E o pior é que o puritano acha que quando vivemos bem devemos estar mal e quando estamos mal é porque vivemos bem. Decerto os puritanos consideram-se as pessoas mais "morais" do mundo e, além do

143

mais, guardiões da moralidade de seus vizinhos. Não quero ser exagerado, embora em geral o seja, mas eu lhe diria que é mais "decente" e mais "moral" o sem-vergonha reconhecido do que o puritano oficial. Seu modelo, geralmente, é a mulher daquela história... lembra? Ela ligou para a polícia reclamando de que havia alguns rapazes nus tomando banho na frente de sua casa. A polícia afastou os rapazes, mas a mulher voltou a telefonar, dizendo que eles estavam tomando banho (nus, sempre nus) um pouco mais acima, e que o escândalo continuava. Mais uma vez a polícia os afastou, mas a mulher voltou a reclamar. "Mas, minha senhora" - disse o delegado - "nós os afastamos para mais de um quilômetro e meio de distância..." E a puritana respondeu, "virtuosamente" indignada: "É, mas de binóculo ainda consigo enxergá-los!"

Como na minha opinião o puritanismo é a atitude mais oposta à ética, você não ouvirá de mim nem uma palavra contra o prazer, nem tenho qualquer intenção de que você se envergonhe, por pouco que seja, do desejo de desfrutar o mais possível com o corpo e com a alma. Estou até disposto a repetir para você, com a maior convicção, o conselho de um velho professor francês que lhe recomendo veementemente, Michel de Montaigne: "Devemos segurar com unhas e dentes o uso dos prazeres da vida, que os anos vão nos tirando das

mãos um depois do outro." Quero destacar duas coisas desta frase de Mon-

144

taigne. A primeira aparece no final da recomendação, e diz que os anos vão nos tirando incessantemente possibilidades de gozo, e que por isso não é prudente esperar demais para resolver desfrutar. Se esperarmos muito para desfrutar, acabaremos deixando de fazê-lo... É preciso saber entregar-se a saborear o presente, o que os romanos (e o profe-poeta meio enfadonho de A sociedade dos poetas mortos) resumiam no ditado *carpe diem*. Isso não quer dizer que você deva buscar hoje todos os prazeres, mas que deve buscar todos os prazeres de hoje. Um dos meios mais seguros de estragar os gozos do presente é empenhar-se em que cada momento tenha de tudo e lhe ofereça as satisfações

mais disparatadas e improváveis. Não se obstine em enfiar à força no instante em que você está vivendo os prazeres que não lhe cabem; procure antes encontrar o sentido prazeroso em tudo o que for. Digamos, não deixe esfriar o ovo frito por estar se esforçando contra a corrente para conseguir o hambúrguer, nem perca o gosto pelo hambúrguer servido por ele estar sem ketchup... Lembre-se de que o que dá prazer não é o ovo, nem o hambúrguer, nem o molho, mas o fato de você saber desfrutar o que está à sua volta.

Isso me leva ao princípio da frase de Montaigne que mencionei antes, quando fala em segurar com unhas e dentes "o uso dos prazeres da vida". O bom é usar os prazeres, ou seja, sempre ter certo controle sobre eles, não permitindo

145

que se voltem contra o resto do que constitui sua existência pessoal. Lembre-se de que há muitas páginas, a propósito de Esaú e suas lentilhas requentadas, falamos da complexidade da vida e de que é recomendável, para vivê-la bem, não a simplificar mais do que o devido. O prazer é muito agradável, mas tem uma tendência prejudicial a ser exclusivo: se você se entregar a ele com demasiada generosidade, será capaz de deixá-lo sem nada, sob o pretexto de fazê-lo viver bem. Usar os prazeres, como diz Montaigne, é não permitir que qualquer um deles elimine a possibilidade de todos os outros ou esconda

completamente o contexto da vida, nada simples, em que cada um tem sua ocasião. A diferença entre o "uso" e o "abuso" é exatamente essa: quando usamos um prazer, enriquecemos nossa vida e gostamos cada vez mais, não só do prazer, mas da própria vida; o sinal de que estamos abusando é notar que o prazer vai nos empobrecendo a vida e que já não nos interessamos por ela mas apenas por esse prazer particular. Ou seja, o prazer deixa de ser um ingrediente agradável da plenitude da vida para tornar-se um refúgio para escaparmos da vida, para nos escondermos dela e podermos caluniá-la melhor...

Às vezes usamos a expressão "morrer de prazer". Enquanto se trata de linguagem figurada, não há nada a objetar, pois um dos efeitos benéficos do prazer muito intenso é dissolver todas as armaduras de rotina, medo e trivialidade

146

que vestimos e que freqüentemente nos amarguram mais do que nos protegem; ao perder essas couraças, temos a impressão de "morrer" com relação ao que somos habitualmente, para renascermos logo depois mais fortes e animados. Por isso os franceses, especialistas sutis nesses temas, chamam o orgasmo de *lapetite mort*, *apequena morte*... Trata-se de uma "morte" para viver mais e melhor, que nos torna mais sensíveis, mais doces ou ferozmente apaixonados. No entanto, em outros casos o prazer que obtemos ameaça nos matar no sentido mais literal e irremediável da palavra. Ou mata nossa saúde e nosso corpo, ou nos embrutece matando nossa humanidade, nossa consideração para com os outros e para com o resto do que constitui nossa vida. Não nego que haja certos prazeres pelos quais possa valer a pena. jogar f ora a vida. O "instinto de conservação" a qualquer preço é muito bom, mas não é mais do que isso, um instinto. E os seres humanos vivem um pouco além dos instintos, senão não tem graça. Do ponto de vista do médico ou do covarde profissional, certos prazeres são prejudiciais e supõem um perigo, embora para nós que não temos uma perspectiva clínica continuem sendo muito respeitáveis e consideráveis. No entanto, permita-me desconfiar de todos os prazeres cujo encanto principal pareça ser o "dano" e o "perigo" que proporcionam. Uma coisa é "morrer de prazer" e outra bem diferente é o prazer consistir em morrer... ou pelo menos

em colocar-se "à beira da morte". Quando um prazer nos mata, ou quando está sempre - para nos dar gosto - a ponto de nos matar ou vai matando em nós o que há de humano em nossa vida (o que torna nossa vida ricamente complexa e nos permite colocar-nos no lugar dos outros)... é um castigo disfarçado de prazer, uma vil armadilha da nossa inimiga, a morte. A ética consiste em apostar em que a vida vale a pena, pois até as penas da vida valem a pena. E valem a pena porque é através delas que podemos alcançar os prazeres da vida,

sempre contíguos - é o destino - às dores. De modo que, se eu tiver de escolher entre as penas da vida e os prazeres da morte, sem dúvida escolho as primeiras... justamente porque gosto de desfrutar e não de perecer! Quero prazeres não que me permitam fugir da vida, mas que a tornem mais intensamente grata.

Agora vem a pergunta milionária: qual é a maior gratificação que alguma coisa pode nos dar na vida? Qual é a recompensa mais alta que podemos obter de um esforço, uma carícia, uma palavra, uma música, um conhecimento, uma máquina, ou de montanhas de dinheiro, do prestígio, da glória, do poder, do amor, da ética ou de seja lá o que for? Já vou avisando que a resposta é tão simples que talvez o decepcione: o máximo que podemos obter de seja lá o que for é alegria. Tudo o que leva à alegria se justifica (pelo menos de um ponto de vista, embora não seja ab-

soluta) e tudo o que nos afasta irremediavelmente da alegria é um caminho equivocado. O que é a alegria? Um "sim" espontâneo à vida que brota de dentro de nós, às vezes quando menos esperamos. Um "sim" ao que somos, ou melhor, ao que sentimos ser. Quem tem alegria já recebeu o prêmio máximo e não carece de nada; quem não tem alegria - por mais sábio, bonito, sadio, rico, poderoso, santo, etc., que seja - é um miserável que carece do mais importante. Pois bem, ouça: o prazer é magnífico e desejável quando sabemos colocá-lo a serviço da alegria, mas não quando a turva ou a compromete. O limite negativo do prazer não é a dor, nem mesmo a morte, mas a alegria:

quando começamos a perdê-la por um determinado deleite, com certeza estamos desfrutando o que não nos convém. É que a alegria - não sei se você vai me entender, mas não consigo me explicar melhor - é uma experiência que envolve prazer e dor, morte e vida; é a experiência que definitivamente aceita o prazer e a dor, a morte e a vida.

A arte de colocar o prazer a serviço da alegria, ou seja, a virtude que sabe não deixar o gosto cair no desgosto é chamada, desde tempos antigos, de temperança.

Trata-se de uma habilidade fundamental do homem livre, mas hoje não está muito na moda: querem substituí-la pela abstinência radical ou pela proibição policial. A tentar usar bem alguma coisa que se pode usar mal (ou seja, de que

149

se pode abusar), os que nasceram para robôs preferem renunciar completamente a ela e, se possível, que ela seja proibida de fora, para que assim sua vontade não precise fazer tanto exercício. Eles desconfiam de tudo aquilo de que gostam; ou, pior ainda, acreditam gostar de tudo aquilo de que desconfiam. "Não me deixem entrar num bingo, senão vou acabar jogando tudo! Não me permitam experimentar um baseado, senão vou acabar me tornando um escravo da droga!"... etc. Eles são como aquelas pessoas que compram uma máquina de fazer massagem na barriga para não precisar fazer flexões com seu próprio esforço. E é claro que, quanto mais se privam das coisas à força, mais louco se torna seu desejo de fazê-las, mais se entregam a elas com a consciência pesada, dominados pelo mais triste de todos os prazeres: o prazer de se sentirem culpados. Não se iluda: quando alguém gosta de se sentir "culpado", quando alguém acha que um prazer é mais autêntico quando é, de certo modo, "criminoso", o que ele está pedindo aos gritos é castigo... O mundo está cheio de supostos "rebeldes" que no fundo só desejam ser castigados por serem livres e que algum poder superior deste mundo ou de outro os impeça de ficarem sozinhos com suas tentações.

Por outro lado, a temperança é amizade inteligente com o que nos faz desfrutar.

Se alguém lhe disser que os prazeres são "egoístas" porque sempre há alguém sofrendo enquanto você go-

150

za, responda que é bom ajudar o outro, na medida do possível, a deixar de sofrer, mas é malsão sentir remorsos por não estar sofrendo também ou por estar desfrutando como o outro gostaria de poder desfrutar. Compreender o sofrimento de quem padece e tentar remediá-lo supõe apenas interesse em que o outro possa gozar também, e não vergonha por você estar gozando. Só quem tem muita vontade de amargar sua vida e a vida dos outros pode acreditar que sempre gozamos contra alguém. Se você encontrar alguém que considere "sujos" e "animais" todos os prazeres que não compartilha ou que não ousa permitir-se, dou-lhe permissão para considerá-lo sujo e bastante animal. Mas creio que essa questão já ficou suficientemente clara, não é?

Vá dando uma lida...

"O que o ouvido deseja ouvir é música, e a proibição de ouvir música chama-se obstrução do ouvido. O que o olho deseja é ver beleza, e a proibição de ver beleza é chamada obstrução da visão. O que o nariz deseja é cheirar perfume, e a proibição de cheirar perfume é chamada obstrução do olfato. A boca quer falar do justo e injusto, e a proibição de falar do justo e injusto é chamada obstrução do entendimento. O que o corpo deseja desfrutar são alimentos deliciosos e belas roupas, e a proibição de gozar disso chama-se obstrução das sensações do corpo. O que a mente quer é ser livre, e a proibição dessa liberdade chama-se obstrução da natureza." (Yang Chu, século III d.C.)

151



"O vício corrige melhor do que a virtude. Suporte um viciado e você tomará horror ao vício.

Suporte um virtuoso e logo você odiará a virtude inteira." (Tony Duvert, Abecedário malévolo)

"A moderação pressupõe o prazer; a abstinência, não. Por isso há mais abstêmios do que moderados." (Lichtenberg, Aforismos)

"A única liberdade que merece esse nome é a de buscar nosso próprio bem, por nosso próprio caminho, enquanto não privarmos os outros do seu ou não os impedirmos de se esforçarem por consegui-lo. Cada um é o guardião natural de sua própria saúde, seja física, mental ou espiritual. A humanidade ganha mais ao consentir a cada um que viva à sua própria maneira do que ao obrigá-lo a viver à maneira dos outros." (John Stuart Mill, Sobre a liberdade)

## Capítulo 9

### Eleições gerais

152

Por todo lado as pessoas lhe dirão isso, portanto o único remédio é também falarmos um pouco no assunto. "A política é uma vergonha, uma imoralidade! Os políticos não têm ética!": quantos milhões de vezes você já não ouviu coisas desse tipo? Como primeira norma, nestas questões de que estamos falando, o mais prudente é desconfiar de quem acha que sua "santa" obrigação consiste em sempre lançar raios e trovões morais contra as pessoas em geral, sejam elas os políticos, as mulheres, os judeus, os farmacêuticos ou o pobre e simples ser humano tomado como espécie. A ética, como já dissemos mas nunca é demais

repetir, não é uma arma de tiro nem munição destinada a alvejar o próximo em sua auto-estima, e muito menos o próximo em geral, como se os seres humanos fossem feitos em série, como donuts. A ética serve unicamente para tentarmos melhorar a nós mesmos, não para re-

155

preendermos eloqüentemente nosso vizinho; e a única coisa que a ética sabe com certeza é que o vizinho, você, eu e os outros somos todos feitos artesanalmente, um a um, com amorosa diferença. Assim, a quem nos ruge ao ouvido: "Todos os... (políticos, negros, capitalistas, australianos, bombeiros, o que se queira) são imorais e não têm um pingão de ética!", podemos responder amavelmente: "Meta-se com a sua vida que é melhor, seu estúpido", ou coisa parecida.

Pois bem, e por que os políticos têm tão má fama? Afinal, numa democracia todos nós somos políticos, diretamente ou através da representação de outros. O mais provável é que os políticos sejam muito parecidos conosco, com quem vota neles, talvez até demais; se fossem muito diferentes de nós, muito piores ou exageradamente melhores que o resto, certamente não os escolheríamos para nos representar no governo. Só os governantes que não chegam ao poder por meio de eleições gerais (como os ditadores, os líderes religiosos ou os reis) baseiam seu prestígio em serem considerados diferentes dos homens comuns. Como são diferentes dos outros (por sua força, por sua inspiração divina, pela família a que pertencem ou seja lá o que for) consideram-se com direito de mandar sem se submeterem às urnas nem ouvirem a opinião de cada um de seus concidadãos. Afirmarão muito seriamente que o "verdadeiro" povo está com eles, que a "rua" os apoia com tanto entusiasmo que nem é neces-

156

sário contar seus partidários para saber se são muitos ou um pouco menos. Por outro lado, os que desejam obter seus cargos por via eleitoral tentam apresentar-se ao público como homens comuns, muito "humanos", com os mesmo gostos, problemas e até pequenos vícios da maioria de cujo referendo eles precisam para governar. É claro que oferecem idéias para melhorar a

gestão da sociedade e consideram-se capazes de colocá-las em prática com competência, mas são idéias que qualquer um deve poder compreender e discutir; do mesmo modo, também são obrigados a aceitar a possibilidade de serem substituídos em seus cargos se não se mostrarem tão competentes quanto

afirmaram ou tão honrados quanto pareciam. Entre esses políticos deve haver alguns muito decentes e outros descarados e aproveitadores, como acontece entre professores, bombeiros, alfaiates, jogadores de futebol ou pessoas de qualquer outro ofício. Então de onde vem sua notória má fama?

Para começar, os políticos ocupam lugares especialmente visíveis na sociedade, e também privilegiados. Seus defeitos são mais públicos do que os das outras pessoas; além disso, eles têm mais oportunidades do que a maioria dos cidadãos comuns para incorrer em pequenos ou grandes abusos. O fato de serem conhecidos, invejados e até mesmo temidos também não contribui para que sejam tratados com equanimidade. As sociedades igualitárias, ou seja, democráticas, são

157

muito pouco condescendentes com quem foge à média para cima ou para baixo: quem se destaca é apedrejado, quem está por baixo é implacavelmente pisoteado. Por outro lado, os políticos geralmente tendem a fazer mais promessas do que as que saberiam ou poderiam cumprir. Sua clientela o exige: quem não exagera as possibilidades do futuro diante de seus eleitores e dá maior ênfase às dificuldades do que às ilusões logo fica sozinho. Fazemos o jogo de acreditar que os políticos têm poderes sobre-humanos e depois não lhes perdoamos a decepção inevitável que nos causam. Se desde o princípio confiássemos menos neles, não teríamos de aprender a desconfiar tanto deles depois. Ainda assim, afinal, sempre é melhor que sejam regulares, tontos e até um pouco "matreiros", como você ou eu, na medida em que seja possível criticá-los, controlá-los e destituí-los a cada certo tempo. O ruim é quando são "Chefes" perfeitos aos quais, por se suporem sempre donos da verdade, não há como destituir, a não ser a tiros...

Vamos deixar em paz os senhores políticos, que já provocam bastante confusão

sem nossa ajuda. O importante agora, para mim e para você, é saber se a ética e a política estão muito ligadas e como elas se relacionam. Quanto à sua finalidade, ambas parecem fundamentalmente ligadas: nos dois casos, não se trata de viver bem! A ética é a arte de escolher o que mais nos convém e viver o melhor possível; o objetivo da po-

158

lítica é organizar o melhor possível a convivência social, de modo que cada um possa escolher o que lhe convém. Como ninguém vive isolado (já lhe disse que tratar nossos semelhantes humanamente é a base da vida boa), qualquer um que

tenha a preocupação de viver bem não pode omitir-se olímpicamente da política. Seria como pretender instalar-se confortavelmente numa casa mas sem querer tomar conhecimento das goteiras, dos ratos, da falta de aquecimento e dos alicerces carcomidos que poderão levar a construção inteira a ruir enquanto estivermos dormindo...

No entanto, também há diferenças importantes entre ética e política. Para começar, a ética se ocupa do que cada um (você, eu ou qualquer outro) faz com sua liberdade, enquanto a política tenta coordenar da maneira mais proveitosa possível para o conjunto o que muitos fazem com suas liberdades. Na ética, o importante é querer bem, pois trata-se apenas daquilo que cada um faz porque quer (não do que acontece com a pessoa queira ela ou não, nem do que ela faz à força). Para a política, por outro lado, o que importa são os resultados das ações, seja qual for o motivo delas, e o político tentará pressionar com os meios a seu alcance - inclusive a força - para obter certos resultados e evitar outros. Vamos tomar um caso trivial: o respeito ao sinal de trânsito. Do ponto de vista moral, o positivo é querermos respeitar o vermelho (compreenden-

159

do sua utilidade geral, colocando-se no lugar das outras pessoas que poderão se prejudicar se infringirmos as normas, etc.); mas, considerandose o assunto

politicamente, o importante é que ninguém desobedeça ao semáforo, nem que seja apenas por medo de levar multa ou de ser preso. Para a política, todos os que respeitam o semáforo são igualmente "bons", quer o façam por medo, por rotina, por superstição ou por convicção racional de que deve ser respeitado; para a ética, por outro lado, só merecem apreço verdadeiro estes últimos, pois são eles que melhor entendem o uso da liberdade. Em suma, há diferença entre a pergunta ética que faço a mim mesmo (como quero ser, independentemente do que os outros façam?) e a preocupação política com que a maioria funcione da maneira considerada mais recomendável e harmônica.

Há um detalhe importante: a ética não pode esperar a política. Não faça caso de quem lhe disser que o mundo é politicamente inviável, que está pior do que nunca, que ninguém pode pretender ter uma vida boa (eticamente falando) numa situação tão injusta, violenta e aberrante como a nossa. Exatamente isso foi afirmado em todas as épocas e com razão, pois as sociedades humanas nunca foram nada "do outro mundo", como se costuma dizer, sempre foram coisa deste mundo e, portanto, cheias de defeitos, de abusos, de crimes. Mas em todas as épocas houve pessoas capazes de viver bem, ou pelo menos em-

160

penhadas em viver bem. Quando podiam, colaboravam para melhorar a sociedade em que lhes coubera se desenvolverem; quando isso era impossível, pelo menos não a pioravam, o que na maioria das vezes já não é pouco. Lutaram - e lutam também hoje, não tenha dúvida - para que as relações humanas politicamente estabelecidas se tornassem de fato mais humanas (ou seja, menos violentas e mais justas); mas nunca esperaram que tudo à sua volta fosse perfeito e humano para aspirarem à perfeição e à verdadeira humanidade. Esses indivíduos querem ser os primeiros da vida boa, os que arrastam os outros, e não os últimos, atrás de todos. Talvez as circunstâncias não lhes permitam mais do que uma vida relativamente boa, pior do que desejariam... Pois bem, e daí? Seriam mais sensatos se fossem totalmente maus, para agradar ao pior do mundo e desagradar a si mesmos? Se você tem certeza de que entre os alimentos que lhe são oferecidos há muitos que estão adulterados ou podres, você tentará na medida do possível comer coisas sadias, mesmo sabendo que nem por isso deixarão de existir venenos no mercado, ou se deixará envenenar

o quanto antes para seguir a maioria? Nenhuma ordem política é tão ruim a ponto de nela não haver ninguém que possa ser pelo menos meio bom: por mais adversas que sejam as circunstâncias, cabe a cada um a responsabilidade final por seus atos, e o resto é omissão. Do mesmo modo, também é vontade de esconder a ca-

161

beça debaixo da asa sonhar com uma ordem política tão impecável (costumam chamá-la utopia) em que todo o mundo fosse "automaticamente" bom porque as circunstâncias não permitiriam que se cometesse o mal. Por mais que o mal ande à solta, sempre haverá bem para quem quiser bem; por mais que tenhamos conseguido instalar publicamente o bem, o mal sempre estará ao alcance de quem quiser mal. Você deve se lembrar de que é isso que vimos chamando de "liberdade" já há algum tempo...

De um ponto de vista ético, ou seja, a partir da perspectiva do que convém para a vida boa, como será a organização política preferível, aquela que nos devemos esforçar para conseguir e defender? Se você reler um pouco o que dissemos até aqui (receio que o discurso esteja sendo longo demais para que você consiga lembrar-se de tudo), certos aspectos desse ideal surgirão quando você refletir com atenção sobre o assunto:

a) Como todo o projeto ético parte da liberdade, sem a qual não há vida boa que seja válida, o sistema político desejável terá de respeitar ao máximo - ou limitar minimamente, como você preferir - as facetas públicas da liberdade humana: a liberdade de reunir-se ou de separar-se dos outros, a de expressar opiniões e a de inventar beleza ou ciência, a de trabalhar de acordo com a própria vocação ou interesse, a de intervir nos assuntos públicos, a de se deslocar ou de se instalar num lugar, a liberdade de escolher os

162

próprios prazeres de corpo e de alma, etc. Absterse de ditaduras, sobretudo das que são "pelo nosso bem" (ou "pelo bem comum", que acaba dando no mesmo). Nosso maior bem - particular ou comum - é sermos livres.

Certamente um regime político que conceda a devida importância à liberdade insistirá também na responsabilidade social das ações e omissões de cada um (digo "omissões" porque às vezes também se faz não fazendo). Via de regra, quanto menos cada um se destacar como responsável por seus méritos e malefícios (dizendo-se, por exemplo, que são fruto da "história", da "sociedade estabelecida", das "reações químicas do organismo", da "propaganda", do "demônio" ou coisas do tipo), menos liberdade lhe será concedida. Nos regimes políticos em que os indivíduos nunca são totalmente "responsáveis", também não o são os governantes, que sempre agem movidos pelas "necessidades" históricas ou pelos imperativos da "razão de Estado". Cuidado com os políticos para quem todo o mundo é "vítima" das circunstâncias... ou "culpado" delas!

b) Um princípio básico da vida boa, como já vimos, é tratar as pessoas como pessoas, ou seja, sermos capazes de nos colocar no lugar de nossos semelhantes e de relativizar nossos interesses para harmonizá-los com os deles. Se você preferir dizê-lo de outra maneira, trata-se de aprender a considerar os interesses do outro como se fossem nossos e os nossos como se fossem

163

do outro. Essa virtude se chama justiça, e não pode haver regime político decente que não pretenda, por meio de leis e instituições, fomentar a justiça entre os membros da sociedade. A única razão para limitar a liberdade dos indivíduos, quando for indispensável fazê-lo, será impedi-los, inclusive pela força se não houver outra maneira, de tratar seus semelhantes como se não o fossem, ou seja, de tratá-los como joguetes, animais de carga, simples ferramentas, seres inferiores, etc. À condição que permite exigir que cada ser humano seja tratado como semelhante aos outros, seja qual for seu sexo, a cor de sua pele, suas idéias ou gostos, etc., chamamos dignidade. E veja que curioso: embora a dignidade seja o que todos os seres humanos têm em comum, é justamente o que serve para reconhecer cada um como único e irrepetível. As coisas podem ser "trocadas" umas pelas outras, podemos "substituir" uma coisa por outra parecida ou melhor. Em suma, as coisas têm um "preço" (o dinheiro em geral facilita essas trocas, medindo todas por um mesmo padrão). Vamos deixar de lado, por enquanto, o fato de certas "coisas"

estarem tão vinculadas às condições da existência humana a ponto de serem insubstituíveis e, portanto, "não poderem ser compradas nem por todo o ouro do mundo", como é o caso de certas obras de arte ou certos aspectos da natureza. Pois bem, todo ser humano tem dignidade e não tem preço, ou seja, não pode ser substituído nem deve ser mal-

164

tratado com a finalidade de beneficiar a outro. Quando digo que não pode ser substituído, não estou me referindo à função que ele desempenha (um carpinteiro pode substituir outro carpinteiro em seu trabalho), mas à sua personalidade própria, ao que ele verdadeiramente é; quando falo em "maltratar" quero dizer que, mesmo sendo castigado de acordo com a lei ou sendo tido por inimigo político, ele não deixará de merecer certa consideração e certo respeito. Até na guerra, que é o maior fracasso da intenção dos homens de "vida boa" em comum, há comportamentos que supõem um crime maior do que o próprio crime organizado que a guerra representa. É a dignidade humana que nos faz todos semelhantes, justamente porque atesta que cada um é único, não-intercambiável e tem os mesmos direitos ao reconhecimento social que qualquer outro, c) A experiência da vida nos revela na própria carne, mesmo aos mais afortunados, a realidade do sofrimento. Levar o outro a sério colocando-nos em seu lugar consiste não apenas em reconhecer sua dignidade de semelhante como também em simpatizar com suas dores, com as infelicidades que o atingem, seja por erro próprio, acidente fortuito ou necessidade biológica, como cedo ou tarde poderão afligir a qualquer um de nós. Doenças, velhice, debilidade insuperável, abandono, distúrbio emocional ou mental, perda do mais querido ou do mais imprescindível, ameaças e agressões violentas por parte dos

165

mais fortes ou dos menos escrupulosos... Uma comunidade política desejável deve garantir dentro do possível a assistência comunitária aos que sofrem e a ajuda aos que por alguma razão não têm condições de ajudar a si mesmos. O difícil é conseguir que essa assistência não se faça às custas da liberdade e da dignidade da pessoa. Às vezes o Estado, sob o pretexto de ajudar os inválidos,



acaba tratando a população inteira como se fossem todos inválidos. As infelicidades nos colocam nas mãos dos outros e aumentam o poder coletivo sobre o indivíduo: é muito importante nos esforçarmos para que esse poder seja empregado apenas para suprir carências e debilidades, não para perpetuá-las sob anestesia em nome de uma "compaixão" autoritária.

Quem deseja vida boa para si mesmo, de acordo com o projeto ético, também deve desejar que a comunidade política dos homens se baseie na liberdade, na justiça e na assistência. A democracia moderna tentou, ao longo dos últimos séculos, estabelecer (primeiro na teoria e pouco a pouco na prática) essas exigências mínimas que a sociedade política deve cumprir: são os chamados direitos humanos, cuja lista ainda hoje, para nossa vergonha coletiva, é um catálogo de bons propósitos, mais do que de conquistas efetivas. Insistir em reivindicá-los integralmente, em todos os lugares e para todos - e não apenas alguns para alguns - continua sendo a única empreitada política que a ética não pode

166

ignorar. Ao passo que, quanto ao rótulo que você vai ostentar na camisa, se é de "direita", de "esquerda", de "centro" ou seja lá o que for... bem, isso é com você, pois eu dispenso essa nomenclatura meio antiquada.

O que me parece evidente é que muitos dos problemas que hoje se apresentam para nós, cinco bilhões de habitantes que abarrotamos o planeta (e o censo continua aumentando!), só poderão ser resolvidos, e mesmo bem colocados, de maneira global, para o mundo todo. Pense na fome, que ainda mata tantos milhões de pessoas, ou no subdesenvolvimento econômico e educacional de muitos países, ou na sobrevivência de sistemas políticos brutais que oprimem sem pejo sua população e ameaçam seus vizinhos, ou no dispêndio de dinheiro e ciência em armamentos, ou na pura e simples miséria de tanta gente inclusive em nações ricas, etc. Na minha opinião, a atual fragmentação política do mundo (de um mundo já unificado pela interdependência econômica e pela universalização das comunicações) só faz perpetuar essas chagas e entorpecer as soluções propostas. Outro exemplo: o militarismo, a inversão frenética em armamento dos recursos que poderiam resolver a maioria das carências que hoje há no mundo, a fomentação da guerra agressiva (arte imoral de suprimir o

outro em vez de tentar colocar-se em seu lugar)... Você acredita que haja outro modo de acabar com essa loucura que não seja o estabelecimento de uma au-

167

toridade em escala mundial, com força suficiente para dissuadir qualquer grupo do gosto por brincar de fazer guerra? Por último, eu dizia antes que algumas coisas não são substituíveis como o são outras: esta "coisa" em que vivemos, o planeta Terra, com seu equilíbrio vegetal e animal, não parece ter um substituto à mão, e nem parece possível "comprarmos" outro mundo, se por avarícia de lucro ou por estupidez destruímos este. Pois bem, a Terra não é um conjunto de retalhos ou pedaços: mantê-la habitável é uma tarefa que só pode ser assumida pelos homens enquanto comunidade mundial, e não a partir da míope concorrência de uns contra os outros, na disputa por maiores vantagens.

Acho que tudo o que favorece a organização dos homens de acordo com seu pertencimento à humanidade e não por seu pertencimento a tribos é, em princípio, politicamente interessante. A diversidade de formas de vida é algo essencial (imagine que aborrecimento se não existisse!), mas desde que haja algumas regras mínimas de tolerância entre elas e que certas questões reúnam os esforços de todos. Senão, conseguiremos uma diversidade de crimes, e não de culturas. Por isso, confesso que abomino as doutrinas que colocam irremediavelmente em confronto uns homens contra os outros: o racismo, que classifica as pessoas em primeira, segunda ou terceira classe, de acordo com fantasias pseudocientíficas; os nacionalismos ferozes, que consideram que o in-

168

divíduo não é nada e a identidade coletiva é tudo; as ideologias fanáticas, religiosas ou civis, incapazes de respeitar o conflito pacífico de opiniões, que exigem que todo o mundo acredite e respeite o que elas consideram a "verdade" e apenas isso, etc. Mas não quero começar agora a confundi-lo com política nem a lhe contar os meus pontos de vista sobre o divino e o humano. Neste último capítulo só pretendi mostrar que há exigências políticas que nenhuma pessoa que queira viver bem poderá deixar de ter. Do resto falaremos mais tarde... Em outro livro.

Yá dando uma lida...

"Quem habita este planeta não é o Homem, mas os homens. A pluralidade é a lei da Terra."

(Hanna Arendt, A vida do espírito)

"Se eu soubesse algo que me fosse útil e que fosse prejudicial à minha família, expulsá-lo-ia de meu espírito. Se eu soubesse algo útil à minha família que não o fosse à minha pátria, tentaria esquecê-lo. Se eu soubesse algo útil à minha pátria que fosse prejudicial à Europa, ou que fosse útil à Europa e prejudicial ao gênero humano, considerá-lo-ia um crime, pois sou necessariamente homem, ao passo que sou francês por mera casualidade."  
(Montesquieu)

"Embora os estados observassem os pactos entre eles perfeitamente, é lamentável que o uso de ratificar tudo por um juramento religioso tenha entrado para os costumes

169

- como se dois povos separados por um pequeno espaço, apenas por uma colina ou por um rio, não estivessem unidos por laços sociais fundados na própria natureza -, pois essa prática faz os homens acreditarem que nasceram para ser adversários ou inimigos, e que têm o dever de trabalhar por sua destruição recíproca, a menos que os tratados o impeçam. (...)  
Ao contrário, ninguém deveria ser considerado inimigo se não tivesse causado um dano real.  
A comunidade de natureza é o melhor dos tratados, e os homens estão mais íntima e

fortemente unidos pela vontade de se fazer o bem reciprocamente do que pelos pactos, mais vinculados pelo coração do que pelas palavras." (Thomas More, Utopia)

170

## ***Epílogo***

Cabe a você pensar

Bem, aí está. A trancos e barrancos, sem dúvida, mas o principal acho que foi dito. Refirome ao principal que sou capaz de lhe dizer agora: outras coisas muito mais principais você terá de aprender com os outros ou, melhor ainda, pensá-las sozinho. Não pretendo que você leve demais a sério este livro, por nada do mundo! Afinal, é muito provável que nem seja um verdadeiro livro de ética, pelo menos a se dar razão a Wittgenstein. Esse notável filósofo contemporâneo considerava tão impossível escrever um verdadeiro livro de ética, que afirmou: "Se um homem pudesse escrever um livro sobre ética que fosse verdadeiramente um livro sobre ética, esse livro, como uma explosão, aniquilaria todos os outros livros do mundo." Aqui estou, já terminando estas páginas dirigidas a você, sem ter ou-

171

vido o estrondo aniquilador de nenhuma explosão. Meus velhos livros de que tanto gosto (inclusive esse em que Wittgenstein expressa a opinião que citei) felizmente continuam incólumes nas estantes da biblioteca. Pelo visto não me saiu o encantamento, quer dizer, o livro de ética, mas fique tranqüilo. Outros muito melhores do que eu já o tentaram antes, com resultados que também não fizeram voar em estilhaços o resto da literatura, mas que de qualquer modo seria bom você procurar conhecer: Aristóteles, Spinoza, Kant, Nietzsche... Embora tenha me proposto a não os citar a cada instante, pois estávamos falando entre amigos, confesso que aquilo que há de mais aproveitável nas páginas anteriores vem deles: a mim só cabe a paternidade das bobagens (desculpe, não se considere atingido!).

De modo que não há razão para levar este livro a sério demais, entre outras coisas porque a "seriedade" não costuma ser sinal inequívoco de sabedoria, como julgam os chatos: a inteligência deve saber rir... Por outro lado, seria bom você não desprezar seu tema: ele trata do que você pode fazer com sua vida, e, se isso não lhe interessa, não sei o que mais lhe poderá interessar. Como viver da melhor maneira possível? Esta pergunta é, para mim, muito mais substancial do que outras aparentemente maiores: "A vida tem sentido? Vale a pena viver? Há vida depois da morte?" Ouça, a vida tem sentido e sentido único; ela segue em frente, não tem retorno, as

jogadas não se repetem e geralmente não podem ser corrigidas. Por isso é preciso refletir sobre o que queremos e atentar para o que fazemos. Depois... manter sempre o ânimo diante das falhas, porque a sorte também conta e nunca deixa alguém acertar em todas as ocasiões. O sentido da vida? Primeiro, procurar não falhar; depois, procurar falhar sem desfalecer. Quanto a saber se vale a pena viver, remeto-o ao que dizia a esse respeito Samuel Butler, um escritor inglês, freqüentemente brincalhão: "Essa é uma pergunta para um embrião, não para um homem." Qualquer que seja o critério que você escolha para julgar se a vida vale a pena, ele deverá ser extraído da própria vida em que você está mergulhado. Mesmo ao rejeitar a vida, você o fará em nome de valores vitais, de ideais ou ilusões que aprendeu durante o ofício de viver. Portanto, o que vale é a vida... inclusive para quem chega à conclusão de que não vale a pena viver. Mais razoável seria nos perguntarmos se "a morte tem sentido", se a morte "vale a pena", porque dela não sabemos nada, uma vez que todo o nosso saber e tudo o que vale para nós provém da vida! Acredito que toda ética digna desse nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica. Eu me atreveria a ir mais longe, agora que ninguém nos está ouvindo: acho que só é bom aquele que sente uma antipatia ativa pela morte. Atenção! Eu disse antipatia, não "medo"; no medo sempre há um início de respeito e bastante submis-

172

173

são. Não creio que a morte mereça tanto... Mas há vida depois da morte? Desconfio de tudo o que se deve obter graças à morte, aceitando-a, utilizando-a, afagando-lhe as mãos, seja a glória neste mundo ou a vida eterna em algum outro. O que me interessa não é se há vida depois da morte, mas que haja vida antes. E que essa vida seja boa, não simples sobrevivência ou medo constante de morrer.

Fico, portanto, com a pergunta sobre como viver melhor. Ao longo de todos os capítulos anteriores tentei não tanto responder a ela, mas antes ajudá-lo a compreendê-la mais a fundo. Quanto à resposta, receio que você seja obrigado a procurá-la pessoalmente. E isso por três razões:

- a) Pela própria incompetência de seu professor improvisado, ou seja, eu. Como posso ensinar alguém a viver bem se eu só consigo viver regularmente, e já é muito? Sinto-me como um careca anunciando uma poção insuperável que faz nascer cabelos...
- b) Porque viver não é uma ciência exata, como a matemática, mas é uma arte, como a música. Podemos aprender algumas regras da música e ouvir as criações de grandes compositores, mas isso de nada nos servirá se não tivermos ouvido, nem ritmo, nem voz. Com a arte de viver acontece a mesma coisa: o que se pode ensinar é bem recebido por quem tem condições, mas para o "surdo" de nascença são coisas que o abor-

174

recém ou o deixam mais confuso do que já está. Claro que, nesse campo, a maioria dos surdos o são voluntariamente...

- c) A boa vida não é algo geral, fabricado em série, ela só se faz sob medida. Cada um deve inventá-la gradualmente, de acordo com sua individualidade, única, irrepetível... e frágil. Na questão de viver bem, a sabedoria ou o exemplo dos outros podem nos ajudar, mas não nos substituir...

A vida não é como os remédios, que vêm todos com suas bulas, explicando as contra-indicações do produto e detalhando a dose em que deve ser consumido.

A vida nos é dada sem receita e sem bula. A ética não pode suprir totalmente essa deficiência, pois é apenas a crônica dos esforços feitos pelos seres humanos para remediá-la. Um escritor francês, morto há não muito tempo, Georges Perec, escreveu um livro com o seguinte título: A vida: instruções de uso. Trata-se de uma brincadeira literária deliciosa e inteligente, não de um sistema de ética. Por isso renunciei a lhe dar uma série de instruções sobre questões concretas: aborto, preservativos, objeção de consciência, patati, patatá. Muito menos tive a ousadia (tão repugnantemente típica de quem se considera "moralizador"!) de fazer uma pregação em tom lastimoso ou indignado sobre os "males de nosso século: ah, o consumismo!, ih, a falta de solidariedade!, oh, a avidez pelo dinheiro!, uh, a violência!, ah, ih, oh, uh, a crise de

175

valores!" Tenho minhas opiniões sobre esses temas e sobre outros, mas não sou

"a ética": sou apenas seu pai. Através de mim, a única coisa que a ética pode lhe dizer é que você busque e pense por si mesmo, em liberdade, sem ardis: responsabilmente. Tentei ensinar-lhe formas de andar, mas nem eu nem ninguém temos direito de carregá-lo nas costas. Termino, no entanto, com um último conselho? Uma vez que se trata de escolher, procure uma opção que lhe permita depois o maior número possível de outras opções, não faça uma escolha que o deixe encurralado de cara para a parede. Escolha o que o abra: para os outros, para novas experiências, para diversas alegrias. Evite o que o feche e o enterre. Quanto ao mais, boa sorte! E também aquilo que uma voz parecida com a minha gritou no seu sonho quando você era arrastado pelo torvelinho: confiança!

Despedida

"Adeus, amigo leitor; tente não ocupar sua vida em odiar e ter medo."  
(Stendhal, Lucien Leuwen)

176

## **Apêndice**

Dez anos depois: diante do novo milênio

Quase dez anos se passaram desde que escrevi as páginas que você acaba de ler

(pois você as leu, não é mesmo? Muito obrigado). Meu filho Amador fez vinte e cinco anos - parece mentira, com que descaramento os filhos nos envelhecem com o

pretexto de crescerem! -, e já não me atrevo a lhe fazer recomendações morais... nem

quase de nenhum outro tipo. Provavelmente agora ele sabe como eu das coisas que

importam, e sabe mais do que eu de muitas das coisas que mais importam hoje.

Talvez algum dia seja ele quem escreva um livro para mim e, com certeza, será melhor do que esta obracinha modesta que compus há tanto tempo como se lhe dirigisse uma longa carta. Digo "como se" porque, afinal, estas páginas não foram

pensadas exclusivamente para ele nem mesmo principalmente para ele (já me suportou bastante em pessoa!): eu as escrevi para você, leitor ou leitora, para você

que agora tem um

177

pouco mais de quinze anos ou um pouco menos de dezoito, para você que não conheço embora, por sorte, nestes dez anos tenha conhecido tantos outros como

você. Para você que tem dúvidas e desejos, que quer se divertir mas também ser

justo, que não tem vergonha de pensar e quer saber quais são os caminhos da aventura humana. Para você, aventureira ou aventureiro, porque ser racional e solidariamente humano é a única aventura que vale a pena...

De modo que, agora que já passou tempo suficiente - ou tempo demais, aí! - e



Amador foi jogar sem intermediários nem professores a carta de sua vida, enfim posso falar diretamente e somente com você. Será que você vai querer me ouvir um pouco mais, um pouco depois? Suponho que, como todo mundo, você esteja ouvindo falar muito do novo milênio. O novo milênio, imagine, com todas as suas ameaças e também com suas esperanças! E talvez você até tenha chegado a indagar se haverá algo como uma "ética do novo milênio". A coisa lhe interessa, lógico, porque afinal você vai passar a maior parte de sua vida nesse tal milênio (alguns de nós, em compensação, só vamos ficar nele um pouquinho, como que de visita: somos irremediavelmente sobreviventes do século XX). De modo que a questão é: o que dissemos no século passado vale para o novo século que estamos estreando? As coisas hoje - e sobretudo amanhã - não são diferentes demais, inéditas demais? Será que não deveríamos começar a pensar de outro modo, uma vez que tudo indica que vamos viver de outro modo? Para responder na

178

medida do possível a essas perguntas acrescento estas linhas finais.

Para começar, devo dizer que não acho que essa história de mudança de século ou de milênio deva nos preocupar muito. Nem os séculos nem os milênios constituem uma medida adequada para a vida real das pessoas comuns, como você e eu, que dificilmente chegaremos a durar cem anos e, é claro, não sobreviveremos mil anos de jeito nenhum. As coisas que mais contam para nós, com seus prazeres e dores,

costumam ocupar alguns dias, horas, às vezes poucos minutos: o tempo fugaz da gargalhada ou do suspiro. Além do mais, o que importam os números que aparecem no calendário, que sejam noventa, zeros ou uns? A data não influi em nada no que acontece; ao contrário, o que acontece é que faz se destacar a data que empregamos para situar historicamente o evento extraordinário. O notável do ano 1616 é que nele morreram Cervantes e Shakespeare, mas não o fato de ser um número especial... nem os dois grandes gênios morreram quase ao mesmo tempo por causa desse número!

Afinal de contas, a cronologia é como a numeração das páginas de um livro: não determina o que se conta em cada uma delas (o protagonista pode beijar a mocinha tanto na página quarenta como na cento e três), mas serve para estabelecer o índice dos capítulos, coisa que tem pouco a ver com o argumento da narração. De modo que o fato de os calendários passarem do um seguido de muitos noventa para o dois seguido de zeros ou de dois zeros e um um não vai

179

fazer acontecer nada de bom nem de ruim. Quem leva essas coisas a sério são só os vendedores de souvenirs e de camisetas estampadas... ou os que mexem com computador e temem que o chamado "efeito dos mil" enlouqueça essas máquinas das quais dependem tantas operações cotidianas.

Mas já estou vendo você franzir a testa, com cara de quem vai me colocar uma

objeção: por acaso não é evidente que a vida humana muda de um ano para outro,  
que há meio século não tínhamos televisão, nem vídeo, nem Internet, nem cartão de crédito, nem Aids, nem viagens espaciais, nem...? Será que todas essas transformações, mesmo que não tenham nada a ver com as folhas do calendário, não contam, e muito, na hora de pensar em como podemos viver melhor? Claro, você tem razão... mas não toda a razão. Antes de comentar em que sentido acho importantes para nós essas mudanças indubitáveis, vamos lembrar por um momento aquilo que não muda. Deixe-me contar uma breve história, literalmente um conto chinês que talvez você até já tenha ouvido.

Era uma vez, na antiga China, um jovem príncipe que se tornou imperador com a morte de seu pai. Ele tinha uma nobre ambição, não tão freqüente quanto deveria ser entre os governantes: queria ser perfeitamente justo e fazer seu povo feliz. Para isso, resolveu informar-se exaustivamente sobre a história do país, sobre sua geografia, seus diversos costumes e religiões, recursos naturais, sobre os últimos estudos científicos de psicologia e sociologia,

180

os avanços tecnológicos, etc. Enfim, ele queria saber absolutamente tudo sobre como tinham vivido antes e como viviam agora seus súditos, a fim de conseguir governá-los amanhã do melhor modo possível. Para isso, reuniu os sábios mais destacados do reino e solicitou-lhes um informe enciclopédico completíssimo, que esclarecesse todas as suas dúvidas. Os especialistas puseram-se a trabalhar imediatamente, com

toda a dedicação. Passaram-se os meses, passou-se um ano, depois outro, e  
mais  
outro... Dez anos depois, a comissão de sábios apresentou-se ao imperador,  
transportando com grande dificuldade trinta volumes enormes, de vários  
milhares de  
páginas cada um, com o resultado de suas pesquisas. Mas o imperador, já  
imerso nas  
mil ocupações de suas tarefas inadiáveis de governo, ficou impaciente diante de  
uma  
obra tão prolixa: "Não tenho tempo para ler tantos calhamaços! Preciso de  
alguma  
coisa mais resumida. E depressa, pois necessito iniciar urgentemente as  
reformas  
pendentes!" Os cientistas se retiraram com reverências respeitosas e puseram  
mãos à  
obra. Entre discussões e emendas, levaram mais dez anos, ao fim dos quais  
voltaram, trazendo ao monarca quinze imensos volumes. Na época o imperador  
tentava sufocar uma rebelião nas províncias do norte e lutava na fronteira do  
leste  
contra um vizinho hostil, enquanto se empenhava em aplacar os efeitos  
desastrosos  
de grandes inundações no sul. "Onde vocês querem que eu arranje tempo para  
estudar tanto livro? Depressa, preparem-me um resumo fácil de manejar e não  
me  
sobrecarreguem

181

com detalhes supérfluos!" Murmurando queixas contra aquela exigência, os  
eruditos  
voltaram a se retirar e, com enorme esforço, conseguiram reunir todo o seu  
saber em  
um único volume, monumental e denso. O ruim é que essa façanha levou mais  
dez  
anos, e, quando chegaram triunfantes ao palácio, encontraram o antigo jovem

príncipe em seu leito de morte. A agonia não é um bom momento para se  
informar,  
de modo que não acharam conveniente deixar discretamente a enciclopédia na  
mesa  
de cabeceira do moribundo. No entanto, o chefe da comissão de sábios não se  
conformava em que a tarefa encomendada deixasse de ser cumprida:  
aproximou-se  
da cabeceira do imperador e sussurrou ao seu ouvido esta mensagem definitiva:  
"Os  
seres humanos nascem, amam, lutam e morrem." Por acaso não é sempre  
assim, em  
todos os países e culturas, em todas as épocas? É preciso, na verdade, saber  
muito  
mais para enfrentar com conhecimento de causa o projeto permanentemente  
aberto  
da vida boa?

A moral dessa história é que não convém esperar a cada trimestre, nem a cada  
século  
(eu ousaria dizer que nem mesmo a cada milênio) novidades essenciais que  
modifiquem as bases da reflexão ética. No entanto, uma coisa são os princípios  
e  
outra sua aplicação concreta em cada momento histórico. A este nível, sim,  
convém  
levar em conta as mudanças que ocorrem - e muito aceleradamente, por certo! -  
em  
nossa época. Sem ir mais longe: no último capítulo deste livro eu lhe dizia que já  
éramos neste mundo cinco bilhões de seres humanos. Pois bem,

182

como talvez você saiba, há poucas semanas o secretário-geral da ONU  
proclamou  
solenemente o nascimento do nosso semelhante número... seis bilhões! De  
modo que  
tudo o que eu dizia em "Eleições gerais" se tornou mais grave e mais urgente.

O ser humano existe em três registros, inter-relacionados uns aos outros: como pessoa individual, como sociedade e como espécie. Durante séculos, contou muito a sociedade (o grupo, a tribo, a comunidade, a nação) e pouco a pessoa individual: ainda há alguns coletivistas que querem que voltemos a essa etapa arcaica. Desde há poucos séculos, o indivíduo foi se tornando cada vez mais importante, o que obrigou à transformação do tipo de sociedade em que vivemos, fazendo-as mais democráticas e abertas para todos, porque ninguém mais quer ser mera engrenagem de uma máquina social, por mais bem lubrificada que ela seja. Mas a característica de nosso século - e, se eu não estiver enganado, mais ainda do próximo - é a tomada de consciência de que pertencemos a uma mesma espécie e de que a humanidade em seu conjunto deve tentar salvar-se toda junta... ou também morreremos todos, uns mais cedo outros mais tarde. Falar de "espécie humana" - ou melhor, de "humanidade" - não é lidar com um conceito meramente biológico (como quando classificamos outras espécies animais ou vegetais), mas indica um projeto comum, uma forma de compreender o humano a partir de uma fraternidade básica. Equivale a algo que poderíamos resumir assim: ser humano é não poder entender a si mesmo sem levar

183

em conta seus semelhantes. Um autor latino disse: "sou humano e nada do que é humano me é alheio"; ou seja, diante do melhor e do pior dos seres humanos cabem

diferentes apreciações ou avaliações, mas não a indiferença, pois a humanidade do outro sempre compromete a minha...

Não nos enganemos: viver assim não é nada cômodo, sobretudo se quisermos ir além

das palavras bonitas. Não há nada mais fácil do que amar a Humanidade em abstrato, sobretudo quando alguém quer dar uma de sublime para ficar bem: afinal,

ninguém nunca tropeça na dona Humanidade nem tem que lhe dar lugar no ônibus.

O difícil, de fato, é respeitar os outros seres humanos concretos, ainda mais quando

são "esquisitos", quando vêm de longe, falam outra língua e têm outras crenças, como acontece em muitas de nossas cidades. Respeitar o próximo que se parece

conosco é bastante óbvio, porque de certo modo equivale a respeitar a nós mesmos,

uma vez que somos como ele. A coisa começa a complicar quando temos que aceitar

o diferente, o estranho ou o estrangeiro, o imigrante. Afinal, nós, seres humanos, somos animais gregários e por isso gostamos de viver em rebanho, ou seja, entre as

pessoas que mais se assemelham a nós. Viver em rebanho é como viver entre espelhos: sempre vemos à nossa volta rostos que refletem os nossos, que falam como

nós, que comem os mesmos alimentos, que riem e choram por coisas similares.

Mas

de repente chega alguém que não pertence ao nosso clã, que tem um cheiro ou uma

cor diferente e que soa

184

de outro modo. Então o animal gregário que há dentro de nós se assusta ou desconfia, sente-se em perigo, acha que está sendo "invadido". Em resumo, nos tornamos agressivos e perigosos...

Como além de sermos cada vez mais numerosos também é cada vez mais fácil  
viajar  
e comunicar-se, a presença de "estranhos" em nosso rebanho ou tribo não pára  
de  
aumentar. Se você mora numa cidade grande, já deve ter notado isso muito  
bem. Se  
você estuda numa escola como deve ser - daquelas que não excluem nem  
segregam  
ninguém para manter sua inumana "pureza" gregária -, talvez se sente ao lado  
de  
alguém que não é um simples "espelho" seu, mas que tem uma aparência  
diferente.  
E o mais provável é que, de início, isso crie algumas dificuldades... como decerto  
também cria para o outro! Para começar vocês já têm uma coisa em comum:  
sentem  
e sabem que são "diferentes" da pessoa que, no entanto, está a seu lado. No  
entanto,  
se você controlar seus instintos gregários, se não ouvir os grunhidos do coisa  
ruim  
que está escondido em seu íntimo, logo irá descobrir que compartilha com esse  
forasteiro muito mais coisas do que aquelas que aparentemente os distinguem.  
Verá  
que, no essencial, vocês se parecem: ela ou ele também nasceu, também  
ama, luta e  
sabe que vai morrer, tal como você. Tal como você, precisa de palavras e  
compreensão, de apoio e reconhecimento.

Agora estou me lembrando de uma cena de um filme dos Simpsons: Homer vai  
visitar uma espécie de manicômio e lhe mostram um sujeito esquisitís-

185

simo, feroz e peludo; os médicos lhe dizem que nunca ninguém ouviu aquele  
monstro dizer uma palavra humana. Homer então o cumprimenta: "Oi!". E a fera  
também grunhe "oi". Todos os médicos se aproximam admirados para estudar o



prodígio, enquanto o suposto monstro reclama: "Estava na hora de alguém me cumprimentar!" A maioria das vezes o outro é incompreensível porque ninguém tem paciência para se dar ao trabalho de tentar se fazer compreender devidamente...

Na língua castelhana, a palavra huésped significa dois papéis aparentemente contrapostos: o de quem se aloja na casa de outra pessoa, o "hóspede", e o dessa outra pessoa que o hospeda em sua casa, o "hospedeiro". Mas talvez esse duplo uso um pouco desconcertante encerre uma verdade muito profunda sobre a condição humana. Porque todos nós somos ao mesmo tempo o forasteiro recebido em casa alheia e o anfitrião que o aloja e deve se preocupar com seu bem-estar. Desde que nascemos - e não se esqueça de que "nascer é chegar a um país estrangeiro", como disse um antigo grego - dependemos da hospitalidade que outros querem nos dar, sem a qual não poderíamos viver. No entanto logo somos nós, também, que devemos atender a outros que chegaram depois, tentando fazer com que eles se sintam o mais cômodos possível.

Não pergunte que direito o outro tem à sua hospitalidade; lembre-se apenas de que você também precisou dela e a recebeu; se não a recebeu, lembre-se de que gostaria de ter recebido e trate o outro como

186

desejaria ter sido tratado, não como de fato foi tratado. Afinal de contas, todos nós,

humanos, somos imigrantes neste planeta; e então quem chega de outro país  
não vem  
de mais longe nem é mais "estranho" do que quem surgiu pela primeira vez do  
nada  
do ventre de sua mãe. Quem pode se parecer mais com você, quem tem mais  
direito  
de se chamar seu semelhante e até seu irmão do que aquela ou aquele que  
chega não  
se sabe de onde, quanto mais longe melhor? Talvez toda a ética, da qual tanto  
estamos falando, possa se resumir em respeitar as leis nãoescritas da  
hospitalidade:  
em todas as época e latitudes, comportar-se hospitaleiramente com quem o  
necessita  
- e por isso se assemelha a nós - é ser realmente humano. Como viemos não se  
sabe  
de onde, temos que dar uma piscadela cúmplice a qualquer um que chegue não  
se  
sabe de onde... Já que antes elogiamos a perspicácia da língua castelhana no  
duplo  
uso que faz da palavra huésped, vamos agora render tributo à língua inglesa, em  
que  
se responde lindamente à palavra "obrigado" com o lema universal dos bons  
anfitriões: you are welcome, isto é, "seja bem-vindo".

Mas as obrigações da hospitalidade estendemse ainda mais. O bom huésped -  
nos  
dois sentidos da palavra - procura não apenas ser fraterno com seus  
semelhantes  
como também respeitar e cuidar ao máximo da casa em que hospeda os outros.  
Essa  
"casa" de todos é justamente o planeta Terra, no qual habitamos (embora você  
mesmo ou seus filhos, quem sabe, tenham a oportunidade de algum dia ocupar

outro lar, em todo o universo, que não seja este modesto corpo celeste de  
terceira  
categoria em que já nos acostumamos a viver. Se o poluirmos fatalmente ou  
destruirmos seus recursos... onde iremos arrumar, a médio prazo, um substituto  
para  
ele?

Há alguns séculos, quando os seres humanos eram muito menos numerosos e  
necessitavam de menos fontes de energia natural, podia-se habitar a Terra  
como se  
suas águas, suas árvores e suas minas fossem infinitas. Hoje esse desperdício é  
um  
luxo que não podemos nos permitir, porque nossa economia global produz agora  
em  
três semanas mais do que nossos avós produziam em todo um ano. Esse  
dispêndio  
de elementos naturais insubstituíveis constitui um desafio a nossa prudência  
moral,  
primeiro pela injustiça que supõe que os países mais desenvolvidos gastem e  
poluam  
cem vezes mais que todos os outros, e, depois, quando pensamos em nossos  
próximos descendentes... para com os quais temos antecipadamente certas  
obrigações como huéspedes futuros! De modo que a hospitalidade bem  
entendida -  
ou seja, eticamente entendida - começa por nos preocupar com a boa  
manutenção  
desta "nave" interplanetária na qual todos juntos viajamos pelo cosmo... embora  
descrevendo círculos.

E o que mais? Bem, agora só me resta despedir-me. E recomendar a você que  
não  
espere milagres salvadores nem dos novos séculos nem dos novos milênios,  
pois  
nenhum calendário traz realmente nada

de novo à vida dos homens. Confie apenas em você e em seus semelhantes,  
naquilo  
que podemos (vocês podem!) fazer todos juntos - bastando querer de verdade.  
Inteligentemente. Quanto ao mais, como dizem meus amigos mexicanos ao se  
despedir, que te vaya bonito...

189

***OBRAS DE FERNANDO SAVATER***  
***PUBLICADAS POR ESTA EDITORA:***

Ética para meu filho

Política para meu filho

O valor de educar

Ética como amor-próprio

Desperta e lê !

A infância recupera!

As perguntas da vida

A rédea Solta (literaturajjuvenil)